

PARTICIPAÇÃO

A Revista de Extensão da Universidade de Brasília • Pesquisa aplicada na prática

ANO 23 nº 40
Dezembro/2023
ISSN 1677-1893
ISSN Online 2238-6963

Extensão universitária:
inovação curricular
comprometida com
a transformação social

R4S4

REVISTA PARTICIPAÇÃO, ROGÉRIO FERREIRA, EDITOR CIENTÍFICO.
– ANO 23, nº. 40 (DEZEMBRO. 2023) – BRASÍLIA: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, DECANATO
DE EXTENSÃO, 1997 – .

N (100) P.: IL. COLOR. ; 30 CM.

SEMESTRAL

DESCRIÇÃO BASEADA EM: ANO 20, N. 36 (DEZEMBRO 2021)

TEMÁTICA: EXTENSÃO COMO MEIO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA UNIVERSIDADE.

ISSN 1677-1893

1.EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2. FORMAÇÃO ACADÊMICA. 3. INSTITUIÇÕES DE
EDUCAÇÃO SUPERIOR - BRASIL. 4. DARCY RIBEIRO.

I. TÍTULO. II. FERREIRA, ROGÉRIO (ED).

CDU 378.147.867

EXPEDIENTE

PARTICIPAÇÃO

Revista do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília

Ano 23 - No 40 - dezembro/2023

ISSN 1677-1893

Periodicidade: Semestral

Tiragem: Digital

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decano de Administração

Abimael de Jesus Barros Costa

Decano de Assuntos Comunitários

Ileno Izídio da Costa

Decano de Ensino de Graduação

Diêgo Madureira de Oliveira

Decana de Extensão

Olgamir Amancia

Decano de Pós-Graduação

Lucio Remuzat Rennó Junior

Decana de Pesquisa e Inovação

Maria Emilia Machado Telles Walter

Decana de Gestão de Pessoas

Maria do Socorro Mendes Gomes

Decana de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional

Denise Imbroisi

DECANATO DE EXTENSÃO

Diretoria de Desenvolvimento e Integração Social (DDIS)

Rogério Ferreira (Diretor)

Diretoria Técnica de Extensão (DTE)

Alexandre Pilati (Diretor)

Diretoria de Difusão Cultural (DDC)

Priscila Almeida Andrade (Diretora)

EDITORIAL

Editor Científico

Prof. Dr. Rogério Ferreira (DEX/UnB)

Edição e Organização

Isadora Vergara (UnB)

Guilherme Alves (UnB)

Projeto Gráfico

Luís Henrique da Silva Menezes (UnB)

Diagramação e capa

Iara Pierro de Camargo

Revisão de Texto

Guilherme Alves (UnB)

CONTATO

Telefone: (61) 3107-0315

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Prédio da Reitoria, 2 piso, Sala B1-42

CEP: 70910-900. Brasília, DF.

www.dex.unb.br

SEER: <http://periodicos.bce.UnB.br/index.php/participacao/index>

e-mail: revistaparticipacao@gmail.com



Universidade de Brasília

Decanato de Extensão

SUMÁRIO

8

Extensão universitária: inovação curricular comprometida com a transformação social

por Rógerio Ferreira

12

Entrevista: Simone Imperatore: “A extensão não é um acréscimo, mas sim parte integrante”

por Guilherme Alves

22

A extensão (ou comunicação) em Psicologia como instrumento para um projeto de Psicologia Popular

Pedro Henrique Antunes da Costa

36

De “Potencialidades dos 50+” a “Espaço Criativo das Poderosas”: Relato de Experiência sobre a inserção da Extensão em um CRAS

Ana Laura Pereira Moreno

Hítalo de Souza Duarte

Mariana da Cruz Pinto

Pedro Henrique Antunes da Cost

Silvia Beatriz Moreno Diniz

Tainá Victoria Machado

50

Desdobramentos de atividades voltadas para a formação de leitores numa escola da educação básica do Distrito Federal por meio de um projeto de extensão

Lucas Moreira
Marya Pedroza
Luciene Viana Guedes Moreira

73

Estímulo às Funções Executivas: Um relato de experiência na Educação Infantil

Claricy Araújo Rodrigues
Bianca de Melo Ferreira
Alena Nobre
Jacqueline Travassos de Queiroz

83

Análise sobre a Extensão Universitária “Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas”

Diego de Medeiros Santos
Ubirathan Rogerio Soares

97

A Liga Acadêmica como Instrumento para Consolidação do Ensino no Processo do Desenvolvimento Multiprofissional na Área da Saúde: Relato de Experiência

Mateus Gomes de Barros
Thiago Glória de Almeida
Ana Clara de Sousa Timote
Tatiana Ramos Lavich

111

Eletrificação rural e desenvolvimento local: implantação de sistema híbrido solar hidrocínético numa comunidade na Resex Tapajós-Arapiuns

Rudi Henri van
Lazaro João Santana da Silva
Rafael Castilho Faria Mendes
Manoel Roberval Pimentel Santos
Karina Ninni Ramos

129

A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica através do Projeto EACINE com o documentário: “É Rio Ou Valão”

Suzana Bittencourt
Márcia Bezerra
L. N. Luiza

146

Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão

Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Clarice Maués
Clara Fonseca
Julia Fonseca
Welitânia Rocha
Sirlene Passold
Rosiene Santos

APRESENTAÇÃO

Extensão universitária: inovação curricular comprometida com a transformação social

Rogério Ferreira^[1]

Sim, chegamos à quadragésima edição da Revista Participação! Nestas mais de duas décadas de existência, é sempre um privilégio ter você como leitor(a) deste veículo de comunicação que busca permanentemente gerar debate acerca da Extensão Universitária! Sigamos juntos, buscando cada vez mais aprofundar o diálogo entre sociedade e universidade!

Desta vez, quem gentilmente nos concedeu uma importante entrevista foi a professora Simone Loureiro Brum Imperatore. Com contundência, Simone mostra a necessidade de a universidade combater a perspectiva de extensão bancária, voltando-se para construção continuada de uma postura crítico-dialógica de extensão. Aponta ainda para a necessidade de a academia se despir “[...] da sua vaidade epistêmica”, abrindo-se a um efetivo diálogo com as comunidades por meio de buscas coletivas de solução para questões sociais. Em sua visão, o compromisso com a transformação social é elemento chave da extensão universitária. Diz também que é preciso superar o voluntarismo, potencializando o rigor metodológico das práticas extensionistas. Ao afirmar que “[...] extensão é uma inovação curricular com impacto social”, “[...] é uma práxis educativa, colaborativa, que se efetiva no contexto social”, oportuniza importante reflexão acerca da extensão como mobilizadora de processos formativos socialmente referenciados. O Corpo Editorial da Revista Participação agradece fortemente à professora Simone por contribuir de modo tão especial para nossa edição de número 40.

[1] Diretor de Desenvolvimento e Integração Social DDIS/DEX/UnB

Além da entrevista, esta edição conta com nove artigos. O primeiro deles, *A extensão (ou comunicação) em Psicologia como instrumento a um projeto de Psicologia Popular*, evidencia a importância da extensão universitária como meio para uma ressignificação da Psicologia. Evidencia-se que o diálogo entre Extensão e Psicologia pode assumir um importante papel para o fortalecimento da auto-organização e da “[...] autodeterminação das maiorias populares na construção do poder popular[...]”. O artigo subsequente, *De “Potencialidades dos 50+” a “Espaço Criativo das Poderosas”: Relato de Experiência sobre a inserção da Extensão em um CRAS*, também contextualizado no campo da Psicologia, traz a dimensão formativa do estudante no âmbito da extensão universitária de modo indissociável com o ensino e a pesquisa. O texto mostra que um efetivo envolvimento dos estudantes com a comunidade de referência do Riacho Fundo II – Região Administrativa do Distrito federal – corrobora o “rompimento com a lógica de hierarquia de saberes”, fomentando possibilidade formativa diferenciada, socialmente compromissada. O projeto colocado em foco objetiva desenvolver atividades voltadas à promoção de saúde e bem-estar social para pessoas com mais de 50 anos de idade. O terceiro artigo, *Desdobramentos de atividades voltadas para a formação de leitores numa escola da educação básica do Distrito Federal por meio de um projeto de extensão*, trata do projeto de extensão *Leitoureiros*. Visa-se promover vivências de natureza exploratória e lúdica, permeadas pela prática de leitura coletiva, em uma escola de Educação Básica. Como resultado, tem-se a potência das ações realizadas no que tange à obtenção de conhecimento novo, consolidando o ato coletivo de ler como importante campo de reflexão, formação, afetividade e inclusão.

Estímulo às Funções Executivas: um relato de experiência na Educação Infantil analisa a importância da realização de brincadeiras para o desenvolvimento infantil. Os resultados apresentados advêm de uma intervenção realizada em uma escola de educação infantil de Garanhuns-PE. Investiga-se o desenvolvimento das funções executivas em crianças, acenando para uma melhora tanto no desempenho escolar quanto comportamental das crianças envolvidas na ação de extensão/pesquisa. Na sequência, o quinto texto, *Análise sobre a Extensão Universitária “Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas*, é construído no âmbito do Componente Curricular Antropologia Jurídica do Curso de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus CERES. Em tempo de pandemia, a realização de encontros remotos voltados ao debate acerca da Dromologia possibilitou aos estudantes o desenvolvimento de uma visão mais crítica acerca das profundas transformações que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Em seguida, em um rico encontro entre a Extensão Universitária e o campo da saúde, o artigo *A Liga Acadêmica como Instrumento para Consolidação do ensino no Processo do Desenvolvimento Multiprofissional na Área de Saúde: Relato de Experiência* mostra a importância de uma formação diferenciada, criticamente aprofundada, em torno de temas que se vinculam ao sistema cardiovascular. Por meio de ações extensionistas, resultados promissores foram alcançados no que tange à formação dos estudantes da área de saúde, gerando maior domínio e vivência acerca dos referidos temas.

O sétimo artigo, *Eletrificação rural e desenvolvimento local: implantação de sistema híbrido solar hidrocínético numa comunidade na Resex Tapajós-Arapiuns*, coloca no centro das atenções, em contexto rural, tecnologias de geração descentralizada de energia a partir de fontes renováveis. São apresentados resultados de uma instalação realizada em uma comunidade da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. Respeitando-se as demandas energéticas locais, os conhecimentos prévios dos moradores da comunidade, bem como o potencial de energia renovável presente neste contexto específico, é apresentada como principal meta o empoderamento dos moradores para que possam gerenciar o sistema híbrido instalado, utilizando a energia gerada como aporte para o desenvolvimento comunitário. O penúltimo texto desta edição da *Participação* se contextualiza em escolas da região metropolitana de Belém-PA: *A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica através do Projeto EACINE com o documentário: “É Rio Ou Valão”*. Em perspectiva de Educação Ambiental, o referido documentário propiciou a estudantes do Ensino Fundamental flagrante evolução reflexivo-argumentativa, aprofundamento crítico e amadurecimento na busca de soluções para problemas inerentes aos seus próprios contextos de vida. Os estudantes do Curso de Biologia da Universidade Federal do Pará envolvidos com o projeto, mais do que ensinar, aprenderam a aprender com os estudantes da Educação Básica. Por fim, *Terapeutas populares ou tradicionais e o cuidado com as pessoas e o cerrado: ações de extensão* apresenta um projeto realizado na região da Chapada dos Veadeiros que objetiva mapear, valorizar e compreender os ofícios desenvolvidos pelos terapeutas populares. O diálogo intepistêmico propiciado pela ação gera profunda reflexão sobre o papel social que deve efetivamente ser assumido pelas universidades brasileiras.

Este conjunto de nove artigos, ambientados nos campos da Psicologia, Educação, Saúde, Antropologia, Direito, Biologia e temas correlatos, somados à entrevista da professora Simone Imperatore, mostra a potência da Extensão Universitária como meio interdisciplinar que, de modo indissociável com ensino e pesquisa, gera permanente sinergia entre comunidade e universidade.

Excelente leitura! Boas reflexões!



ENTREVISTA

ENTREVISTA

Simone Imperatore: “A extensão não é um acréscimo, mas sim parte integrante”

por Guilherme Alves^[1]



Simone Loureiro Brum Imperatore^[2]

*é Pós-doutora e Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (2017), Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2007) e Bacharel em Ciências Contábeis (2001) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2021). Em 2019, publicou o livro *Curricularização da Extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais*. Nesta entrevista, ela fala sobre o papel social da Universidade, extensão no Brasil e na América Latina e sobre como reforçar a conexão com a sociedade.*

[1] Jornalista do Decanato de Extensão (DEX/UnB) e Mestre em Ciência Política pelo Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (Ipol/UnB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6236964953654046>

[2] Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5737452160155953>

Primeiro, gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica e como começou sua relação com a Extensão Universitária

Sempre me identifico como uma trabalhadora: aluna trabalhadora, professora na área de gestão e negócios, e que se constituiu pesquisadora na e pela extensão. Minha formação inicial é Ciências Contábeis. Sou egressa de uma instituição comunitária, a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões – e já naquela época, no início dos anos 2000, eu já trabalhava com projetos aplicados dentro dos componentes curriculares, ou seja, aprendizagem baseada em projetos, no interior do Rio Grande do Sul. E já entendia que esta era a melhor forma de experienciar a trajetória de formação acadêmica. Também sou licenciada em pedagogia. Eu entendi que a minha missão era educação e retomei minhas origens, no curso de magistério. Então eu queria muito ter cursado pedagogia, pois foi a consolidação daquilo que eu já vinha fazendo em educação desde sempre. Sou Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social e Mestre em Desenvolvimento Regional. Pode-se perceber que é uma formação bem eclética. Porque, na verdade, enquanto aluna trabalhadora, eu fui descobrindo caminhos. Não tive como planejar isso, eu fui fazendo. Aprendi desde cedo com processos de alfabetização na vida adulta, que, vamos dizer, meu braço na educação: alfabetização de jovens e adultos. Minha formação acadêmica começou fora da academia – aprendendo com saberes populares. Aprendendo com as pessoas, um aprendizado empírico e colaborativo.

De que Extensão fala o Plano Nacional de Educação? Ou seja, de qual Extensão estamos falando quando queremos que os estudantes cumpram 10% do currículo dedicado a essas atividades?

Costumo dizer: de qual extensão não estamos falando? A gente não está falando de uma extensão bancária, que prescreve saberes – transferencista, unidirecional, autoritária, invasiva. A gente está trabalhando sob a perspectiva da extensão crítica. Ou seja, uma extensão crítico-reflexiva, produtora de conhecimentos. Uma extensão construída de forma dialógica, construída com as comunidades e com os diferentes públicos. Esse é o maior exercício da universidade que também aprende, aprende a dialogar e tem que se despir da sua vaidade epistêmica. Então nós estamos falando de uma extensão que problematiza a realidade, que teoriza dialogicamente acerca dessas demandas, dessas problemáticas sociais, que aplica conhecimentos em prol da resolutividade de questões sociais, que sistematiza, que avalia resultados. E esses aprendizados se referem à aprendizagem de ciência, exatamente ao nível de resolutividade das ações desenvolvidas sob a perspectiva dos públicos. Então essa extensão se dá em uma perspectiva de compromisso com a transformação social, mas é uma extensão que tem metodologia, que tem sistematização. Porque ela não quebra com aquela espécie de voluntarismo, então, na verdade, ela obrigatoriamente se embasa na elaboração fundamentada em projetos, com a delimitação de questões essenciais de forma

estratégica, com um acordo de trabalho. No entanto, tudo isso está inserido em propostas diversas, que podem ser pesquisa-ação, aprendizagem baseada em projetos, ou até mesmo educação, design thinking aplicado à extensão. A extensão está associada ao fato de estarmos habituados a trazer um projeto da universidade e aplicá-lo na sociedade. E essa é uma das questões nas quais vou me concentrar dentro do Plano Nacional de Educação, que destina 10% do currículo a programas e projetos de extensão. Essas ações pontuais precisam estar dentro de um projeto, deve ser uma ação de médio e longo prazo, comprometida verdadeiramente com a continuidade das ações. E essa abordagem emerge dessa análise da realidade, desse ciclo completo, desde a compreensão da realidade até a observação e a discussão. Ação, reflexão e ação. É uma práxis educativa, colaborativa, que se efetiva no contexto social. Sempre em diálogo com uma variedade de públicos, sejam eles os implicados, alvos ou beneficiários - públicos participantes visando a coprodução e aplicação de conhecimentos para a concretização da transformação social. Em minha visão, esse é o elemento que opera; deve ser mantida essa perspectiva de continuidade a médio e longo prazo. Ela tem que ser processual e tem que ser orgânico-institucional, tem que ter aderência ao alinhamento estratégico e, especialmente, tem que ter aderência aos objetivos acadêmicos e comunitários – alinhada ao perfil de formação dos acadêmicos e acadêmicas, alinhado ao perfil de formação dos cursos e alinhadas demandas pactuadas com a própria sociedade, orientada por um processo metodológico. Claro que ela assume uma dimensão pedagógica, desde que conectada ao ensino e a pesquisa: é uma questão importantíssima. Passa por uma teorização, não somente acadêmica, mas como fundamento da ação. Isso exige uma teorização que parta também das práticas sociais, dos conhecimentos sociais que vão trazer novas perspectivas para o próprio conhecimento acadêmico. Por isso, sempre tenho dito que esta Extensão é uma inovação curricular com impacto social.

Quais desafios as Instituições de Ensino Superior brasileiras têm enfrentado na implementação da meta 12.7 do PNE?

O principal desafio é a construção de uma epistemologia da extensão. Vamos refletir e ressignificar de que extensão nós estamos falando, de que pesquisa nós estamos falando. Coerentes com a missão, visão e valores da própria instituição. Porque não existe uma prescrição, uma fórmula, porque extensão é identidade. Identidade institucional, ou seja, para entender de que extensão nós estamos falando, de que instituição e de que proposta educacional? Outra questão é a instituição se colocar como aprendente, não como uma instituição que tem a responsabilidade de levar conhecimento a uma relação extramuros. Aprender a dialogar de forma intra-institucional, dentro da universidade, tem sido um desafio permanente, para que se possa estabelecer um diálogo efetivo com a comunidade. Nós temos dificuldades de dialogar dentro da própria instituição exatamente por segmentações que existem dentro das próprias instituições de ensino superior. Outro desafio é a formação docente. Nossos docentes não têm formação ou experiência em extensão. Não teve

na sua formação acadêmica, não tem na sua vivência acadêmica, não tem no seu fazer acadêmico – a extensão é uma grande incógnita. E nós precisamos investir em formação docente e experiência docente, e aqui me refiro a programas e projetos em extensão, ou seja, um percurso sistematizado e orgânico de ações concertadas. Concertadas com “c”, harmonizadas. E da ressignificação do papel deste professor, desta professora, que deixa de ser o único referencial de um componente curricular. Abre a outros referenciais dentro da construção do conhecimento. Quero outros especialistas, quero saberes populares, quero ampliação inclusive do próprio processo e reflexão teórica a partir do incentivo à iniciação científica. O desafio para a instituição é sua auto reflexão acerca do seu compromisso histórico com a educação. Mas, ao mesmo tempo, de que educação nós estamos falando? Para que possamos entender de que extensão nós estamos falando, e de que pesquisa, dada esta indissociabilidade.

Como a Extensão pode fortalecer o papel social da universidade?

Eu já presidi o Prêmio de Responsabilidade Social da América Latina da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, tenho uma longa trajetória no Observatório Social da América Latina e Caribe. Então vejo que há um equívoco ao dizer que a extensão é o braço social da instituição. Eu costumo perguntar assim: então a pesquisa não tem responsabilidade social? Qual é a responsabilidade social do ensino, da gestão? Por isso, eu falo que é um processo orgânico institucional. Tudo isso está articulado, então a extensão, sim, fortalece o papel social – em conjunto com as demais dimensões acadêmicas. Então, afinal de contas, qual é o compromisso social das instituições? O que cada uma delas estabelece como diretriz? Qual a concepção de compromisso social? Como ela delinea a sua política de responsabilidade social e de política cultural, por exemplo? Porque normalmente as políticas de ensino, pesquisa e extensão estão todas muito bem estabelecidas: Inovação, ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. Está tudo lá, mas por vezes eu sinto uma carência muito grande das políticas de responsabilidade social, especialmente socioambiental. Eu acho que o fortalecimento do papel social da universidade precisa considerar a extensão um dos braços, uma das dimensões que são concertadamente responsáveis pelo papel social da universidade. Nesse processo contínuo, permanente, de ressignificação e reflexão institucional.

Sempre falamos sobre o tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. A curricularização fortalece a Extensão, mas como podemos tornar essa articulação mais equilibrada?

Nós temos um marco legal que preceitua todos esses aspectos. Um conjunto de leis, desde a Constituição até a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelece essa conexão entre ensino, pesquisa e extensão, em diferentes momentos. Posteriormente, isso se reflete nos planos nacionais. Na verdade, o currículo da extensão – e você observa que ainda continuo refe-

rindo-me à curricularização, permita-me a expressão – pois entendo que em ação, um currículo em movimento, particularmente na América Latina, tem uma semântica mais forte: curricularização como um currículo em ação. Esta é a diferença da extensão à qual estamos nos referindo, pois essa intenção não admite a possibilidade de desvinculação da pesquisa. Desde sua concepção, ela já nasce com essa prerrogativa. É uma extensão intrinsecamente vinculada à pesquisa. Quando falamos em pesquisa, que tipo de pesquisa estamos considerando? Esse é outro aspecto que devemos abordar. Quando mencionamos problematização, compreensão da realidade, diagnóstico – estamos, na verdade, falando de pesquisa. Quando tratamos da teorização sobre essas questões fundamentais para a ação, do que estamos falando? Estamos falando de pesquisa, da construção de conhecimento, não é mesmo? Mas, é claro, não se trata apenas de conhecimento teórico; também engloba o conhecimento das práticas sociais e sua eficácia. Além disso, ao mencionar o desenvolvimento das ações, que é verdadeiramente o cerne da prática extensionista, e toda a avaliação de resultados - o que é isso? Também se trata de pesquisa. E a sistematização do conhecimento adquirido, das aprendizagens, da experiência que trago aqui, citando meu estimado Oscar Hara, que atualmente está enfrentando problemas de saúde, mas continua sendo nossa inspiração constante em relação à sistematização do conhecimento. Portanto, nós chegamos a um ponto em que não consigo mais pensar em uma extensão que não abarque isso, por isso ela não pode ser esporádica, concorda? Quando mencionei anteriormente a questão dois, falava justamente disso: uma extensão fundamentada no diagnóstico, na vinculação com os territórios e com o público, e isso só é viável por meio de diversas metodologias, todas orientadas pela pesquisa. Sinceramente, não consigo visualizar uma abordagem diferente.

Quais premissas conceituais definem uma atividade acadêmica como extensão universitária passível de ser inserida no currículo? Sem aumento de carga horária, a inserção curricular pode prejudicar a formação dos estudantes em componentes optativos?

Primeiramente, a extensão está articulada à pesquisa, é dialógica e orientada por um rigor metodológico que a constitui como princípio, processo e metodologia de aprendizagem em contexto real. Isso se constitui como um ethos de cocriação e aplicação de conhecimentos para solução de problemas reais. São algumas premissas, embora não todas, que definem e orientam essa reflexão sobre a extensão. Por que estou falando nisso? O debate gira em torno do aumento da carga horária e da inserção curricular. Primeiramente, a legislação determina não apenas 10% do currículo em programas e projetos de extensão. Além disso, há a questão da universalização da extensão, ou seja, a experiência extensionista é abrangente e universal. Portanto, não podem ser componentes seletivos, devem ser optativos ou ter outro nome que sugira isso. A menos que todos os cursos optativos tenham essa conotação extensionista, pois o histórico do aluno deve evidenciar sua trajetória extensionista. Dentro de um currículo flexível, a instituição pode alocar 10% de maneira

flexibilizada para que o aluno possa escolher em quais programas e projetos ele deseja participar de acordo com seus interesses e percurso formativo. Gosto da abordagem do professor Gustavo Menezes, um argentino que apresenta uma nova forma de conhecer. Tenho trabalhado com várias possibilidades de integração e inserção curricular da extensão. Claramente, a melhor opção seria visitar e reestruturar completamente o currículo. Isso permitiria partir do princípio, revisar toda a proposta, já que o currículo deve ser algo unificado. Necessidade de revisão e estabelecimento de uma trilha extensionista desde o início, transversal a todas as etapas do currículo, desde a matriz curricular. Além disso, tenho visto a possibilidade de uma estratégia metodológica que emerge da leitura territorial para identificar demandas e problemas locais. No entanto, essa priorização deve surgir do diálogo com os públicos locais para definir quais demandas merecem prioridade. A partir disso, visitar o currículo para identificar os componentes curriculares que dialogam com essas demandas e transformá-los metodologicamente, adotando a aprendizagem baseada em projetos e outras metodologias.

A maioria dos professores não possui essa experiência em formação e extensão, e não consegue compreender que não há aprendizagem mais significativa do que a vivência, a experiência em si. Isso poderia ser discutido por um tempo considerável, mas trata-se de aprendizagem experiencial. Nesse sentido, não há necessidade de aumentar a carga horária; precisamos, na verdade, mudar a estratégia de trabalho. Em vez de transmitir conhecimento, os alunos aprendem ao fazer, a partir de todo o ciclo descrito anteriormente: compreender a realidade, problematizar, diagnosticar, utilizar essas demandas e questões fundamentais. Isso inclui diversificar os referenciais e os componentes curriculares, incorporando a escuta desses públicos e saberes presentes no cotidiano das comunidades, que agregam conhecimentos adicionais. Simultaneamente, propõem-se ações, desenvolvem-nas, avaliam-nas, consideram sua eficácia, mas em diálogo com os públicos, tendo em vista suas perspectivas. Finalmente, a sistematização do conhecimento é essencial. Muito se fala em metodologias ativas, entretanto, não há metodologia mais ativa do que a pesquisa e extensão. Estamos tratando da experiência de aprendizagem. Não se trata de ocupar um espaço extra; a extensão não é um acréscimo, mas sim parte integrante.

Durante a pandemia, para que a Universidade não parasse, a Extensão foi realizada de forma remota. Você enxerga novas possibilidades de diálogo entre Universidade e Sociedade?

Eu vivenciei essa realidade durante o período pandêmico. O desenvolvimento de projetos, de ações, depende da natureza do público envolvido. Portanto, se estivermos trabalhando com empresas, é viável executar parte dessas ações de forma remota. Se estivermos lidando com escolas, também é possível realizar algumas etapas remotamente. Entretanto, ao considerar o trabalho com comunidades quilombolas, indígenas ou outros públicos em situação de vulnera-

bilidade, observo muitas dificuldades para realizar atividades de forma remota. Em alguns casos, tivemos trabalhos que se distanciaram significativamente da concepção de extensão que mencionei anteriormente, focando essencialmente na comunicação, socialização de conhecimentos e disponibilização de acesso por meio de cursos e eventos. Apesar disso, acredito que, dentro dessa extensão que busca promover uma reconexão da universidade com a sociedade, as tecnologias podem nos auxiliar em vários aspectos. Parte dessas atividades pode ser realizada de forma remota, já que não se trata de uma situação em que todos estão no mesmo lugar, ao mesmo tempo, o que é evidente em uma dinâmica de sala de aula. Imaginemos, por exemplo, que em uma aula com sessenta alunos, dividimos a turma em dez grupos de seis estudantes cada, abordando temas como matemática e direitos humanos. Cada grupo desenvolve projetos distintos de acordo com a realidade vivenciada, seja em uma associação de bairro, escolas, local de trabalho, órgão governamental, entre outros. Dependendo dos públicos desses grupos, teremos projetos diferentes, pois cada um estará vinculado à realidade específica que abordam. Todos passarão por etapas de diagnóstico, problematização e ciclo de ação. Dessa forma, acredito que algumas dessas etapas podem ser realizadas à distância, de forma conectiva e colaborativa, especialmente no contexto da internacionalização dessas atividades. Observando as experiências de nossos colegas latinoamericanos, em particular na extensão crítica, percebo a oportunidade de ampliar discussões sobre questões comuns e problemáticas que enfrentamos. Portanto, vejo possibilidades de parte das atividades serem conduzidas remotamente, embora não integralmente, de maneira alguma.

Desde 2017, a UnB atua no DF e Entorno por meio dos Polos de Extensão, em conjunto com a comunidade das cidades, de movimentos sociais, da sociedade civil e do poder público. Considera que essa territorialização é importante para a relação entre Universidade e Sociedade?

Enfrentamos desafios consideráveis na extensão, principalmente no que diz respeito à reconexão da universidade com a comunidade, considerando sua história e contexto, e especialmente com seu território. É crucial direcionar o aprendizado para o diálogo social, vislumbrando novas possibilidades de interação entre universidade e sociedade. Tenho dedicado esforços à perspectiva de fóruns comunitários, tanto para estabelecer diretrizes e linhas de trabalho quanto para as devolutivas. Antes de agir, é imperativo ouvir. A vinculação social se apresenta como um amplo fórum, tema abordado em meu livro publicado em 2019, embora seja uma experiência datada desde 2010. A sistematização de uma década de trabalho iniciou-se com a escuta ativa e empática para compreender a sociedade, suas demandas e construir trilhas extensionistas no currículo. Visualizo diversas possibilidades, mas para isso a universidade precisa, inicialmente, promover um esforço dialógico institucional. Isso requer um diálogo intra e interinstitucional, entre a insti-

tuição de ensino superior e outras entidades. A instituição deve aprender a dialogar e passar por um processo de territorialização e levantamento de dados sobre esses territórios. É necessário institucionalizar linhas de trabalho orientadas por esse diálogo, pactuação e priorização, alinhadas ao marco estratégico da extensão e da universidade, coerentes com sua missão, visão, valores e princípios educacionais. Além disso, é fundamental sistematizar fluxos, processos, registros e evidências, integrando essas informações aos documentos institucionais como o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), PTC (Projeto Pedagógico do Curso), PVCs (Projeto de Vida do Curso) e nos processos avaliativos, bem como na documentação dos alunos e registros acadêmicos. Devemos explorar diversas possibilidades, como a difusão através dos sites universitários, estabelecimento de novos canais de relacionamento e a criação de canais para registrar as demandas da sociedade. Requer-se, portanto, o restabelecimento de fóruns comunitários para a construção de um currículo tripartite, cuja responsabilidade é compartilhada entre a instituição de ensino, a comunidade acadêmica (docentes e técnicos-administrativos) e a comunidade implicada e participante dessa proposta curricular.

Como aprofundar a conexão com os povos desses territórios?

Falo aqui sobre a territorialização, do movimento da universidade para além de seus muros, estabelecendo uma conexão social e política conjunta com a comunidade, a sociedade, os movimentos sociais, organizações sociais e todos os setores, inclusive o poder público. Essa territorialização, como mencionei anteriormente, é um estágio crucial para qualquer estratégia de extensão. Entendo isso como a essência do processo. Para aprofundar essa conexão, destaco a importância dos fóruns comunitários. É necessário que os diversos atores sociais, movimentos e instituições governamentais, sociais e coletivas também se envolvam no território universitário. Essa interação busca não apenas aprofundar a conexão dos povos com o território, mas também da universidade com esses territórios e todos esses atores sociais, governamentais e empresariais. A recíproca é fundamental. Nos cursos de engenharia, por exemplo, é crucial definir com quem iremos dialogar. Dentro da reflexão sobre a resignificação da extensão, surge a questão fundamental de com quem estabelecer diálogo. Essa definição faz parte do perfil de formação dos alunos e dos cursos. Estabelecer rotas de aproximação com os territórios não basta; é necessário criar canais de comunicação e vínculo contínuo. É preciso desenvolver estratégias de relacionamento. O modo como isso será realizado depende da disposição da instituição de ensino superior em dialogar e compartilhar a responsabilidade do percurso formativo com a sociedade. Destaco também uma premissa fundamental: a formação socioformativa. Esse conceito enfatiza uma formação em sociedade, com a sociedade e orientada pelas demandas sociais. Portanto, estamos falando de uma formação que se dá em conjunto com a sociedade e é direcionada por suas necessidades.

Hoje, você tem vínculo com a Universidade Nacional Autônoma de Honduras. Como enxerga a Extensão nas Universidades brasileiras em comparação com o resto da América Latina?

Faço parte da Uleu (União Latino-Americana de Extensão Universitária) e sou consultora do Observatório de Responsabilidade Social da América Latina e Caribe. Desde 2010, tenho me aproximado das práticas extensionistas na América Latina. Temos exemplos como a curricularização, pioneira no Uruguai, e sucessivamente, na Argentina, com inúmeras modelagens de curricularização da extensão, já com mais de uma década de experiência e resultados. Na América Latina, vemos um esforço onde a curricularização não é obrigatória em todos os países, mas em locais como Honduras, mesmo não sendo legalmente obrigatória, está sendo concebida como uma experiência de aprendizagem indispensável e universalizada para todos os acadêmicos. Nesse contexto, percebo que a reflexão sobre a extensão na América Latina está mais avançada, considerando a natureza pública da educação superior. Há um compromisso com a transformação social inerente às instituições públicas e comunitárias. Isso confere à extensão um sentido distinto. No Brasil, com a predominância do setor privado na educação superior, seja pelo número de instituições privadas ou pelas matrículas nesse setor, a perspectiva é diferente. Estamos falando de instituições predominantemente organizadas administrativamente como faculdades, em grande medida sem tradição de pesquisa. Isso dificulta a concepção de uma extensão crítica, articulada à pesquisa, que não seja meramente transferencista, que não se restrinja à mera socialização do conhecimento acadêmico ou à prestação de serviços. No entanto, essa tem sido a formulação mais comum nas universidades brasileiras. Há a tendência de pulverizar ações no currículo, o que é um equívoco conceitual e contraditório ao que temos construído nos últimos vinte anos no Brasil em relação ao sentido da extensão. A falta de organicidade, intencionalidade e participação da comunidade nessa definição preliminar é evidente, especialmente por vezes ausência de uma concertação. Essa diferença é evidente devido à natureza das instituições e à sua história. Esses estágios e abordagens são distintos e, embora seja possível aproximação, são de naturezas diferentes. Há países latino-americanos, como a Costa Rica, com experiências notáveis. No entanto, a comparação é menos importante do que a articulação de ações e a oportunidade de aprendizado mútuo. É crucial construir pontes dialógicas com a América Latina e refletir sobre a construção de um modelo endógeno de educação, distante dos modelos exógenos norte-americanos e europeus. Isso implica em uma universidade comprometida com sua comunidade, sua história e território. Essa aproximação com a América Latina é relevante para a construção de uma identidade latino-americana no contexto universitário. A participação em fóruns internacionais é fundamental para essa construção de identidade e para a reflexão sobre uma universidade latino-americana.



ARTIGOS

ARTIGO

A extensão (ou comunicação) em Psicologia como instrumento para um projeto de Psicologia Popular

Extension (or communication) in Psychology as an instrument for a Popular Psychology project

Pedro Henrique Antunes da Costa^[1]

[1] Universidade de Brasília

RESUMO A extensão tem ganhado relevância na formação em Psicologia, enquanto mediação que possibilita um maior “contato com a realidade”, sobretudo a realidade das maiorias populares em um país marcado pela desigualdade social e pronunciadas formas de exploração e opressão. Nesse sentido, tal convocação à Psicologia advém com um chamado também cada vez maior para que ela se (re)pense. No presente artigo, abordamos a relevância da extensão (ou comunicação) para a construção de um projeto de Psicologia Popular. É um trabalho de caráter reflexivo, teórico, mas com implicações práticas, que traz consigo um conjunto de reflexões que nascem de experiências do autor como docente e coordenador de projetos de extensão em Psicologia pela Universidade de Brasília, realizados no Distrito Federal, sobretudo em territórios periféricos, dialogando com iniciativas históricas na Psicologia brasileira – e, em extensão, latino-americana – e outras que atravessaram a Psicologia, oriundas de outros campos do saber-fazer, como a pedagogia e educação popular *freireana*. Para isso, refletimos sobre que tipo de Psicologia Popular e de extensão queremos, e como a segunda pode – e deve – contribuir à primeira. Todo o processo aqui exposto aponta para que a extensão e a Psicologia, no intuito de fortalecerem a auto-organização, a autodeterminação das maiorias populares na construção do poder popular, sejam tomadas como *meios* e não *fins* em si. Acreditamos que podem servir a outras iniciativas extensionistas na e pela Psicologia, bem como à formação e *práxis* psi como um todo, indo, inclusive para além da própria Psicologia e da extensão, na construção de um horizonte em que não sejam mais necessárias.

PALAVRAS-CHAVE extensão popular, comunicação, psicologia popular

ABSTRACT The extension has gained relevance in Psychology graduation, as a mediator that enables greater “contact with reality”, especially the reality of popular majorities in a country marked by social inequality and pronounced forms of exploitation and oppression. In this sense, such call to the Brazilian Psychology comes with an increasingly greater invitation for it to (re)think itself. In this article, we address the relevance of extension (or communication) for the construction of a Popular Psychology project. It is a work with reflexive and theoretical character, but with practical implications, that brings with it a set of reflections that arise from the author’s experiences as a teacher and coordinator of extension projects in Psychology at the University of Brasília, carried out in the Federal District, especially in peripheral territories. We also dialogue with historical initiatives in the Brazilian Psychology – and, to an extent, Latin American – and others that crossed Psychology, coming from other fields of know-how, such as Freirean pedagogy and popular education. To do this, we reflect on what type of Popular Psychology and extension we want, and how the second can – and should – contribute to the first. The entire process exposed here points to the fact that extension and Psychology, with the aim of strengthening self-organization and self-determination of popular majorities in the construction of popular power, are taken as *means* and not *ends*. We believe that they can serve other extension initiatives in and through Psychology, as well as psi formation and praxis as a whole, even going beyond Psychology and extension, in the construction of a horizon in which they are no longer necessary.

KEYWORDS popular extension, communication, popular psychology.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, de caráter teórico, reflexivo, mas com implicações práticas, abordamos a relevância da extensão (ou comunicação) para a construção de um projeto de Psicologia Popular. O trabalho resulta de reflexões decorrentes do autor como docente e coordenador de projetos de extensão em Psicologia pela Universidade de Brasília, realizados no Distrito Federal. Não se trata de um relato de experiência propriamente dito, mas de um conjunto de elaborações, ainda incipientes, bastante introdutórias e nada originais, que nascem de experiências na e com a extensão, as quais acreditamos que podem servir a outras iniciativas extensionistas na e pela Psicologia, bem como à formação e *práxis* psi como um todo. Contudo, mesmo sem a necessidade de apresentação das atividades de extensão das quais decorrem as reflexões e sinalizações, explicitamos que se trata de projetos realizados mormente em territórios periféricos, e que abordam diversas *temáticas* que, na verdade, dizem da constituição dos indivíduos, suas relações sociais e seus processos de vida em nossa realidade, como, por exemplo: saúde mental, educação popular, políticas de saúde, assistência social e da socioeducação e a gerência das expressões e/ou desdobramentos objetivos e subjetivos da “questão social” (como a pobreza, o desemprego, violência, criminalidade, a própria saúde e saúde mental, dentre outras). Quanto aos seus referências e fundamentações teórico-práticas, estes serão discorridos no próprio desenvolvimento do artigo.

O argumento a ser desenvolvido é que a extensão é fundamental para consolidação de uma psicologia que seja realmente popular, não apenas por ampliar seu alcance social para parcelas populacionais mais pauperizadas e subalternizadas da população (Yamamoto, 2007), mas por tomar as suas necessidades como sendo as necessidades da Psicologia, bem como construir coletivamente com tais sujeitos e realidades os caminhos para a lida com tais necessidades. Para isso, a Psicologia deve repensar a si como um todo, de modo a refletir sobre suas formas tradicionais de inserção em contextos distintos daqueles que configuraram seu carro-chefe (sobretudo a clínica), o que, por sua vez, denota a relevância da *extensão* como mediadora deste processo. Partimos do diálogo com autores fundamentais da tradição crítica na/da/à Psicologia, especialmente os que desenvolvem tal crítica (enquanto *práxis*) no contexto latino-americano, e com os aportes de outros campos do saber-fazer, mas que historicamente romperam com as parcializações acadêmicas e da divisão social e técnica do trabalho, influenciando inclusive nos referidos movimentos de crítica na/da/à Psicologia, como as contribuições de Paulo Freire e sua proposta de extensão e educação (populares).

O debate sobre a importância da extensão na Psicologia ganha ainda mais relevo no presente em decorrência da recente homologação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Psicologia. Apesar de recém homologadas pelo Ministério da Educação, o Parecer do Conselho Nacional de Educação - nº 1.071 – referente a elas é de 04 de dezembro de 2019. No documento, a extensão é citada cinco vezes, sendo duas vezes enquanto uma das respon-

sabilidades dos Serviços-Escolas (junto da formação e da pesquisa) e uma atrelada à pesquisa e ao estágio como componente a ser desenvolvido nos Projetos Pedagógicos Complementares (PPCs). Nas outras duas menções, que são específicas à extensão, temos: “Art. 13. O curso de graduação em Psicologia deve criar e executar projetos de extensão relacionados aos seus eixos estruturantes e às suas ênfases curriculares”; e, como parágrafo único do referido artigo, “[a]s atividades de extensão devem fomentar as práticas interdisciplinares, transdisciplinares e inter-setoriais entre professores, estudantes e ao longo da formação” (Brasil, 2019, p. 12).

Cabe ressaltar que, nas DCNs antigas, a extensão aparecia apenas uma vez, da seguinte forma: “projetos de extensão universitária e eventos de divulgação do conhecimento, passíveis de avaliação e aprovados pela instituição” (Brasil, 2011, p. 7). Ou seja, uma menção genérica, protocolar, cuja menção conjunta a eventos de divulgação de conhecimento pode nos dar pistas sobre uma concepção de extensão como mero ato de se estender o conhecimento.

Soma-se a isto a publicação da Resolução nº 7 (Brasil, 2018), que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, regulamentando, inclusive, a sua curricularização nas matrizes e grades de curso, com o intuito de, por meio da maior interação com a sociedade, promover mudanças e transformações. E a própria literatura científica aponta as contribuições da extensão à formação e *práxis* em psicologia, nos mais variados campos de inserção (Guedes *et al.*, 2009; Costa Neto *et al.*, 2020; Jager *et al.*, 2021).

Por fim, há de se considerar a cada vez maior relevância das políticas públicas como forma de inserção e trabalho da Psicologia, o que denota uma série de mudanças na identidade profissional (Brasil, 2019). Dessa forma, a extensão ganha relevância na formação em Psicologia, enquanto mediação que possibilita este maior “contato com a realidade”, sobretudo a realidade das maiorias populares em um país marcado pela desigualdade social e pronunciadas formas de exploração e opressão, de modo que tal convocação à Psicologia advém com um chamado também cada vez maior para que ela se (re)pense.

DE QUE PSICOLOGIA (POPULAR) ESTAMOS FALANDO?

Tomamos como ponto de partida o artigo *Proposta de um caminho para a Psicologia junto à classe oprimida. Por uma Psicologia Popular*, de Cezar Wagner de Lima Góis (1984); texto seminal acerca de uma proposta concreta de Psicologia Popular – como o próprio título já indica. Nele, o autor reflete sobre as possibilidades de construção de uma Psicologia Popular, “que pudesse estar mais presente na vida do oprimido” (p. 87), a partir de um projeto de extensão em Pirambu, um bairro subalternizado na área litorânea de Fortaleza, Ceará.

Segundo o autor, pensar uma Psicologia Popular passa, necessariamente, pela constatação da condição desumanizada, exploratória e oprimida do grosso da população – a classe trabalhadora –, na qual “só resta uma saída para o povo: ser responsável pela sua organização, decidir seu rumo, exigir os seus direitos e impor sua autoridade para governar” (Góis, 1984, p. 88). Dessa forma, a Psicologia é convocada, primeiramente, a se deslocar dos espaços tradicionais nos quais atua, mormente a clínica autônomo-liberal, no molde individual-privativo, mas também o *mundo do trabalho* (indústrias e fábricas, empresas e as chamadas *organizações*) e as escolas. Contudo, este deslocamento não pode ser meramente físico, geográfico, espacial, implicando antes de tudo um amplo processo de reformulação das próprias bases da Psicologia, em termos das concepções de ser humano, sociedade e mundo que a hegemonizam – liberais, idealistas etc. –, de modo que isso se expresse também em reformulações e mudanças teórico-práticas.

Oswaldo Yamamoto (2012), em artigo debatendo a função social da Psicologia no marco de 50 anos de sua regulamentação profissional, buscou analisar tais mudanças no *locus* de atuação profissional e o que isto significava em termos de mudanças reais, concretas na *práxis* psi. A partir de contato com outras pesquisas que mapearam e identificaram tais dinâmicas na profissão, sobretudo, a partir de sua inserção nas políticas públicas, o autor indagou e constatou:

E o que os psicólogos estão fazendo nesses espaços de inserção profissional? No setor público, a principal atividade é... aplicação de testes psicológicos (32,9%), seguida de psicodiagnóstico, com 29,6%. E no terceiro setor? Psicodiagnóstico, com 27,6%, e aplicação de testes psicológicos, com 23,5%. Sem invocar qualquer teoria da conspiração e ciente do risco de simplificar a questão, é inescapável a lembrança da tese do gatopardismo, de Giuseppe de Lampedusa (Yamamoto, 2012, p. 8)

Costa e Mendes (2018), apontam que, ao mesmo tempo “o maior envolvimento (teórico-conceitual, prático e ético-político) da Psicologia com a pobreza e demais expressões da questão social se atrela à maior vinculação da profissão com as políticas públicas e sociais” (p. 1128), havendo nisto um movimento de autocritica acerca do *compromisso social* histórico da Psicologia com a manutenção da ordem social

a hegemonia na Psicologia ainda se faz valer por meio de leituras e práticas individualizantes, psicologizantes, conformadas com a manutenção da ordem; ou que se aproximam da pobreza e da população pobre apenas fisicamente, como é o caso de atuações no âmbito das políticas públicas ou “na” comunidade (Mendes; Costa, 2018, p. 1133).

Mesmo o trabalho nas políticas sociais deve ser analisado a partir da sua concretude, nos marcos de uma análise totalizante que apreenda suas potencialidades, mas também seus limites e contradições. Dessa forma, concordamos com Boechat (2022, p. 35), em que o “trabalho nas políticas sociais não deve ser encarado como emancipatório por si só, mas como meio para o fortalecimento de espaços autônomos de organização popular”. Ainda em diálogo com o autor, não precisamos “escolher entre o trabalho nas políticas sociais ou o trabalho pela construção do poder popular” (Boechat, 2022, p. 33), como se fosse um *ou* o outro, mas pensar como a inserção e trabalho nas políticas sociais nos possibilitam meios, mediações táticas a serem trabalhadas e desenvolvidas para o fortalecimento dos indivíduos, grupos, comunidades e seus respectivos instrumentos e meios de organização, mobilização, reivindicação e luta. As políticas e seus respectivos serviços enquanto formas de acesso à comunidade, às frações mais oprimidas e exploradas da classe trabalhadora, que são *com quem se trabalha*. Logo, não se trabalha no *serviço X*, ou não se realiza uma ação de extensão no *dispositivo Y*, mas se trabalha *com* as pessoas e comunidade abarcadas pelo *serviço X* ou *dispositivo Y*. Dessa forma, rememoramos as perguntas críticas apontadas por Ignacio Martín-Baró (1996) – importante psicólogo salvadorenho e formulador de uma proposta de Psicologia Popular na forma da Psicologia da Libertação –, as quais o/a psicólogo/a deve se fazer no que se refere ao seu papel e função social:

não devem centrar-se tanto no onde, nas no *a partir de quem*; não tanto em como se está realizando algo, quanto em *benefício de quem*; e, assim, não tanto sobre o tipo de atividade que se pratica (clínica, escolar, industrial, comunitária ou outra), mas sobre quais são as *conseqüências históricas concretas* que essa atividade está produzindo (Martín-Baró, 1996, p. 22).

Ainda em conformidade com Boechat (2022, p. 34), numa longa, mas necessária citação:

O trabalho de psicólogas e psicólogos junto a grupos comunitários, movimentos sociais, organizações sindicais e partidos políticos, portanto, não deve decorrer do caráter mais ou menos militante e politizado da psicóloga e do psicólogo, mas é consequência necessária da decisão por uma prática profissional que contribua efetivamente para a conformação do sujeito social capaz da necessária e desejada transformação social. Ela é o corolário de uma decisão política em favor dos interesses das amplas maiorias populares que expressam, na sua diversidade, a complexidade e ao mesmo tempo a unicidade da classe trabalhadora

Queremos, com isso, evitar ruídos quanto às possíveis mistificações e deslegitimações sobre um projeto de Psicologia Popular como se fosse sinônimo de doutrinação ideológica e/ou político-partidária feito pelo/a psicólogo/a – algo que, inclusive, caracterizaria uma conduta antiética, conforme o Código de Ética da Psicologia (Brasil, 2005). Da mesma forma, não se trata de idealizar ou romantizar tais grupos, movimentos etc., como se fossem desprovidos de limitações, contradições, de modo que a *práxis* com eles também fosse mais simples ou igualmente isenta de contradições. O que buscamos refletir é a premência de que isso seja considerado enquanto parte e horizonte constitutivos da *práxis* psi, conformando um *projeto ético-político* da Psicologia, o que passa necessariamente, pela conscientização da dimensão política da própria Psicologia – como ciência e profissão –, não sendo possível, portanto, uma *práxis* psi neutra, imparcial, apolítica ou uma Psicologia meramente técnica, como se esta técnica também não fosse política, perpassada por uma dimensão ética. Propomos, então, tanto a conscientização acerca da dimensão política da *práxis* quanto a politização da *práxis* (para além da atuação técnica ou, melhor dizendo, para uma politização consciente da técnica, afinal, ela é política independentemente de se ter consciência ou não disso). E mais, que isso se faça orientado ao fortalecimento coletivo das maiorias populares, de modo que o *locus* de poder, aliás, está nesta comunidade, em tais grupos etc., são eles; grosso modo, as frações e parcelas da classe trabalhadora com as quais se trabalha em conjunto, as maiorias populares.

Não é suficiente, portanto, um mero processo de *expansão* do alcance da Psicologia a parcelas populacionais que ou foram historicamente negligenciadas pela Psicologia ou, quando consideradas e abordadas por ela, o foram por meio de processos de controle, disciplinamento, normatização, psicopatologização, adaptação e ajustamento, em suma, violência. Pelo contrário, pensar a *popularização* da psicologia apenas ou fundamentalmente por este prisma de aumento do seu alcance social, significa não apenas pensar corporativamente, tomando como cerne os desejos de empregabilidade psi ou o *status* da profissão, como pode implicar a reprodução de tal *modus operandi* acima citado, só que agora estendido a uma maior gama populacional; ou seja, significa a ampliação da função social de controle, de violência da Psicologia (Costa; Farias, 2022).

Ao se debruçar sobre o *desafio popular* à Psicologia Social na América Latina, Martín-Baró (2017) coloca como mudança fundamental:

[...] trocar nosso tradicional idealismo metodológico por um realismo crítico. Aos psicólogos latino-americanos nos faz falta um bom banho de realidade, especialmente dessa realidade que oprime e angustia as maiorias populares. Por isso, aos estudantes que me pedem uma bibliografia toda vez que necessitam analisar um problema, recomendo, primeiro, que deixem-se impactar pelo problema mesmo, que se envolvam na angustiosa realidade cotidiana que vivem as maiorias salvadorenhas, para, então, perguntarem-se sobre conceitos, teorias e instrumentos de análise (Martín-Baró, 2017, p. 78)

A partir do exposto, a extensão aparece como uma mediação possível (e desejada) no âmbito da formação, das universidades, para uma aproximação da Psicologia com o grosso da população, com as parcelas mais pauperizadas, subalternizadas, exploradas e oprimidas; uma aproximação no sentido *baroniano*, de um *bom banho da realidade*, resultando num amplo processo de reformulação ontológica, epistemológica e metodológica, teórico-prática e ético-política da própria Psicologia. Por exemplo, de acordo com Costa e Lordello (2019, p. 41),

Não adianta o olhar para o(a) brasileiro(a) se em minhas abstrações ontológicas e epistemológicas tomo o europeu ou o estadunidense dos séculos XIX, XX e XXI como ideal. Assim, nunca o(a) enxergarei como ser em si; no máximo como um não-europeu, não-estadunidense, imputando a este inferiorizações e culpabilizações ou visualizando possibilidades de mudança, sob a forma de conceitos, teorias e práticas que, mesmo bem-intencionadas, corroboram e justificam o que a colonização imputou a nós na dinâmica social global e o modo de produção e reprodução capitalista tratou de assentar

Por fim, em consonância a Góis (1984, p. 91) “[n]ão podemos, como Psicólogos, ficar omissos como se esses problemas não fossem nossos ‘problemas ou o problema básico da humanidade’”. Contudo, para que isto ocorra, precisamos também debater: *que extensão queremos?*

DE QUE EXTENSÃO ESTAMOS FALANDO?

Paulo Freire (2022) no texto *Extensão ou comunicação?*, se propôs a analisar o que se concebia por *extensão*, tomando como mote o papel do agrônomo numa realidade de massiva concentração de terra e necessidade de reforma agrária. Indo desde uma análise filológica, passando pela semântica, mas também localizando-as histórica e socialmente, o autor chega à conclusão de que mais que um mero *extensionista*, o agrônomo se tratava de um *educador* (ou deveria ter consciência disso, para que pudesse concretizar sua *práxis* nesse sentido). Paulo Freire aponta, então, a necessidade de, ao invés de pensarmos nossa *práxis* como mera *extensão*, a reconhecemos como ato educativo, como *práxis* pedagógica, que passa, necessariamente, pela comunicação, pelo diálogo.

Tomando a extensão enquanto o ato de estender algo (a alguém) – no caso, os conhecimentos e as técnicas –, Freire (2022) aponta a necessidade de ruptura com esta forma de agir, na qual o *extensionista*, a Universidade, a Psicologia seriam os *sujeitos*, enquanto a comunidade e os indivíduos que nela se fazem e a produzem seriam meros *objetos*. Ora, não é este o *modus operandi* da Psicologia, que buscamos superar na/para a construção de uma Psicologia Popular? Tomemos como exemplo o carro-chefe da Psicologia, a clínica autônoma-liberal, no molde individual-privativo:

qual é a nomenclatura que se dá ao indivíduo com o qual ela se relaciona? *Paciente*. Um ser passivo, que espera, que recebe. E se há um *paciente*, há de haver um *impaciente*, aquele/a que não espera, mas que age (o agente) e, mais, que diz o que deve ser feito ao ser que espera. É a/o psicóloga/o.

Isso também serve para outros locais tradicionais de ocupação da psicologia, como o mundo do trabalho (fábricas, empresas, organizações etc.), escolas, dentre outros, que historicamente abordaram as parcelas mais subalternizadas da classe trabalhadora, mas num sentido de controle, normatização, psicopatologização, segregação, adaptação e ajustamento, em suma, de violência a corroborar o *normal* exploratório e opressivo de nossa sociabilidade. E tal função social em prol da reprodução e manutenção da ordem só é possível, justamente, nos marcos de uma atuação (e a identidade profissional moldada a partir dela) que toma o outro como ser passivo, *paciente*, mero objeto; uma negação, portanto, deste como *sujeito*.

Dessa forma, em consonância a Góis (1984, p. 122), se “[f]azer uma Psicologia Popular não é ter como objetivo criar uma nova área de Psicologia”, também não é qualquer forma de *extensão* que nos interessa ou, mesmo, criar uma área de extensão nova, mas produzir uma extensão (popular) que contribua para a organização popular, para a auto-organização e autodeterminação da própria classe trabalhadora, de modo que, no horizonte, nem a Psicologia nem a extensão sejam mais necessárias. Ou seja, se o objetivo é contribuir para a auto-organização e autodeterminação, para a construção do poder popular, por meio de uma Psicologia Popular, tendo a extensão como instrumento fundamental, o objetivo é, pois, que não precisemos mais da extensão e da Psicologia. Grosso modo, que tudo aqui que a extensão possibilita não seja algo privativo e exclusivo dela, mas propiciado por inúmeras outras formas de ação no âmbito universitário e formativo; e mais, que vão além do próprio contexto universitário, sendo produção da própria coletividade humana e não algo restrito a determinados (e poucos) espaços e iniciativas – por mais que valorosos. E o mesmo vale para a Psicologia. Não à toa, Boechat (2022, p. 36) postula que: “ao invés de ocuparmo-nos exclusivamente da construção de uma “nova psicologia” (tarefa, sem dúvida alguma, bastante importante), precisamos lutar e trabalhar pela construção uma nova sociedade em que a psicologização da ‘questão social’ seja substituída por uma forma de responsabilidade comunitária”.

E, ainda em consonância com Freire (2022), os processos de auto-organização e autodeterminação requerem não apenas o *aprender*, em termos conteudistas, numa lógica bancária, mas o *aprender*, o que por sua vez, requer esforços não de *extensão per se*, mas de *conscientização*. Não à toa, é nítida a influência de Paulo Freire em Martín-Baró (1996), quando este vai apregoar a *conscientização* como horizonte do quefazer, isto é, da práxis do/a psicólogo/a, independentemente do seu contexto de inserção e trabalho.

Considerando o exposto, utilizamos o termo *extensão*, por ser um termo já consolidado nos meios nos quais nos inserimos e circulamos, mas com o significado e o sentido atribuídos por

Paulo Freire autor: o de ação educativa e o seu caráter inerentemente dialógico, de comunicação – que possibilita a equivalência de valores entre o educador (que também é educando) e o educando (quem também é educador). Até porque o “conhecimento não se *estende* do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (Freire, 2022, p. 43).

A extensão, da forma como aqui é concebida, possibilita, então, irmos além não só da Psicologia, mas da própria centralidade do saber especializado, bem como dos profissionais (mesmo aqueles em formação) como o “componente principal de sus programas de acción” (Saforcada, 2008, p. 10), seja em perspectiva interdisciplinares, transdisciplinares e/ou intersetoriais, como apregoam as próprias DCNs da Psicologia (Brasil, 2019) e as perspectivas hegemônicas da extensão em Psicologia que, a despeito, de seus avanços ainda se pautam na/pela centralidade da Psicologia – e da Universidade em tais processo (Guedes *et al.*, 2009; Costa Neto *et al.*, 2020; Jager *et al.*, 2021). Ou seja, a preocupação e o compromisso centrais ainda são com a Psicologia – por mais que tal compromisso não seja irrelevante.

Essa problematização nos remete ao que Enrique Saforcada, importante psicólogo e sanitarista argentino, denominou de *paradigma da saúde comunitaria*, em que “el componente principal es la comunidad y el equipo multidisciplinario de salud es colaborador o participante, entendiendo la participación en este caso como el tomar parte en las decisiones sobre la salud de la cual la comunidad se apropia porque es su salud” (Saforcada, 2008, p. 11). O que o autor sintetiza vale não só para o setor saúde, mas para a *práxis* sociocomunitária como um todo, num horizonte de fortalecimento do poder popular. Ademais, como apontado por ele, tal movimento implica um processo “de devolución del poder de decisión sobre su salud a la sociedad que hoy no está comenzando a avisar que si no se lo devolvemos nos lo arrebatarán” (p. 12), de modo que o papel da Psicologia – e, nisso, da extensão em Psicologia (mesmo que vá além dela) – é o de fortalecer tais indivíduos, organizações, comunidades a se apropriarem dos meios de (auto)produção da vida e, nisso, de si próprios.

Por fim, para que tudo isto aconteça, é necessário que a extensão seja reconhecida, antes de tudo, pelo que ela é: trabalho, formação, articulação de prática e produção de conhecimento contextualizados. Dizemos isto, inclusive, considerando o contexto atual, em que mais luz é lançada na extensão, a partir de normativas que, ao mesmo no papel, se põem não só a normatizá-la, mas a reconhecer sua relevância e a fortalecê-la (Brasil, 2018), com tal ganho de relevo também sendo expresso na Psicologia (Brasil, 2019). Que tais movimentos sejam de valorização, concreta, da extensão, ao invés de incorporações retóricas e/ou genéricas da extensão nos currículos – algo que diz também da responsabilidade de docentes, discentes, técnicos, gestão, em suma, todos nós enquanto comunidade acadêmica.

Não incorremos aqui em romantizações ou idealizações sobre a extensão, ainda mais no atual contexto social, político, econômico em que as instituições de ensino públicas têm sido cada vez mais sucateadas, atravessadas por lógicas empresariais-mercantis (algumas, inclusive, travestidas de extensão) e que se chocam com a concepção de extensão aqui proposta, obstaculizando-a quantitativa e qualitativamente. A partir da nossa experiência, fazer extensão nos moldes aqui defendidos, não só tem significado *mais trabalho*, mas *mais trabalho não pago*; pior, por vezes, *mais trabalho pago por nós*, em que algumas das ações acabam sendo custeadas por docentes, discentes e demais participantes. Logo, a defesa de uma extensão – ou comunicação – popular passa necessariamente pela defesa de uma educação pública, de qualidade, socialmente referenciada, assim como por melhores condições de trabalho, de estudo e permanência estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, partimos de nossas experiências com a extensão *a partir da Psicologia* para discorrer sobre a relevância da extensão (ou comunicação) na construção de um projeto de Psicologia Popular. Como explicitado, o intuito não foi o de relatar as experiências propriamente ditas na extensão, mas o de refletir sobre que tipo de Psicologia Popular e de extensão queremos, e como a segunda pode – e deve – contribuir à primeira. Todo o processo aqui exposto aponta para que a extensão e a Psicologia, no intuito de fortalecerem a auto-organização, a autodeterminação das maiorias populares na construção do poder popular, sejam tomadas como *meios* e não *fins* em si; mediações táticas para um horizonte que será construção e resultado das próprias mãos, pernas, mentes da classe trabalhadora enquanto sujeito coletivo. Além disso, junto ao movimento que *vá além* de ambas, reside a necessidade de que sejam repensadas, desde suas concepções, de suas bases até as suas implicações concretas nas vidas das pessoas.

Nesse ínterim, dialogamos com iniciativas históricas na Psicologia brasileira – e, em extensão, latino-americana – e que atravessaram a Psicologia, mesmo que oriundas de outros campos do saber-fazer, como a pedagogia e educação popular *freireana*, sendo mais alguns exemplos da necessidade de se ir além da Psicologia e da própria extensão. Inclusive, as citações diretas em alguns momentos do trabalho, que podem soar como excessivas, a nosso ver, são um demonstrativo de que o que aqui se propõe tem lastro histórico na própria psicologia – e na extensão como um todo – e se apresenta enquanto um horizonte que não é apenas factível, mas necessário.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, Filipe. A psicologia entre a política social e o poder popular. In: OLIVEIRA, Isabel Fernandes de; SOUSA, Burnier Sales de (orgs.) **Psicologia e políticas sociais: conservadurismo em tempos de capital-barbárie**. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2022. Cap. 2, p. 25-37.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Brasília: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN52011.pdf?query=Brasil. Acesso em 12 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES nº 1.071, de 4 de dezembro de 2019, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Brasília: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=236641-pces179-22&category_slug=fevereiro-2022-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12 de outubro de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; FARIAS, Tadeu Mattos. Contribuições da Teoria Marxista da Dependência à (crítica da) psicologia brasileira. **Germinal: Marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, p. 331-360, 2022.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; LORDELLO, Silvia Renata. Psicologia e realidade brasileira: notas preliminares para uma práxis psicossocial. In: ANTLOGA, Carla *et al.* (orgs.). **Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 4**. 1ed. Brasília: Technopolitik, 2019, p. 37-52.

COSTA NETO, Alexandre Alves *et al.* A Extensão Universitária como Dispositivo para Formação do Psicólogo em Saúde Mental. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 471-488, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 25 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Proposta de um caminho para a Psicologia junto à classe oprimida. Por uma Psicologia Popular. **Rev. de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 87-122, 1984.

GUEDES, Carina Ferreira. Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação em Psicologia: a experiência na Bandeira Científica. **TransFormações em Psicologia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 32-50, 2009.

JAGER, Márcia Elisa *et al.* Formação em psicologia e práticas extensionistas: relato de uma experiência universitária. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, p. 1-19, 2021.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O desafio popular à psicologia social na América Latina. In: MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 66-88.

MENDES, Kíssila Teixeira; COSTA, Pedro Henrique Antunes da. Psicologia e pobreza no Brasil: Histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1118-1136, 2018.

SARFOCADA, Enrique. El concepto de salud comunitaria ¿Denomina solo un escenario de trabajo o también una nueva estrategia de acción en salud pública? **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 03-13, 2008.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Políticas sociais, “terceiro setor” e “compromisso social”: perspectivas e limites do trabalho do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 30-37, 2007.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 6-17, 2012.

ARTIGO

De “Potencialidades dos 50+” a “Espaço Criativo das Poderosas”: Relato de Experiência sobre a inserção da Extensão em um CRAS

From “Potentialities of 50+” to “Creative Space of Powerful Women”: Experience Report on the inclusion of Extension in CRAS

Ana Laura Pereira Moreno^[1]

Hítalo de Souza Duarte^[2]

Mariana da Cruz Pinto^[3]

Pedro Henrique Antunes da Costa^[4]

Silvia Beatriz Moreno Diniz^[5]

Tainá Victoria Machado^[6]

[1] Universidade de Brasília

[2] Universidade de Brasília

[3] Universidade de Brasília

[4] Universidade de Brasília

[5] Universidade de Brasília

[6] Universidade de Brasília

RESUMO: A experiência extensionista é imprescindível para a formação de universitários, sendo importante ação para contextualizar os conhecimentos trabalhados na universidade mediante a vivência na realidade cotidiana, inserindo a prática dos futuros profissionais em um contexto real e permitindo trocas de saberes desses com a comunidade. Nesse sentido, o projeto de extensão “Potencialidades 50+” é um esforço de fomento à saúde e ao bem-estar social para indivíduos com mais de 50 anos, residentes no Riacho Fundo 2, Distrito Federal. Realizado em parceria com o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) local, o projeto é construído por estudantes extensionistas de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB) com apoio e supervisão docente. O projeto inclui oficinas práticas e eventos sociais, e tem por objetivo suscitar rodas de conversa e incentivo à comunidade na construção de laços com seus pares, além do fortalecimento das potencialidades individuais e do grupo. Os estudantes desempenham papel ativo na organização e execução das atividades, aprendendo a lidar com desafios e colaborando com profissionais de diferentes áreas, características essenciais para a prática condizente com a realidade. Como resultado, o projeto fortalece o envolvimento dos estudantes com a comunidade, permitindo o rompimento de uma lógica de hierarquia de saberes, preparando-os para futuras potencialidades e adversidades na área e destacando a importância da colaboração interdisciplinar e de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia, serviço social, comunidade, políticas públicas.

ABSTRACT: The extensionist experience is essential for the education of university students, representing an important action to contextualize the knowledge acquired at the university through real-life experience, integrating the future professionals’ practice into a real-world context and allowing for the exchange of knowledge with the community. In this regard, the extension project “Potencialidades 50+” is an effort to promote health and social well-being for individuals over 50 years old living in Riacho Fundo 2, Federal District. It is carried out in partnership with the local Center for Social Assistance (CRAS) and is developed by extensionist students from the University of Brasília (UnB) majoring in Psychology, with the support and supervision of faculty members. The project includes practical workshops and social events, aiming to foster group discussions and community engagement in building bonds with their peers, as well as enhancing individual and group potentials. Students play an active role in organizing and implementing these activities, learning to tackle challenges and collaborate with professionals from various fields, essential characteristics for a practice aligned with real-world demands. As a result, the project strengthens students’ involvement with the community, allowing for the breakdown of hierarchies of knowledge and preparing them for future opportunities and challenges in the field, emphasizing the importance of interdisciplinary collaboration and public policies.

KEYWORDS: psychology, social service, community, public policies.

INTRODUÇÃO

O projeto ‘Potencialidades 50+’ é uma iniciativa extensionista com o objetivo primordial não só de levar os conhecimentos e experiências adquiridos na universidade para a população, mas de construí-los conjuntamente, promovendo um processo dialógico de troca de conhecimentos entre o público externo e a universidade, baseado nas demandas apresentadas por essa mesma população. Como elucidava Paulo Freire (1983), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro dos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Sendo assim, vemos a experiência extensionista como essencialmente formadora, pois contextualiza os conhecimentos trabalhados na universidade mediante a vivência com a realidade cotidiana.

A partir do trabalho dos profissionais do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Riacho Fundo 2, serviço que pertence ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), observou-se que os usuários com mais de 50 anos experienciam a solidão, atrelada a condições de pauperização e precarização de vida, com dificuldades para desenvolver relações e redes de apoio, além de viverem um desamparo institucional pela falta de políticas públicas direcionadas às especificidades deste momento de vida.

Foi a partir dessa demanda que o projeto ‘Potencialidades 50+’ teve sua origem, buscando também fortalecer o diálogo entre comunidade, políticas sociais e universidade pública. Os participantes são residentes da região administrativa do Distrito Federal mencionada, e embora o grupo seja aberto, ele é predominantemente composto por mulheres, cerca de 12, em decorrência da busca e participação delas. Tal dinâmica expressa, inclusive, o que já é bastante debatido na literatura, a feminização da pobreza e de sua gerência, sobretudo no SUAS (BRASIL, 2018) - o que, por sua vez, também não pode ser desconsiderado na análise acerca da solidão relatada, não sendo, pois, algo “apenas” etário ou geracional. O CRAS é um equipamento do nível de proteção social básica do SUAS, compreendido como a porta de entrada para o referido sistema. Tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais no território, fazendo isso por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, da ampliação do acesso aos direitos de cidadania e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários (BRASIL, 2009).

No que se refere à psicologia e suas contribuições, a partir da reabertura democrática do país, o aparato estatal, e, nele, as políticas públicas, se tornaram um dos principais meios de empregabilidade para psicólogos. Por exemplo, de acordo com os dados do Censo SUAS 2019 (BRASIL, 2020), tínhamos 25.345 psicólogas(os) no SUAS. Destes, 10.692 encontravam-se só nos CRAS, sendo o dispositivo com o maior número de psicólogas(os). Cabe ressaltar que este número era de 6.022 ao final de 2010 (MACEDO et al., 2011). Já no estudo de Macedo, Fontenele e Gomes (2022), o

número de psicólogas(os) na rede SUAS em 2019 chegou a 27.264, sendo a maioria mulheres (86,8% do número total, com 21.819 profissionais).

Dessa forma, a psicologia aparece enquanto um importante ator não só nas políticas sociais, mas no âmbito do SUAS. Segundo Cordeiro (2018), numa revisão da literatura sobre a psicologia no SUAS, dentre o amplo rol de atividades desenvolvidas por psicólogas(os), o trabalho com processos grupais é um dos principais. Tal aspecto vai em direção à própria conformação do SUAS e respectivas orientações e responsabilidades dos CRAS, como também diz de um movimento da psicologia de repensar sua práxis, buscando superar o modelo clínico tradicional, nos termos de uma atuação territorializada, sociocomunitária, por meio de uma perspectiva interdisciplinar, intersetorial e integral, visando a interação com as demais profissões, serviços e políticas sociais.

Nestes marcos, há um movimento - não sem as suas contradições e limitações - de a Psicologia brasileira se questionar (e ser questionada) como campo do saber-fazer no que se refere ao seu mandato social histórico de controle e ajustamento em prol da manutenção da ordem. Hegemonicamente individualizante, desde as concepções tradicionais de ser humano e sociedade que as fundamenta e orienta, produzindo práticas numa direção de naturalização do status quo e responsabilização/culpabilização dos indivíduos e/ou seu entorno familiar. Assim, é premente que a formação do(a) psicólogo(a) rompa com tais fundamentações, *modus operandi* e, nisso, ultrapasse os espaços e formas de atuação profissional tradicionais, ampliando e potencializando áreas e temas voltados principalmente para as maiorias populares, em condições de precariedade e pauperização.

A partir do exposto, a Psicologia Social Comunitária (PSC), desenvolvida no contexto latino-americano, pode contribuir para uma *práxis* da psicologia no SUAS contextualizada não só com as necessidades das políticas, mas com as da população assistida, trabalhando *com ela*, não só *para ela*. Na realidade latino-americano, a PSC emana a partir das próprias práticas na comunidade, isto é, de um conjunto de estratégias, metodologias visando o desenvolvimento comunitário, tendo como exemplos e modelos a sociologia crítica e participativa de Orlando Fals-Borda (Colômbia), a educação popular e pedagogia de Paulo Freire, ambos nos anos 1960, dentre outros (FREITAS, 2010).

A PSC no referido contexto pode, portanto, contribuir no atendimento a necessidades subjetivas, mas, também, objetivas das pessoas participantes do projeto, por meio da produção de um espaço de socialização, processos de fortalecimento de vínculos, trocas, conscientização, resgate da memória histórica, fortalecimento identitário etc. Assim, a partir da perspectiva da PSC, com ênfase nos contextos sociocomunitários e suas respectivas dinâmicas de vida, por meio dos processos grupais e se utilizando de metodologias participativas, do conhecimento interdisciplinar e popu-

lar, espera-se contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento de tais realidades e seus indivíduos, objetiva e subjetivamente (FREITAS, 1998; 2010; SAWAIA, 2007).

Sobre a pertinência do trabalho com processos grupais para a PSC, cabe ressaltá-los enquanto respostas coletivas para problemas coletivos, afinal, lidamos com sujeitos coletivos. Estes devem ser específicos ao contexto e orientados para o futuro, no sentido de uma intervenção de mudança na qual os envolvidos são atores ativos participantes do processo de mudança. Dessa forma, podem fomentar a socialização, fomento à solidariedade, fortalecimento de laços.

Não obstante, tal parceria e as possibilidades oriundas dela mostram-se prementes para a formação dos discentes e docentes, possibilitando aprendizados e contato com realidades que não podem ser vivenciados e apreendidos apenas pelos meios tradicionais de ensino, em sala de aula, reverberando a importância da “extensão como meio de ressignificação da universidade” (PARTICIPAÇÃO, 2023, p. 7) e sua indissociabilidade com a pesquisa e o ensino, sendo ela própria investigação, produtora de conhecimentos e educativa para quem é perpassado por ela. Por fim, denota o papel da Universidade pública socialmente orientada e de uma Psicologia ético-politicamente compromissada com as maiorias populares e contribuição para melhores condições de vida e sociabilidade.

DESENVOLVIMENTO

Como mencionado, o projeto “Potencialidades 50 +” nasceu a partir da identificação da limitação do território do Riacho Fundo 2 no que se refere a serviços e espaços de convivência e fortalecimento de vínculos entre adultos. Diante do trabalho desenvolvido pelo CRAS localizado no território citado, a equipe do serviço pôde observar que parte significativa das pessoas com mais de 50 anos da região estavam atravessadas por questões como exclusão do mercado de trabalho, isolamento e possível vulnerabilidade social, sendo essas, sobretudo as mulheres, muitas vezes responsáveis por cuidados com pais, filhos e netos, além do trabalho doméstico, encontrando nessa etapa de vida diversos fatores limitantes para seu próprio desenvolvimento e o (re)conhecimento de suas potencialidades. Esse é um importante fomento para a construção da parceria entre o equipamento do SUAS e a Universidade de Brasília, a fim de caminhar para a construção de um espaço de convivência entre essas pessoas que, vivendo em um mesmo território e compartilhando a mesma faixa etária, podem se fortalecer nos vínculos com seus pares.

Nesse sentido, o projeto representa uma iniciativa que tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de promoção de saúde e bem-estar social na modalidade grupal para pessoas com mais de 50 anos, visando a criação e o fortalecimento de laços e conexões sociais dentro do território do Riacho Fundo 2 entre a população dessa faixa etária. Pretendeu-se, assim, oferecer

um espaço de troca entre os participantes do grupo, em que esses pudessem reconhecer em si e nos outros possibilidades de desenvolvimento e potencialidades que já ali existem e que devem ser valorizadas.

Os participantes são moradores da referida região administrativa do Distrito Federal, assistidos pelo SUAS. Apesar de ser um grupo aberto, esse se constituiu sendo formado majoritariamente por mulheres, cerca de 12, que se encontram às sextas-feiras, quinzenalmente, por cerca de duas horas. Para sua realização, o projeto se apoia em uma parceria entre a equipe do CRAS do Riacho Fundo 2 e um grupo de cinco estudantes extensionistas de psicologia da Universidade de Brasília (UnB), sob supervisão de dois professores orientadores.

Os encontros do projeto de extensão, que atualmente carrega o nome de “Espaço Criativo das Poderosas” - sugestão das próprias participantes e construtoras do grupo -, estão acontecendo desde maio, ao passo que o mês de abril foi completamente dedicado à inserção, familiarização com a realidade e organização da execução, em que os extensionistas foram para o CRAS para se familiarizarem com o equipamento e conhecerem o trabalho dos servidores. Conforme argumentam Mendes & Costa (2018), um maior envolvimento da Psicologia com a pobreza e demais questões sociais possibilita uma maior vinculação da profissão com as políticas públicas e sociais. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar que acontece no CRAS, a possibilidade de atuação na política de assistência social e o contato direto com a realidade de uma Região Administrativa do Distrito Federal - da forma como ela se apresenta - foram tópicos centrais para o interesse inicial quanto permanente com o projeto. A atuação dos estudantes contribui para o fortalecimento de possíveis profissionais da psicologia em políticas públicas, ao passo que essas apresentam-se com enorme potencial de trabalho futuro.

Nos primeiros encontros, com base em uma conversa colaborativa com as participantes, foram elencados os temas de interesse grupal, os quais podem variar ao longo do tempo e, por esse motivo, essa discussão é realizada frequentemente. Desse modo, os encontros são organizados com base nas manifestações de interesse das participantes e da construção coletiva dos servidores do CRAS, dos estudantes extensionistas e dos professores supervisores.

Para fins de concretização dos grupos, são realizadas reuniões semanais em que são discutidos o encontro anterior - acontecimentos, estratégias, limitações, possibilidades - e a organização do próximo, além das experiências vividas pelas extensionistas, suas percepções, angústias e necessidades. Tais informações são registradas no diário de campo usado por cada extensionista, o qual se caracteriza por ser um importante instrumento do trabalho desenvolvido pela psicologia comunitária, e repassadas em supervisão com os servidores e orientadores. Além da organização, os estudantes atuam também na execução do grupo e, assim, aprendem a conduzir e a reagir com/perante um grupo, lidar com limitações do trabalho e novas possibilidades diante delas, além do

contato com profissionais de diferentes áreas e cargos, como especialistas e técnicos em assistência social. O olhar atento e curioso dos extensionistas tem contribuído para a construção de um trabalho mais intencional, de modo a potencializar para que os objetivos do CRAS perante a comunidade sejam atingidos.

Para além disso, ressalta-se o caráter da extensão enquanto a prática de educar e educar-se, que, como aprofunda Freire (1983), é um processo de libertação, não limitando a estender algo que vai da “sede do saber” à “sede da ignorância”, como se um saber fosse superior ao outro. O movimento, na verdade, é o contrário: educar e educar-se, numa prática libertadora, comprometida e respeitosa pode partir daqueles que reconhecem que pouco sabem e chegar naqueles que, talvez, pensem que nada sabem, para que todos esses juntos construam um saber e, coletivamente, passem a se apropriar desse conhecimento. Nesse sentido, a postura dos extensionistas é de acolher, ouvir e mediar, e também é, tão importante quanto, acolher, ouvir e aprender com aqueles que vivem no território e que tanto têm a dizer sobre essa região, sobre si e sobre o mundo.

Os encontros, assim, têm enfoques que variam de acordo com o interesse dos próprios participantes do grupo, que sugerem temáticas para serem discutidas naquele coletivo. Em alguns desses encontros, profissionais que trabalham na rede são convidados para participarem a fim de esclarecer dúvidas sobre, por exemplo, como acessar determinados serviços, quais são os recursos disponíveis para os moradores do território ou para convidá-los a conhecer novos projetos e propostas. Também são de grande interesse do grupo os encontros voltados para dialogar entre seus pares, conhecer as histórias uns dos outros e contar as próprias histórias, exercitando o conhecimento de si e de outro. As reuniões do grupo, a depender do desejo dos participantes, também possibilita que esses mostrem habilidades que têm e que podem ensinar ao grupo, como, por exemplo, com oficinas de sabão caseiro, artesanato e culinária.

Até o presente momento foram abordados temas como o pertencimento no território - que contou também com a elaboração de um ecomapa, violência doméstica, autocuidado e cuidado com terceiros, talentos pessoais, além da realização de oficina de sabão caseiro, cozinha criativa e também de uma festa junina. Posteriormente, ainda com base nas manifestações de interesse das participantes, espera-se realizar uma oficina de dança, uma de artesanato, bem como um passeio para além do território do Riacho Fundo 2. Para fins de encerramento do grupo, está sendo construído um livro com histórias das moradoras do território, o que poderá contribuir para uma maior vinculação da comunidade com o território e do próprio CRAS com a comunidade, o que se constitui como um dos objetivos do projeto de extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, é importante ressaltar que os resultados apresentados não são fixos e finais. Apesar das atividades de extensão serem pensadas com prazo e intervalo fixo, o prazo de atuação comunitária é indeterminado, idealmente só encerrando quando a própria comunidade determina (FREITAS, 1998). Nesse sentido, entende-se que muitos aspectos de atuação ainda têm potencial para serem aprofundados e desenvolvidos, mas destacamos aqui alguns dos resultados atingidos que consideramos mais importantes até o presente momento.

No âmbito estudantil, a atuação prática se apresenta como principal destaque para os extensionistas envolvidos. Entende-se que, no Brasil, a formação em psicologia é voltada para a atuação clínica, pouco abordando aspectos de atuação nos serviços de assistência social (CONSELHO NACIONAL DE PSICOLOGIA, CFP, 2018; SILVA & ALBANESE, 2020), apesar desses serviços empregarem uma alta quantidade de psicólogos do Brasil (MACEDO et. al., 2011). Além disso, muitas vezes têm maior enfoque na técnica alienada, e pouco abarcam a intencionalidade da atuação profissional, resultando em um trabalho pouco crítico e não direcionado à transformação social (FARIAS & CAMPOS, 2021).

De acordo com Yamamoto e Oliveira (2010, pp. 20/21):

[...] pensar numa atuação que seja transformadora, que se proponha combater os excessos da desigualdade, que possa produzir fissuras nas iniquidades reforçadas pela política, resulta, em última análise, numa atuação que nem é a defendida pela política e nem é aquela sobre a qual se erigiu a Psicologia como profissão [...]

[...] o trabalho na proteção social básica exige dos psicólogos não apenas uma adequação do trabalho; exige um conhecimento de aspectos que estão fora do escopo do que a Psicologia delimitou em seus campos de saber

Desse modo, atuar como extensionistas tem sido uma oportunidade de suprir essa lacuna, e de construir o novo, com a possibilidade de estar em contato com o SUAS, mais precisamente com o CRAS. Esse contato tem se dado de forma contextualizada, permitindo se aprofundar na atuação profissional crítica a partir da territorialização, com vistas de promover a coletivização das ferramentas que fizerem sentido para ela. A partir daí é que também se tem tido a possibilidade de desenvolver habilidades e técnicas alinhadas com as necessidades de atuação, tais como condução grupal e trabalho interdisciplinar, os quais configuram-se essenciais para a formação de profissionais da psicologia e fomentam a importância da extensão nessa formação.

De maneira análoga, a participação no projeto motiva a produção de pesquisa entre os estudantes ao fornecer oportunidades de observação e identificação de lacunas, uma vez que o envolvimento direto no projeto contribui na identificação de problemas específicos na assistência à comunidade. Assim, por meio do trabalho desenvolvido e da inserção colaborativa na/com a comunidade, as necessidades da população surgem e indicam, a posteriori, os caminhos passíveis da práxis e da pesquisa desses profissionais (FREITAS, 1998).

No âmbito do serviço de assistência social, ao longo das construções estabelecidas, foi ressaltado pelos servidores a importância de estar em contato com as inovações e novas formas de atuação no serviço que podem ser proporcionadas pelo contato com a extensão. Sabe-se que, em geral, a produção científica se constrói de maneira pouco democratizada, que vem perdendo ainda mais espaço frente aos avanços de políticas neoliberais de investimento em Ciência e Educação Superior (ES). Essa mudança de enfoque na produção científica por vezes constrói a falsa percepção de democratização do conhecimento, que alcança novos espaços a partir dos meios de comunicação massiva e em uma lógica de produtividade e eficácia (OLIVEIRA, 2019), mas pouco tem o objetivo de abarcar espaços direcionados à população de fato, tais como serviços de saúde e assistência social. Desse modo, entende-se que a aproximação da universidade com os serviços de assistência, via extensão, se põe em um contramovimento, pautado em um fazer científico que é direcionado à emancipação.

Por fim, ao se tratar dos resultados e das potencialidades, destacamos os possíveis resultados para a comunidade. Sob o ângulo da PSC, a qual norteia a execução do presente projeto, todas as ações concretizadas por ele tendem a ser comprometidas com a realidade da forma pela qual ela se apresenta, além da compreensão crucial de que a comunidade presente no território está em um movimento de recriação permanente (SAWAIA, 2007). Diante disso, as ações executadas no projeto tentaram carregar como marca a construção colaborativa com a comunidade, sendo como via de exemplo o constante questionamento aos participantes de como o grupo deveria suceder e reuniões constantes de alinhamento direcionadas à crítica constante das atividades. É válido apontar, portanto, que não se pensa *para ela* - comunidade -, mas se age *com ela* (FREITAS, 1998), com o “Espaço Criativo das Poderosas” e as *poderosas*.

Como ressaltado anteriormente, a atuação da extensão se deu a partir da demanda do próprio CRAS, que identificou uma lacuna nas ofertas de serviços de convivência para adultos com mais de 50 anos no território. Esse cenário não é incomum, e pauta-se em uma perspectiva individualista do envelhecimento, onde o Estado pouco se responsabiliza pelo envelhecimento e fica sob a responsabilidade da família garantir a dignidade da pessoa idosa (CECCON et. al., 2021), que por vezes acaba também sobrecarregada e não é capaz de fornecer os elementos necessários para um envelhecimento saudável. No entanto, um dos principais apontamentos para o bem-estar no envelhecer é a construção de redes de apoio (CARVALHO et. al., 2019) e a manutenção da autonomia (XIMENDES, 2021).

Desse modo, objetivou-se o fortalecimento dos vínculos e construção de rede entre os integrantes do grupo, para promover novas perspectivas de um envelhecimento territorializado. Em geral, entendemos que esse objetivo foi atingido parcialmente. Devido à característica do grupo aberto e da volatilidade dos participantes, tivemos dificuldade para promover o fortalecimento de vínculos, uma vez que o grupo de participantes alterava de acordo com os encontros. No entanto, entendemos que o protagonismo se destacou como um dos principais pilares dos encontros, a partir das oficinas desenvolvidas e do desenvolvimento do livro “Senta Que Lá Vem História”, produto final dos encontros que visa reunir as histórias dos participantes do grupo, além de receitas e outros elementos importantes para manter e valorizar a memória daqueles que construíram esse projeto.

Por fim, é de suma importância ressaltar algumas das capacidades e limitações que o projeto tem apresentado no decorrer da sua construção. Nesse sentido, diante do que já foi apresentado, é notório que as atividades de extensão apresentam contribuições significativas, incluindo a capacidade de sensibilizar e conscientizar as partes interessadas sobre a importância da extensão universitária. Além disso, a mesma tem contribuído para uma mudança de paradigma, alterando a percepção da extensão, tanto na universidade quanto na sociedade, destacando-a como uma atividade valiosa para a formação dos estudantes e para a transformação social. No entanto, as limitações incluem a possibilidade de resistência institucional enraizada em estruturas acadêmicas e culturas institucionais, bem como a falta de financiamento e apoio institucional, que pode representar um desafio significativo.

Outro elemento de grande relevância que deve ser levado em consideração diz respeito à sobrecarga tanto dos servidores quanto dos estudantes, o que implica o potencial risco de esgotamento e desmotivação devido à carga excessiva de responsabilidades, podendo comprometer a excelência do trabalho e a manutenção do projeto. Em consonância com Macedo, Fontenele e Gomes (2022, p. 1), há um:

aprofundamento da precarização dos vínculos de trabalho, aspecto que recai com maior peso sobre as profissionais do sexo feminino se comparado aos do masculino que atuam no Suas. Conclui-se que a Assistência Social segue como importante área de absorção de psicólogas(os), sobretudo de início de carreira, porém há intensificação da precarização do trabalho, que recai com maior peso sobre as mulheres

Ou seja, não só há um processo de feminização da pobreza e da gerência dela no SUAS, como tal processo se estende também às profissionais de tal sistema e política setorial, de tal modo que o sucateamento do SUAS - nos marcos de sucateamento das políticas sociais como um todo - e a precarização das condições de trabalho é, grosso modo, um ataque às mulheres - mormente negras.

Além disso, é relevante ressaltar as diversas dimensões que incidem na ausência de alguns participantes no grupo. A complexidade e diversidade das razões pelas quais os participantes não retornam nem sempre podem ser resolvidas pelo projeto, devido às próprias limitações dos serviços, e a oscilação frequente de participantes em grupos abertos torna desafiador o estabelecimento de vínculos consistentes. No entanto, o projeto procura oferecer possibilidades, como a capacidade de realizar ajustes e aprimoramentos com base na avaliação contínua e na coleta de feedback construtivo dos participantes que optam por não retornar.

Essas reflexões enfatizam a relevância de encarar os desafios e prosseguir no aprimoramento das atividades de extensão, a fim de alcançar os objetivos propostos inicialmente de maneira eficaz e significativa.

CONCLUSÃO

Desse modo, ressalta-se a importância da construção conjunta entre as instituições, CRAS e Universidade, para possibilitar um espaço potente de troca e crescimento coletivo com a comunidade. Esse movimento abriu espaço para que os estudantes pudessem se colocar de maneira ativa no projeto, no processo de educar e educar-se, rompendo com as barreiras impostas por quem constrói e valoriza apenas um saber científico, muitas vezes deslocado da realidade daqueles a quem pesquisa e ensino também deveriam contemplar.

Faz-se necessário destacar a essencial abertura e acolhimento do CRAS do Riacho Fundo 2 para a inserção da Universidade e dos extensionistas, processo determinante para que todo o projeto pudesse acontecer e para que todos os encontros fossem possíveis de serem feitos. Sem o trabalho desses profissionais que atuam na ponta, diretamente com os usuários do sistema, não seria possível e nem sequer efetivo pensar em uma atuação como a aqui descrita. Além do conhecimento sobre o território, a proximidade com os usuários e o espaço cedido, os trabalhadores desse equipamento do SUAS foram imprescindíveis na construção de todo o projeto, de todos os encontros e todas as reuniões de planejamento, com o traquejo e postura de quem trabalha inserido no campo.

Nesse sentido, é fundamental valorizar a extensão como possibilidade dentro da Universidade para que os estudantes estejam também inseridos no campo, entendendo as limitações e as potencialidades do território em que vivem. Para além disso, a extensão mostra-se como possibilitador de trocas importantes com a comunidade, caminhando para superar a lógica de hierarquia de saberes.

Como potencialidade do projeto, tem-se a construção de um espaço que possibilitou a criação de vínculo dos participantes do grupo entre si e com os mediadores, vínculo da comunidade com o CRAS o qual os assiste, além do incentivo para que os usuários retomassem ou fortalecessem uma

postura ativa nas próprias vidas, falando de si, sobre o que sabem, o que não sabem e o que gostariam de aprender. Ressalta-se também o desenvolvimento dos estudantes e do grupo, que tiveram a oportunidade de construir coletivamente com profissionais de áreas de atuação complementares, entendendo mais sobre o trabalho em rede, sobre o território, sobre os grupos e as pessoas que ali residem e vivem. No fim das contas, não apenas o SUAS e CRAS Riacho Fundo 2, como a própria extensão, são meios de acesso à comunidade para trabalhar com ela, tendo ela como *lócus* de poder e agente ativo frente às suas próprias condições de vida e necessidades

Além disso, é importante evidenciar a importância dos professores orientadores para a construção do projeto, que auxiliaram nas atuações de campo através de sugestões e acolhimento das angústias dos estudantes. Sem eles, a atuação de campo também não seria possível de ser realizada no formato que foi.

Para projetos futuros, percebe-se a necessidade de formação contínua da equipe, atualizando conhecimentos acerca das temáticas estudadas, assim como temáticas que atravessam a atuação como um todo. Essa formação pode estar atrelada ou não à extensão enquanto atuação direta no campo. Além disso, como apontado anteriormente, tem-se como limitação do atual projeto a sobrecarga dos servidores e dos estudantes. Nesse sentido, a valorização da extensão se faz mais uma vez presente, uma vez que uma das dificuldades encontradas foi conciliar as atividades dos projetos com outras atividades acadêmicas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social - CRAS. **Orientações Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**, Brasília, 1 ed., 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf. Acesso em: 22 out. de 2023

BRASIL. Censo SUAS 2019. **Ministério da Cidadania**, Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Boletim Mulheres no SUAS**. Brasília: MDS, 2018, v. 5. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/?p=3016>. Acesso em: 21 out. de 2023.

CARVALHO, C. R. A. DE; MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Vulnerabilidade social e envelhecimento na América Latina. Uma revisão bibliográfica a partir das publicações da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 185–207, 30 mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i1p185-207>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

CECCON, R. F. et al. Envelhecimento e dependência no Brasil: características sociodemográficas e assistenciais de idosos e cuidadores. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 17–26, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30352020>. Acesso em: 22 de out. de 2023

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia 2018: Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação**. Relatório Técnico Final do CFP. São Paulo: CFP, 2018. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2018/01/cartilha-Ano-da-Forma%C3%A7%C3%A3o-em-.pdf>. Acesso em: 22 de out. de 2023

CORDEIRO, M. P.. A psicologia no SUAS: uma revisão de literatura. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 166-183, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2023.

FARIAS, T. M.; CAMPOS, H. R.. Psicologia e ontologia: fundamentos para uma reflexão crítica sobre a produção de conhecimento. **Psicologia USP**, v. 32, p. e210062, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210062> . Acesso em: 22 out. 2023.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 0, 1998. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18811111>. Acesso em 14 out. 2023.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, Regina (org). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, p. 54-80, 2010.

MACEDO, J. P.; SOUSA, A. P. de; CARVALHO, D. M. de; MAGALHÃES, M. A.; SOUSA, F. M. S. de; DIMENSTEIN, M. O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos? **Psicologia em Estudo**, , Maringá, v. 16, n. 3, p. 479-489, jul. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/tkKzmJLq5NsXjxZtZxKBrJg/>. Acesso em: 14 out. 2023.

MACEDO, J. P.; FONTENELE, M. G.; GOMES, R. W. DA S.. Psicologia e Assistência Social: Crise e Retrocessos Pós-Encerramento do Ciclo Democrático-Popular. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, n. spe, p. e262852, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/h4SzCzSj-Vx5zpVMk8tkvG8Q/>. Acesso em: 21 out. 2023.

MENDES, K. T.; COSTA, P. H. A. da. Psicologia e pobreza no Brasil: Histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1118-36, 2018.

PARTICIPAÇÃO, E. **Apresentação** - Edição N. 39. Participação, Brasília, v. 1, n. 39, p. 7-9, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/50320>. Acesso em: 21 out. 2023.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina (org). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes. 1996. p. 35-53.

SILVA, Amanda Carollo Ramos da; ALBANESE, Luciana. Formação acadêmica e atuação do psicólogo nos Centros de Referência de Assistência Social. **Pesquisadores psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 4, p. 1-16, dez. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 14 out. 2023.

Freire, P. **Extensão ou comunicação?**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 7^o ed., 1983.

OLIVEIRA, T. M. de. As Métricas Alternativas e Ciência Aberta na América Latina: desafios para a democratização do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, v. 31, e190089, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/g3YBNzgJN8f7tHPVVVRgd6JM/?lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; OLIVEIRA, Isabel Fernandes. Política Social e Psicologia: Uma Trajetória de 25 Anos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. esp., p. 9-24, 2010.

XIMENDES, A. de F.; DE ALMEIDA, R. S.; NUNES, S. dos S.; ANVERSA, E. T. R.; FLORES, G. C. O envelhecimento saudável no contexto da estratégia da saúde da família: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 14666-14680, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/32483>. Acesso em: 20 out. 2023.

Desdobramentos de atividades voltadas para a formação de leitores numa escola da educação básica do Distrito Federal por meio de um projeto de extensão

Developments of activities aimed at training readers in a basic education school in the Federal District through an extension project

Lucas Moreira^[1]

Marya Pedroza^[2]

Luciene Viana Guedes Moreira^[3]

[1] Universidade de Brasília

[2] Universidade de Brasília

[3] SEE/DF

RESUMO Neste trabalho, são descritas as principais atividades promovidas durante o período de execução do projeto de extensão Leitores ao longo do ano de 2022. Estas iniciativas têm como objetivo principal promover vivências dialógicas e construtivas numa escola da Educação Básica do Distrito Federal, principalmente por meio da leitura coletiva de trechos de livros, explorando as várias interpretações que um texto pode oferecer. Os encontros promovidos ocorreram no formato de roda de leitura nas modalidades remota (síncrono) e presencial. Nas semanas que antecediam os eventos, a equipe do projeto promovia atividades formativas na comunidade escolar, no contexto da obra que seria abordada, em conformidade com as componentes curriculares correspondentes. Nesse sentido, a temática do texto selecionado era abordada nas aulas de Língua Portuguesa e Projeto Disciplinar 1 (PD1). A contextualização histórica do autor e da obra foram tratadas nas aulas de História e Geografia. O estímulo à confecção de painéis nas aulas de Artes. Com isso, uma grande parcela dos participantes das atividades formais de discussão coletiva de textos já estava bem apropriada da temática da ação realizada, o que enriquecia ainda mais estes momentos de trocas de saberes. Durante os eventos, os textos são apresentados de maneira a contextualizar a obra e autor. A leitura do texto é realizada de modo exploratório e lúdico, contemplando as ações desenvolvidas no ambiente escolar. Pode-se evidenciar que as ações de extensão desenvolvidas durante a execução do projeto Leitores contribuíram, significativamente, para a obtenção de novos conhecimentos pelos integrantes. Consolidando a leitura coletiva como um campo reflexivo, formativo, afetivo e inclusivo nesta comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Clube de Leitura, Interdisciplinar, Ensino de Qualidade, Formação Cidadã Plena, Inclusão.

ABSTRACT In this work, the main activities promoted during the execution period of the Leituroiros extension project throughout the year 2022 are described. These initiatives have as main objective to promote dialogical and constructive experiences in a Basic Education school in the Federal District. Mainly, through the collective reading of excerpts from books, exploring the various interpretations that a text can offer. The promoted meetings took place in the format of a reading circle in the remote (synchronous) and face-to-face modes. In the weeks leading up to the events, the project team promoted training activities in the school community, in the context of the work that would be addressed, in accordance with the corresponding curricular components. In this sense, the theme of the selected text was addressed in Portuguese Language and Disciplinary Project 1 (PD1) classes. The historical context of the author and the work dealt with in History and Geography classes. Encouraging the making of panels in Arts classes. As a result, a large portion of the participants in the formal activities of collective discussion of texts were already well aware of the theme of the action carried out, which further enriched these moments of knowledge exchange. During the events, the texts are presented in order to contextualize the work and author. The reading of the text is carried out in an exploratory and playful way, contemplating the actions developed in the school environment. It can be evidenced that the extension actions developed during the execution of the Readers project contributed, significantly, to the obtainment of new knowledge by the members. Consolidating collective reading as a reflective, formative, affective and inclusive field in this school community.

KEYWORDS: Reading Club, Interdisciplinary, Quality Teaching, Full Citizenship Training, Inclusion.

INTRODUÇÃO

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) — Programme for International Student Assessment —, define o letramento em leitura como compreensão, uso, avaliação e reflexão sobre o envolvimento do indivíduo com textos, buscando alcançar um objetivo, desenvolver-se e participar da sociedade (Brasil, 2020). A leitura, no contexto de letramento, vai além do simples deleite de textos, passando então a ser considerada requisito para interação plena em sociedade. Isso se deve ao uso de diversas ferramentas que, para alcançar a plena cidadania, exigem que o indivíduo seja letrado, possuindo capacidades interpretativas e reflexivas que irão auxiliá-lo ao longo da vida. Dito isso, os dados apresentados em 2018 pelo Pisa (Brasil, 2020) revelam que a proficiência em leitura na educação básica brasileira é abaixo da média, se comparada a outros países participantes da pesquisa.

O Pisa apresenta em seu relatório que estudantes de famílias favorecidas economicamente geralmente têm altas pontuações no Pisa, enquanto famílias desfavorecidas economicamente obtêm pontuações mais baixas no Programa. Revelando que o nível socioeconômico e seu contexto influenciam diretamente no desenvolvimento escolar pleno do estudante. Numa outra perspectiva, apresentada pelos autores Esping-Andersen e Palier (2010), o estado de bem-estar está ligado as competências cognitivas como condição do êxito escolar de modo particular, pois permitem identificar a capacidade de compreender e fazer uso da informação. Enquanto é evidente que uma sociedade letrada favorece o bem-estar social, as duas instâncias (econômica e social) interagem entre si. Isso demonstra que as condições socioeconômicas podem afetar o pleno desenvolvimento dos estudantes. Portanto, é urgente pensar estratégias que tornem o letramento acessível a todos. Para Candido (1989), a literatura se constitui enquanto um direito, assim como direito à moradia, à alimentação, saúde, uma vez que esta tem o potencial de formar e humanizar. Para ele “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (p. 122).

O domínio das habilidades de leitura e escrita são fenômenos individuais que configuram em consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer de forma individual ou na sua comunidade social. Freire (1998) considera que ler não é só decodificar, mas sim saber perceber o mundo e interpretá-lo de maneira crítica. Em sua obra, o autor referência a leitura como sendo um ato político, dizendo que ler significa afirmar a existência do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca (FREIRE, 2003). Sendo assim, o exercício da leitura possibilita reflexões e ações transformadoras no indivíduo e este é capaz de transformar os espaços que o cercam, desencadeando políticas públicas que geram fundamentos sociais.

Articulado os referenciais teóricos citados, o Projeto Leitores surgiu como uma iniciativa de democratização do acesso à literatura numa escola pública da educação básica do Distrito Federal no âmbito da biblioteca escolar do Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02) do Paranoá no ano de 2020. A fim de ampliar as suas várias contribuições na comunidade escolar atendida e instigar os aspectos cognitivo e reflexivo dos estudantes atendidos, o projeto de extensão foi aprovado no edital PIBEX/2021 do Decanato de Extensão (DEX, 2021) da UnB e teve início em abril de 2021, tendo sua continuação desde então e podem ser contempladas em Moreira, L.; Viana Guedes Moreira, L.; Damasceno Perpetuo, L. As ações se ancoram em estratégias que garantem a interação entre o corpo docente e discente da escola pública e na participação de membros da comunidade acadêmica da UnB, contando com três bolsistas e um docente. O coletivo busca promover a literatura de maneira inclusiva e interdisciplinar, contemplando os mais variados temas a depender da obra literária selecionada. Para além de debates no formato de rodas de leitura, o Leitores buscou, com a participação do corpo docente do CEF 02 do Paranoá, propiciar momentos de produção de textos, atividades pedagógicas que visavam a expansão de vocabulários, o contato com diferentes gêneros literários, incluindo elementos da cultura nacional e internacional. Prezando e se comprometendo sempre com a formação integral dos estudantes, de modo como defende a BNCC: “[...] o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea.” (BRASIL, 2018, p.14)

Se tratando da continuidade do projeto de extensão, que teve início em 2021, o atual artigo se ampara em um outro, já publicado, onde estão explicitados aspectos da instituição vinculada ao Leitores, assim como a relevância do projeto para a comunidade em que está inserido. O artigo foi publicado na revista Participação da Universidade de Brasília, em dezembro de 2022 (Moreira, L.; Viana Guedes Moreira, L.; Damasceno Perpetuo, L.). À vista disso, o presente artigo irá se ocupar principalmente da descrição das metodologias utilizadas na atual edição do projeto, e análise de dados estatísticos. Portanto, além desta introdução, o escrito estará disposto nos seguintes contextos: Metodologia; Resultados; Descrição das atividades; Percepção das atividades; Conclusão; Referências. Buscando responder questões como: I) As dinâmicas oferecidas favoreceram a aquisição de novos conhecimentos? II) Em que medida o projeto Leitores influenciou na vida pessoal e escolar dos participantes? III) Em que escala o projeto Leitores incentivou o hábito de leitura? IV) O Projeto Leitores contribuiu para o bem-estar?

DESENVOLVIMENTO

Com o objetivo de fomentar o hábito de leitura nos participantes, ricas obras literárias foram selecionadas pela equipe do Leitores, dando preferência aquelas que tivessem potencial de informar

e promover a criticidade dos envolvidos, desvelando também a eles que o caminho da literatura abre grandes portas, sejam elas cognitivas e/ou sociais. Em função disso, a equipe de curadoria buscou priorizar livros que dialogassem, de alguma forma, com o contexto social dos estudantes, a fim de ouvir e legitimar as narrativas destes, concedendo subsídios para que, como sujeitos históricos, estejam aptos para transformar o espaço-tempo em que estão inseridos, utilizando o livro como mecanismo para despertar a criticidade e produzir subjetividades. Nesta seção são descritas as atividades realizadas no âmbito do projeto em 2022.

Em 2022, foram realizados seis eventos, que consistiam na socialização e discussão de trechos de obras previamente escolhidas. As ações foram voltadas, principalmente, para a comunidade escolar do CEF 02 do Paranoá, uma Região Administrativa do Distrito Federal. No entanto, salienta-se que os encontros também contaram com a participação de discentes e docentes da UnB, e da comunidade em geral. Todas as iniciativas promovidas foram cadastradas no Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UnB. Como consequência, todos os inscritos nos encontros receberam o certificado de presença emitido por esta universidade. A primeira obra selecionada foi o livro “Malala: a menina que queria ir para escola”, da escritora e jornalista brasileira Adriana Carranca. A obra permitiu que os leitores conhecessem a trajetória e a história de Malala, uma menina que aos dezessete anos recebeu o prêmio Nobel da Paz, depois de ser quase assassinada pelos Talibãs, dentro de um ônibus que a conduzia até sua escola. Atualmente, Malala é um símbolo de defesa da educação e dos direitos humanos.

Em momentos que antecederam a data desse evento, que ocorreu no dia 19 de março de 2022, chamado de “Pré-Leituros”, foi feita a divulgação e a contextualização, em toda a escola, do livro escolhido. Em sala de aula, os professores forneceram informações acerca da região, da cultura, da etnia e das diferentes violências que existiam e, ainda, existem no local e nos arredores onde ocorreria a lamentável história real de Malala. Também, foram abordados os significados de palavras que aparecem no livro, mas que não são de uso cotidiano dos educandos, tais como Pashtun, Rio Ganges, Árabe, Budistas, Nobel da Paz, Talibã, ONU, entre outras palavras. Esses significados são revisitados também no momento “Vocabulando”, que ocorreu durante o encontro. Também na escola, e antes do encontro, foi realizado o chamado “Momento Pipoca”, onde os professores estimularam a produção, por parte dos alunos, de um documentário escrito e a confecção de cartazes que foram colados na escola, a fim de compartilhar experiências e saberes.

Destaca-se que, no contexto do encontro, o livro “Malala: a menina que queria ir para escola”, foi trabalhado em consonância com a autobiografia escrita por Malala, a fim de agregar mais informações ao evento acontecido. Este livro possui uma abrangência geopolítica, cultural, étnica e realística.

A segunda obra explorada no projeto Leituros foi “A Menina que Roubava Livros”, do escritor Markus Zusak, no encontro que ocorreu no dia 9 de março de 2022. Destaca-se que o enredo se

desdobra na Alemanha Nazista, narrando conflitos e dramas vividos por diferentes personagens, mas principalmente pela jovem Liesel, cujo pai é perseguido por ser comunista. Em tempos de livros incendiados, Liesel encontra nos livros, refúgio. O livro permitiu que fossem estudados temas como Segunda Guerra Mundial, nazismo, intolerância, comunismo, limites da liberdade, falta de acesso e criminalização dos livros, democracia e a sua fragilidade perante o esquecimento de momentos históricos como os que o livro retrata. O “Vocabulando” ocupou-se por conceituar palavras como: Judeu, comunista, Mein Kampf, nazismo, Saumenshm, Fuhrer, entre outras. A fim de ampliar o repertório e vocabulário dos estudantes.

Nesse encontro, foi sorteado o livro explorado, sendo o ganhador um estudante do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Antes do evento estreou-se também o “Cine Leitores”, onde estudantes da escola foram convidados a assistir à adaptação do livro para o cinema, filme dirigido por Brian Percival. Em seguida, os estudantes foram instigados a expressar-se, manifestando suas críticas e percepções acerca do enredo do filme, articulando conhecimentos vistos em sala de aula.

Nos momentos “Pré-Leitores” foram feitos o estudo e a contextualização da obra por professores da escola, que em sala de aula trabalharam com os temas de modo a ampliar a visão dos estudantes sobre a obra, bem como, os acontecimentos históricos.

A obra “Extraordinário” foi a terceira debatida no Leitores. Desta vez, o texto tinha um viés pedagógico de contexto extracurricular que perpassa gerações dentro e fora das escolas, que é a prática deliberada do bullying. A temática abordada pela autora R. J. Palácio proporcionou aos Leitores reflexões e provocou relatos de professores e de alunos sobre essa prática danosa em suas vidas.

O livro conta a história do personagem principal chamado Auggie, que por ter uma síndrome que causa deformidade facial, enfrenta, desde seu nascimento, inúmeras barreiras, incluindo dezenas de cirurgias, até chegar o dia de frequentar a escola. A trajetória da personagem revela muitas dificuldades, contudo o apoio da família, de amigos e da direção da escola proporcionaram ao Auggie uma vivência social desejada por qualquer criança ou adulto. Antes do encontro, também houve o momento Cine Leitor, onde, a fim de dinamizar o projeto, os estudantes assistiram à adaptação do livro para o cinema.

A psicóloga da escola abriu o encontro dos Leitores explanando traços geo-históricos que transcendem a obra Extraordinário, pois a prática Bullying e suas consequências ultrapassam, de forma global, muros de escolas e de páginas literárias. Com sua experiência profissional, a professora trouxe dados de como direta e indiretamente o fenômeno bullying ocorre e suas lamentáveis consequências. Reforçou, ainda, a importância da não passividade diante de ações ou suspeitas da prática de bullying. Ressaltou que o diálogo também é um aliado no combate a esse fenômeno. Por fim, destacou que exercitar uma boa convivência social requer escuta e olhar atentos a quais-

quer mudanças de comportamento, tanto no ambiente escolar, quanto no familiar. Terminou dizendo: “todos estão de mãos dadas contra o bullying!”

A interação entre os professores, estudantes e comunidade escolar se deu por meio de sentimentos de cumplicidade e de empatia com aqueles que já sofreram ou presenciaram bullying em algum momento de suas vidas. A escuta dos relatos tocou os corações de todos os leitores. Destaca-se, ainda, que houve uma participação significativa do público que acompanhou o evento pelo YouTube. O evento foi encerrado com a exposição de caricaturas produzidas por um estudante da sala das Classes Especiais do CEF 02. Esses desenhos artísticos foram dedicados a vários professores da escola.

O primeiro encontro presencial do projeto Leitores ocorreu no Campus Darcy Ribeiro, da UnB. A história da criação da Universidade de Brasília foi apresentada aos estudantes em diferentes momentos do evento. A obra “O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, de Darcy Ribeiro, foi abordada como ferramenta pedagógica para que os participantes pudessem unir texto/contexto e apropriarem-se de uma história que fora construída em bases altruístas e a frente de seu tempo.

A obra trata da história da formação do povo brasileiro e da valorização da interdisciplinaridade dos saberes de um povo, sua etnia, sua religiosidade, seus costumes e valores culturais. Desse modo, foi possível dialogar com temas como: O que é uma universidade; como surgiu a UnB; análise sobre construção do campus; a inquietude do antropólogo Darcy Ribeiro; o modelo pedagógico do educador Anísio Teixeira. O momento “Vocabulando” do evento, no contexto da obra, possibilitou que fossem abordados conceitos como: Eurocêntrico, sincrônica, antagonista, postergado, cultura e outros.

A arte, a inovação e a criatividade do “Cine Pipoca no Rolê”, projeto de extensão de cinema itinerante idealizado pela Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB, fizeram dos momentos que antecederam o dia do evento uma atividade cinematográfica. A exibição de um documentário sobre Darcy Ribeiro, numa Kombi bem equipada, na área interna da escola, possibilitou construir novos conhecimentos e valorizar a escola pública, tendo em vista que o CEF 02 foi a primeira escola a receber uma atividade do projeto “Cine Pipoca no Rolê” em 2022.

A presença do CEF 02 na Universidade de Brasília evidenciou que envolver a educação pública em seus níveis básico e superior numa ação de fomento à leitura, de forma empírica, demonstrou que o legado pedagógico de Darcy Ribeiro, deixado na obra “O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, vem sendo perseguido por educadores que ouviram e ouvem seus sinais. Ademais, o evento presencial provocou importantes debates acerca da implementação de um sistema de cotas sociais e raciais, informou sobre a garantia de vagas para estudantes de escolas públicas, com subdivisões de reservas para pretos, pardos, indígenas e quilombolas, o que serviu de recurso para que os estudantes planejem seu futuro ingresso na Universidade de Brasília, diminuindo a distância entre a Universidade e a escola pública, salientando sempre que esse espaço também pertence a eles.

Por fim, o evento contou com um coffee-break, sorteio de camisetas do Projeto Leitores entre os estudantes participantes, e a distribuição de camisetas para os professores do CEF 02 que compõem a equipe do projeto. Além disso, a fim de consolidar saberes e questionar sobre as experiências, o evento contou com a cobertura da UnBTV, que entrevistou os estudantes e professores participantes do projeto.

A quinta atividade vinculada ao projeto Leitores foi realizada no dia 1 de setembro, durante a Semana Universitária de 2022 da UnB. A ação visou promover a socialização de leituras de textos associados à obra *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire. O encontro se deu de modo presencial e contou com mais de 100 participantes inscritos no SIGAA,

O encontro se deu nos seguintes passos: Apresentação inicial e mensagem de boas-vindas; Espaço de fala para os estudantes que produziram textos associados à obra falarem sobre suas inspirações e motivações para as suas obras; Apresentação do autor. Contextualização do texto e autor a serem trabalhados; Leitura coletiva do trecho escolhido; Compartilhamento de experiências, vivências, percepções, inquietações, etc. com o texto debatido; realizou-se também sorteios de brindes. Os participantes foram, em sua maioria, alunos e professores do CEF 02 do Paranoá. Estes vieram à SEMUNI em quatro ônibus viabilizados pelo DEX/UnB. Aos participantes, também foi oferecido um lanche (organização da atividade) e lanche (DEX). Os participantes realizaram uma visita guiada pelos organizadores à mostra de curso da UnB.

O último encontro do ano se deu de maneira remota no dia 19 de novembro de 2022, e teve como objeto de estudo a obra *Diário de Bitita*, contando com a participação de uma professora doutora que teve o seu trabalho de pesquisa voltado para a autora da obra, Carolina Maria de Jesus. O trabalho de pesquisa da professora culminou na publicação “A vida escrita de Carolina Maria de Jesus”, evidenciando também os porquês de uma autora brasileira ser pouco conhecida e reconhecida em nosso país, mesmo tendo sua obra traduzida em mais de uma dezena de países.

No momento “Pré-Leitores”, os estudantes dos nonos anos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da história da autora Carolina Maria de Jesus no Cine-leitor, que mostrou dois documentários realizados pela Nação/TVE/ Parte I e Parte II. Na sequência, o livro “Diário de Bitita” fez parte do conteúdo programático do último bimestre do corrente ano. A programação do 4º bimestre inclui a temática sobre a Consciência Negra e, portanto, ler esta autora significa despertar para uma consciência social, que é atemporal e nos acompanha até os dias atuais. Como por exemplo: o papel da mulher negra na sociedade; condições dos moradores de periferias/favelas, discriminação com as pessoas que trabalham como catadores/recicladores de lixo e outros. O estudo da biografia de Nelson Mandela também esteve na programação e ajudou na contextualização e na valorização da leitura dessa obra no último Leitores de 2022.

A humanidade tem dívidas impagáveis com o povo da mãe África, cujos filhos(as) foram lhe arrancados, maltratados e violentados em sua dignidade. Esse trágico recorte da história contemporânea cruza-se com o desfecho de uma potente história de vida, que nos trouxe até a obra “Diário de Bitita” de Carolina Maria de Jesus, que nos revela questões raciais e de gênero, numa época de recente abolicionismo. Nesse contexto, essa mulher negra, moradora de uma favela, catadora de papel e dotada de uma escrita, cuja narrativa manifesta sua curiosidade pelo mundo e, ao mesmo tempo, sua revolta pelo desvelamento de classe social, que a acompanhava da infância à vida adulta. A importância da escrita na vida de Carolina faz de seu traçado um misto de lembranças e fatos cotidianos de quem viveu a falta de um teto e a dor da fome. Todavia, essa miserabilidade social não a impediu de pensar e escrever sobre escravidão, Lei Áurea, falas de Rui Barbosa, governo de Getúlio Vargas e outros.

O Momento Pipoca expôs os trabalhos produzidos pelos estudantes dos nonos anos sobre a vida e obra da Carolina Maria de Jesus e a biografia de Nelson Mandela. Os estudantes transformaram as paredes das salas de aula em uma exposição de artes, com cartazes e quadros, dando o merecido protagonismo a esses representantes da negritude universal. No momento Vocabulando, foram estudados conceitos como: Zumbi dos Palmares, livre arbítrio, sinhô, meirinho, labores, refúgio, ladraram e outros.

METODOLOGIA

As atividades de extensão realizadas durante a execução do projeto Leitores 2022 desenvolveram-se nos formatos remoto e presencial. A maioria dos encontros aconteceram em datas que coincidiam com os sábados letivos do Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02) do Paranoá, ajustando ao calendário da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEE/DF). As rodas de leitura vinculadas ao projeto foram realizadas em ambientes virtuais (plataformas Google Meet, Youtube e Instagram) e em espaços da Universidade de Brasília (UnB). Ao todo, foram realizados seis encontros, que consistiam na socialização e discussão de trechos de obras previamente escolhidas. As ações foram voltadas, principalmente, para a comunidade escolar do CEF 02 do Paranoá, uma Região Administrativa do Distrito Federal. No entanto, salienta-se que os encontros também contaram com a participação de discentes e docentes da UnB, e da comunidade em geral. Todas as iniciativas promovidas foram cadastradas no Sistema Integrado de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UnB. Como consequência, todos os inscritos nos encontros receberam o certificado de presença emitido por esta universidade.

O projeto conta com uma equipe multidisciplinar composta por membros da comunidade acadêmica da UnB (discentes, servidores e docentes) e por professores de Língua Portuguesa, História, Artes e Matemática do CEF 02 do Paranoá. A equipe fazia a curadoria de uma obra, selecionando

previamente um trecho a ser discorrido em cada encontro. No processo de escolha da obra, sempre se buscou a seleção de conteúdos que viessem a dialogar com a realidade social dos participantes. Considerou-se também a qualidade literária das obras, a variedade de gêneros literários e as sugestões dos participantes. No ano de 2022, foram selecionados autores nacionais e internacionais, bem como produções antigas e contemporâneas.

A programação geral dos eventos seguia os seguintes passos: Apresentação inicial e mensagem de boas-vindas; Apresentação do(a) autor(a) e obra; Contextualização histórica da obra e autor a serem trabalhados; “Vocabulando” (explicação do significado de palavras “menos utilizadas que aparecem no trecho da obra selecionada); Leitura coletiva do trecho escolhido; Compartilhamento de experiências, vivências, percepções, inquietações a partir do texto debatido; “Momento Poesia” (declamação de um poema de autoria própria ou de outrem associado à obra por um estudante da escola).

Na escola, nas semanas que antecederiam os eventos, a equipe do projeto promovia atividades formativas e interdisciplinares, no contexto da obra que seria abordada, em conformidade com as componentes curriculares correspondentes. Essas ações foram denominadas de momentos “Pré-Leituros”. Nesse sentido, a temática do texto selecionado era abordada nas aulas de Língua Portuguesa, sendo estimulado que os estudantes fizessem, além da leitura do livro, produções de autoria própria, como textos e poesias. A contextualização histórica do autor e da obra eram debatidos nas aulas de História. O estímulo à confecção de painéis, cartazes, desenhos e outras produções artísticas incentivadas nas aulas de Artes. Além disso, aos estudantes era oportunizado assistirem ao filme referente a obra (quando existente), no momento intitulado “Cine Leituros”.

Durante cada um dos encontros, após a contextualização histórica, apresentações de biografias e bibliografias, era realizada a leitura coletiva do trecho selecionado. Os textos foram apresentados de maneira exploratória e lúdica. Os textos eram disponibilizados aos participantes durante e antes dos encontros, para aqueles que quiseram se apropriar de seu conteúdo antes da atividade formal. No entanto, a leitura prévia não era um requisito para a participação dos encontros, uma vez que sempre se realizava a leitura coletiva e estimulante do texto previamente escolhido durante a atividade.

Em seguida, abria-se espaço para as manifestações e construções coletivas dos participantes, acerca das múltiplas interpretações que uma obra pode proporcionar. Sempre é incentivada e valorizada a exposição de opiniões, ideias, percepções e inquietações dos participantes, principalmente dos alunos da Educação Básica. Com isso, objetiva-se estimular uma convivência dialógica que encoraje a fala e a reflexão, trazendo um caráter inclusivo que enfatize e valorize a heterogeneidade complexa e multiforme das manifestações de linguagem em situações sociais concretas (BAKHTIN, 1997).

Reconhecendo-se a literatura como recurso indispensável no processo de letramento, durante os encontros, foi concebido o momento intitulado “Vocabulando”. Nessa ocasião, transcreve-se algumas palavras da obra abordada no evento, objetivando-se destacar palavras que elevam seman-

ticamente o texto/contexto; valorizar a seleção lexical utilizada pelo autor; reconhecer a identidade da equipe do projeto Leitores com a obra; impulsionar o conhecimento e o reconhecimento da Língua Portuguesa. O significado dos vocabulários selecionados é tratado tanto no contexto da sala de aula como no momento do encontro.

Após a realização das atividades vinculadas ao encontro, professores da escola em conjunto com o discente bolsista do projeto, elaboram um relatório informativo, intitulado “Jornal dos Leitores”. Nesse periódico, materializava-se a memória da história do encontro, as palavras do “Vocabulando”, os momentos “Pré-Leitores”, o “Cine Leitores”, percepções e falas dos participantes, informações sobre o próximo encontro, dentre outras. Na Figura 1, é apresentado um exemplar deste jornal.

Figura—01

Uma edição do Jornal dos Leitores.



Fonte: Os autores

Em cada encontro, os participantes são estimulados a responderem um formulário de frequência, no formato de formulário eletrônico que é utilizado para validação de presença dos estu-

dantes e como instrumento de uma pesquisa. Tais questionários foram elaborados com base em métodos estatísticos e buscam avaliar em que medida a participação ativa dos estudantes no projeto Leitores influenciou na vida escolar e pessoal deles, no hábito de leitura e na qualidade de vida. Além disso, tal ferramenta de coleta de informações proporcionou dados valiosos para a análise da qualidade, efetividade e capacidade de replicação do projeto em outras escolas do Distrito Federal. Também foi possível traçar o perfil e a percepção dos participantes relativamente às atividades realizadas. Em geral, foram coletadas informações relativas a um grupo significativo de pessoas (360 respondentes) que participaram das atividades promovidas.

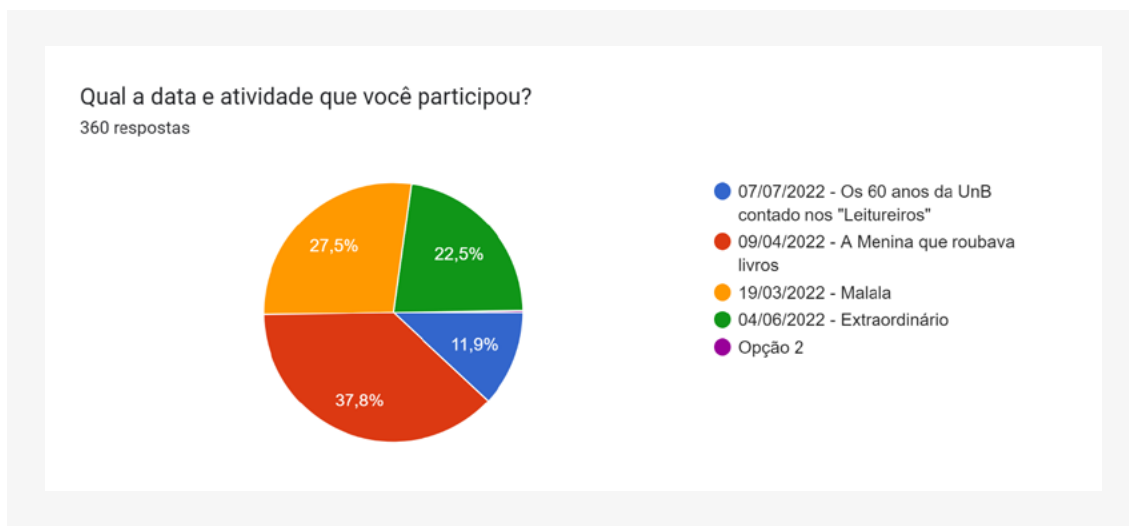
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção é realizada a análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados nas ações promovidas, bem como a discussão dos resultados obtidos. Em 2022, foram promovidos seis encontros vinculados ao projeto Leitores, todos no formato de rodas de leitura coletiva e com o compartilhamento das múltiplas interpretações. Em cinco dessas iniciativas, foi disponibilizado um questionário para captar o perfil, a percepção e o impacto no hábito de leitura dos participantes. Ao todo, foram 360 entrevistados. Nesta seção, procede-se a uma análise quantitativa e qualitativa das informações coletadas. Assim, obtém-se as conclusões correspondentes aos dados apurados.

No Gráfico 1, apresenta-se o percentual de questionados em cada um desses encontros. Observa-se que o encontro que teve o maior percentual de respondentes, 37,8% do total, foi aquele em que a obra discutida foi “A Menina que Roubava Livros”.

Gráfico-01

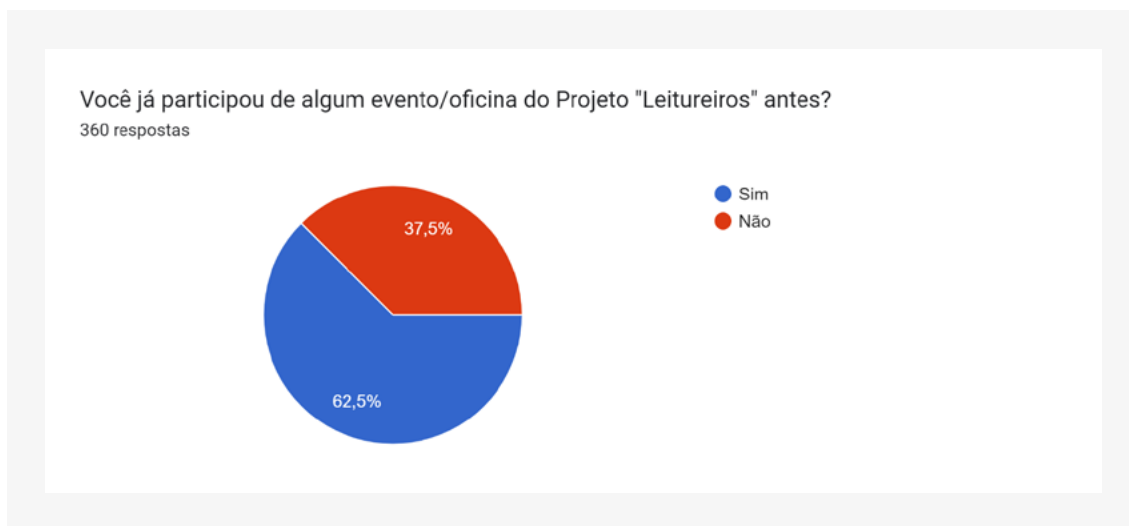
Percentual de entrevistados por atividade dos Leitores.



A partir do Gráfico 2, pode-se afirmar que 62,5% dos entrevistados, ou seja, a maioria, já havia participado de alguma atividade vinculada ao projeto Leitores.

Gráfico-02

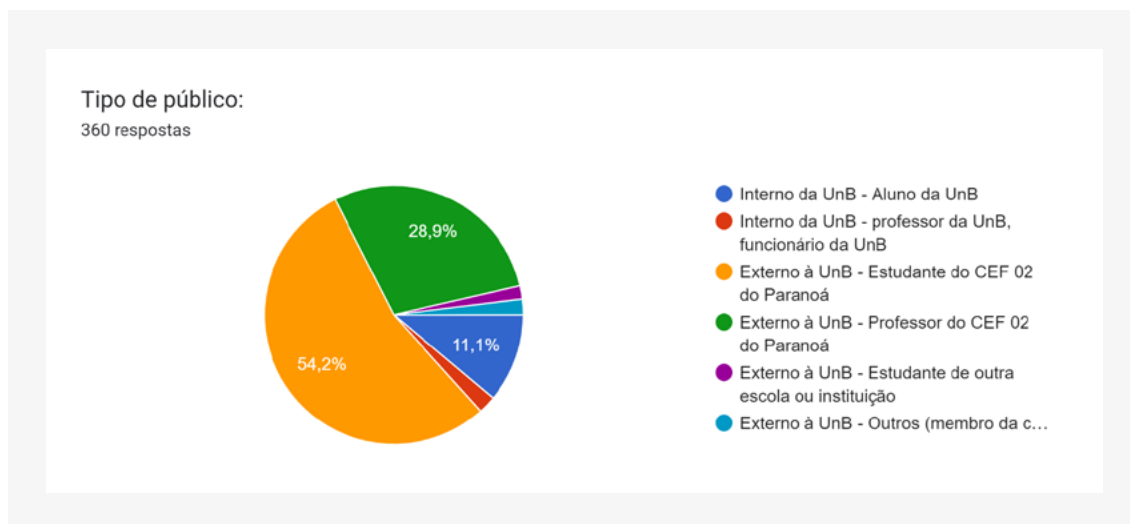
Quantidade de pessoas que participaram ou não de um encontro.



Se tratando de um projeto de extensão da UnB, as ações promovidas têm um público bastante heterogêneo, sendo formado por estudantes e professores da Educação Básica (83,1%), discentes e docentes (13,3%) da UnB e pessoas da comunidade em geral (3,6%), conforme observa-se no Gráfico 3.

Gráfico-03

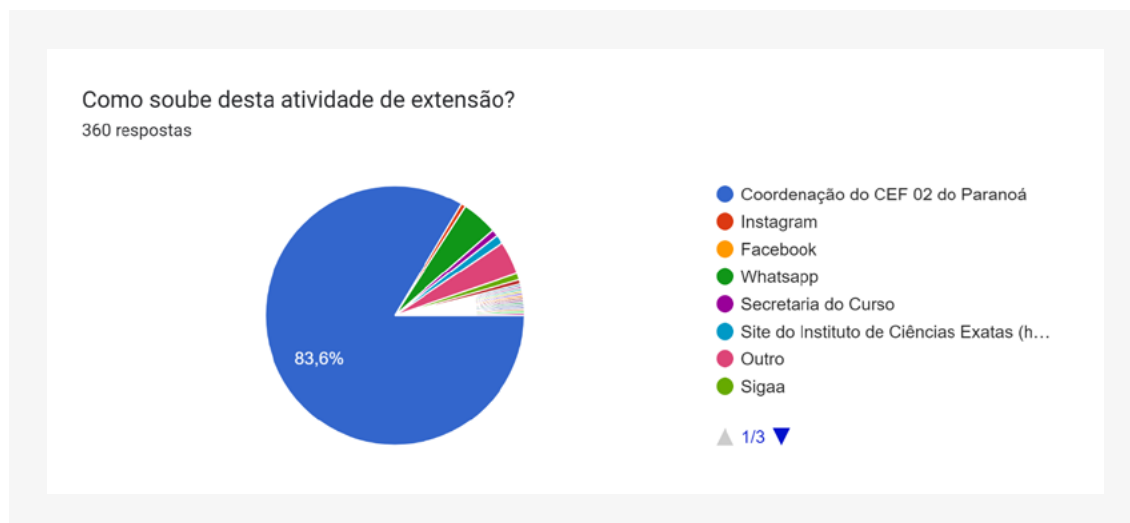
Perfil dos participantes.



O projeto recebeu ampla aceitação e suporte da comunidade escolar do CEF 2 do Paranoá e da equipe diretiva desta escola, que amparam o projeto tanto na parte pedagógica, quanto na parte técnica e organizacional. Isso pode ser visto através do Gráfico 4, que mostra que a coordenação do CEF 2 foi a principal fonte de divulgação das atividades vinculadas ao projeto Leitureiros (83,6%). Apesar de todas as intervenções também terem sido amplamente divulgadas em outros canais de comunicação pela equipe do projeto.

Gráfico-04

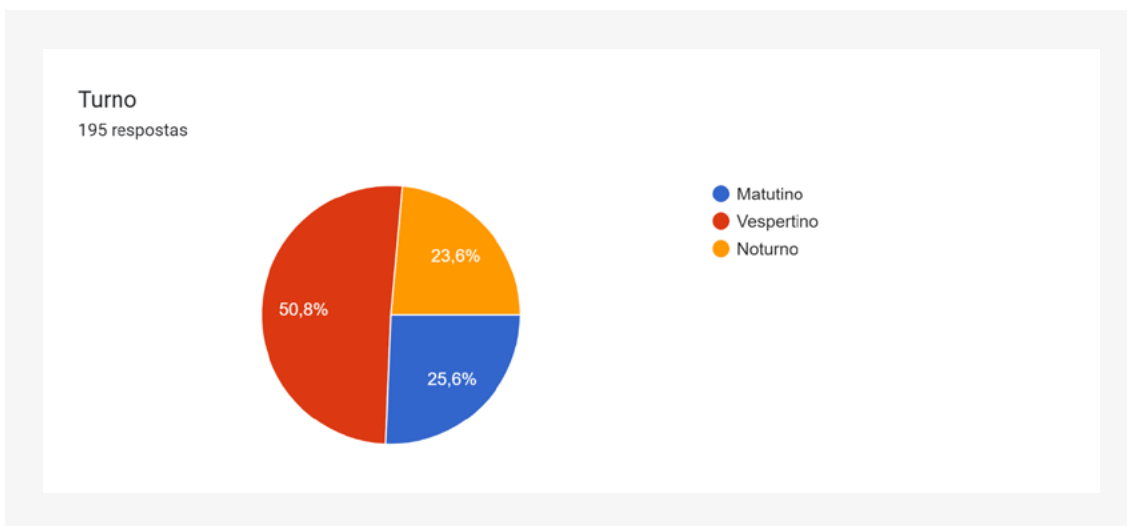
Formas de divulgação do projeto.



Por meio do Gráfico 3 percebe-se que apesar dos eventos serem abertos e divulgados entre os públicos interno e externo à UnB de forma geral, 93,9% dos participantes das atividades do projeto eram estudantes ou professores do CEF 2 do Paranoá. Mas vale destacar que houve 1,3% dos participantes eram discentes da UnB e que 1,9% eram estudantes de outras escolas ou de outras instituições. Isso mostra que o projeto teve um público bastante heterogêneo.

Gráfico-05

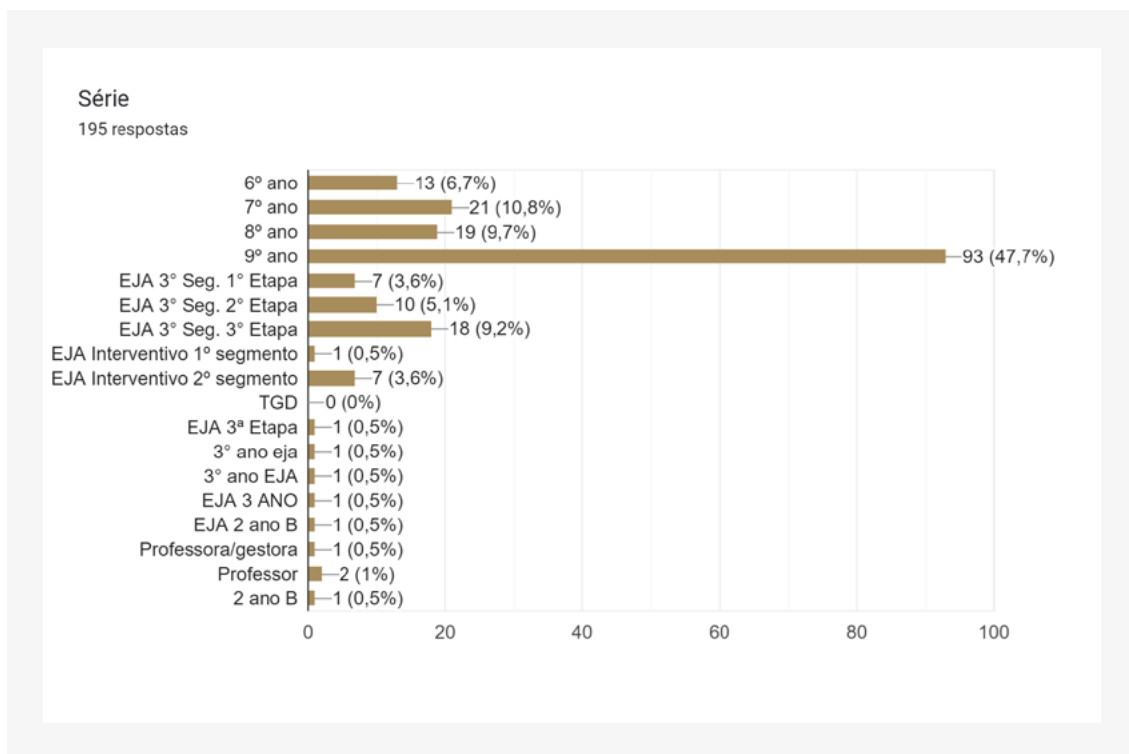
Turno de pertencimento dos estudantes do CEF02.



Salienta-se que o CEF 2 do Paranoá é um polo de Educação Especial no DF, desde o ano de 2019. Possuindo turmas de Turmas de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), EJA interventivo no período noturno (1º e 2º segmento) e classes especiais, que atendem várias especificidades de transtornos, sendo estudantes com diferentes necessidades especiais (NEE). O projeto também atendeu a estes estudantes. Suas participações foram constantes, significativas e ativas, trazendo para o projeto a força que a inclusão carrega consigo e a riqueza da diversidade nos debates, ampliando assim os nossos debates. Mas por questões de limitações no preenchimento do instrumento de pesquisa aplicado, estes estudantes não aparecem quantificados entre os respondentes. Apesar disso, é um objetivo incluir e oportunizar as rodas de leitura coletivas a todos.

Gráfico-06

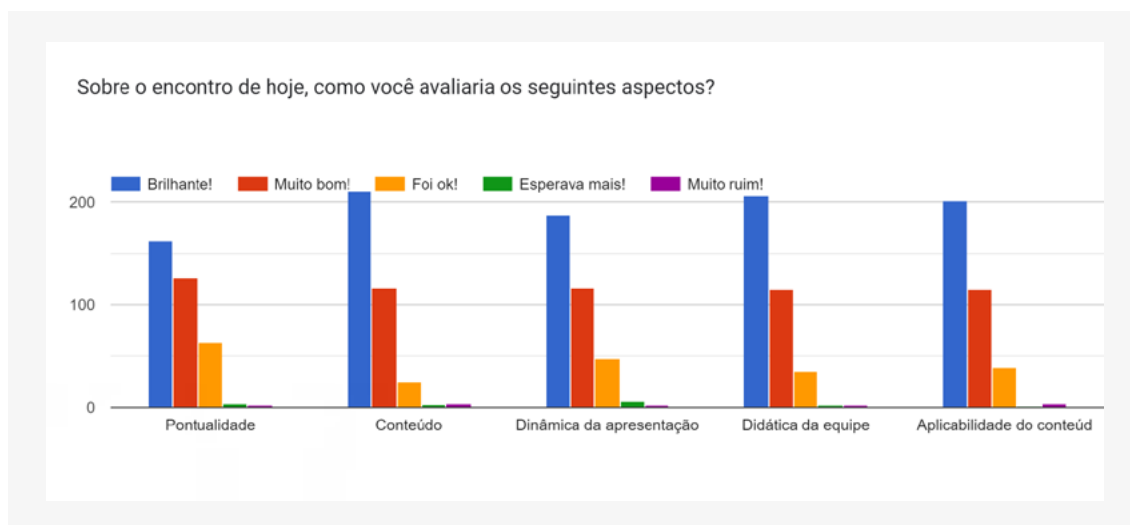
Turno de pertencimento dos estudantes do CEFo2.



Com relação ao perfil dos estudantes do CEF 2 do Paranoá que participaram do projeto vê-se, pelo Gráfico 5, que a maioria estudava no turno vespertino (50,8%), 25,6% no matutino e 23,6% do noturno. A participação dos estudantes do EJA (noturno) nos encontros realizados em 2022 foi algo bastante incentivado e objetivado pela equipe do projeto. Alcançar esse público foi muito gratificante, uma vez que a maioria dos estudantes desse turno já estão atuando no mercado de trabalho, possuem suas próprias famílias e possuem dificuldade de participar de atividades vinculadas a projetos de extensão. Outras vezes, não lhes são ofertadas ações que tornem suas participações possíveis. Destaca-se também que alcançar esse público foi uma meta estabelecida após encerrar o projeto Leitores de 2021, que não contou com participantes do noturno. A partir do Gráfico 7, salienta-se que 11,1% dos participantes entrevistados eram discentes da UnB.

Gráfico-07

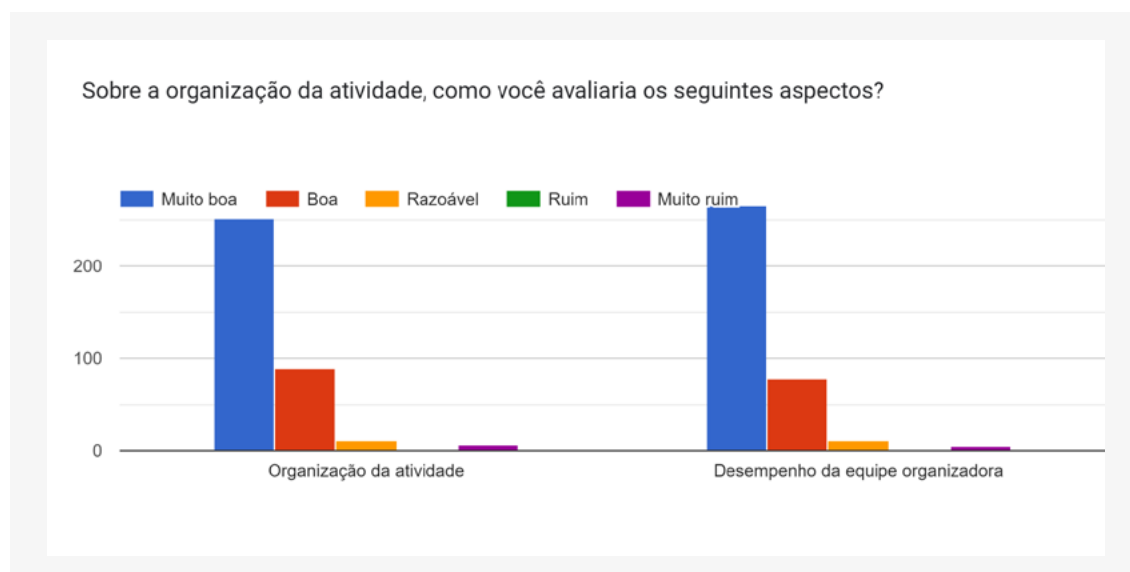
Unidade acadêmica dos estudantes da UnB.



Estes estudantes estavam matriculados em diferentes unidades acadêmicas desta universidade. Sendo que 37,5% eram estudantes do curso de graduação em Pedagogia e 7,5% estavam matriculados no Mestrado em Educação, ambos da Faculdade de Educação da UnB. A participação desses estudantes nos encontros sempre é acompanhada de momentos enriquecedores e oportuniza a interação direta entre estudantes da UnB e a comunidade escolar, que é uma das diretrizes da extensão no Ensino Superior Brasileiro.

Gráfico-08

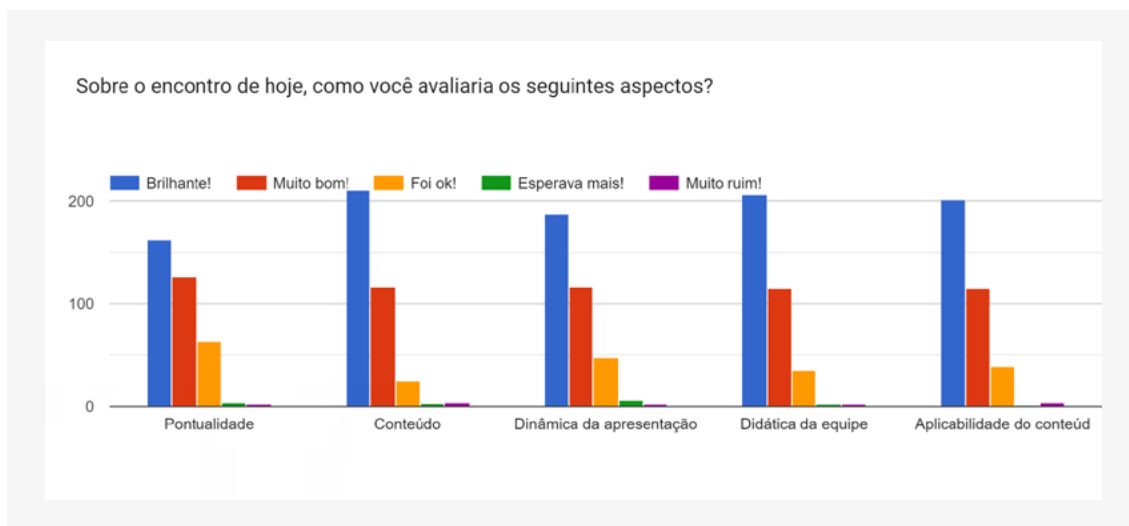
Percepção acerca da organização das atividades.



Pode-se afirmar que a avaliação dos participantes em relação à organização das rodas de leitura promovidas foi muito benéfica. De fato, por meio do Gráfico 8, verifica-se que ao menos 92% dos questionados acharam a organização dos encontros e a atuação da equipe gestão como sendo boas ou muito boas. Essa percepção aferida certamente reflete o zelo e a forma acolhedora com que a equipe do projeto delineou e realizou as ações.

Gráfico—09

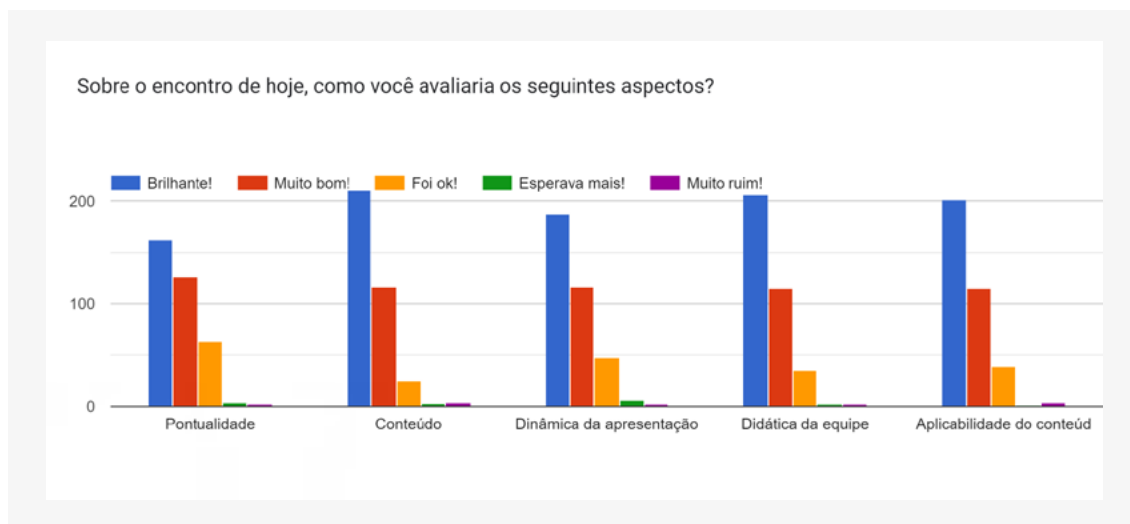
Percepção acerca da pontualidade, dinâmicas da ação, dentre outros aspectos.



Por meio do questionário, foi possível captar a percepção dos participantes acerca de vários aspectos adicionais. Pelo Gráfico 9, 58,9% dos participantes classificaram o conteúdo da atividade como sendo brilhante. Mais de 80% acharam que a pontualidade dos encontros como muito boa. A dinâmica da apresentação, a didática da equipe e a aplicabilidade do conteúdo abordado também foi avaliado de modo notavelmente positivo pela ampla maioria dos respondentes. Aponta-se que a programação dos encontros segue a seguinte os seguintes passos: Apresentação inicial e mensagem de boas-vindas; Apresentação d(o)a autor(a) e obra; Contextualização histórica do texto e autor a serem trabalhados; Vocabulando (explicação do significado de palavras “menos utilizadas que aparecem no trecho selecionado); Leitura coletiva do trecho escolhido; Compartilhamento de experiências, vivências, percepções, inquietações a partir do texto debatido; Momento Poesia (declamação de um poema associado à obra por parte de um estudante da escola).

Gráfico-10

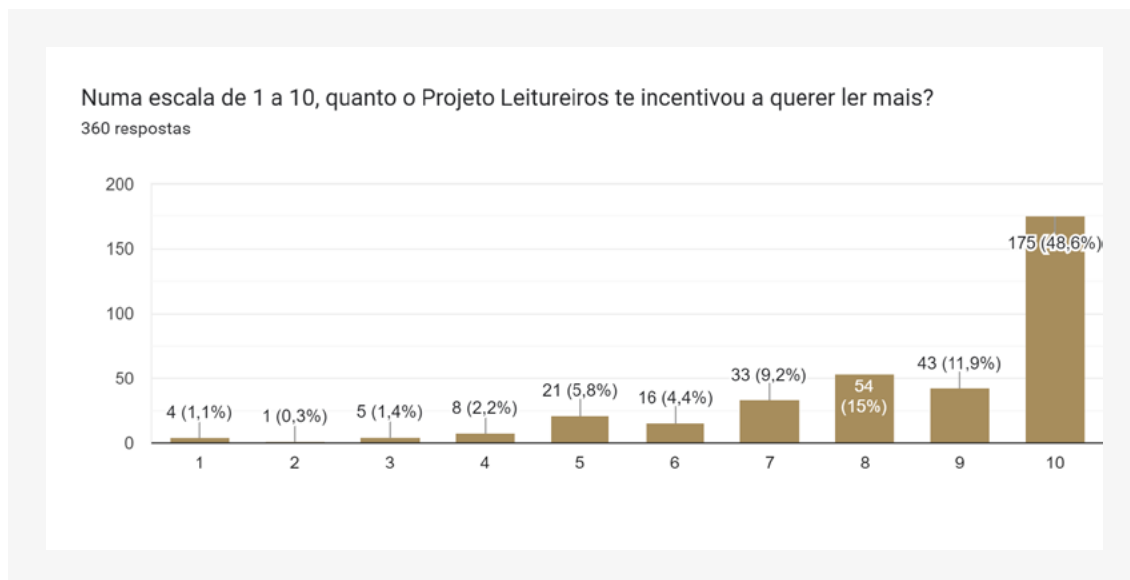
Percepção acerca da apropriação de novos conhecimentos.



As dinâmicas acontecidas foram permeadas por debates enriquecedores e pela apresentação de temáticas significativas. Isso pode ser comprovado através do Gráfico 10, em que se observa que 96,4% dos participantes concordam parcial ou inteiramente que os eventos propiciaram a aquisição de novos conhecimentos. Isso reflete que as escolhas da obra e assunto das atividades foram muito bem assertivas por parte da equipe do projeto.

Gráfico-11

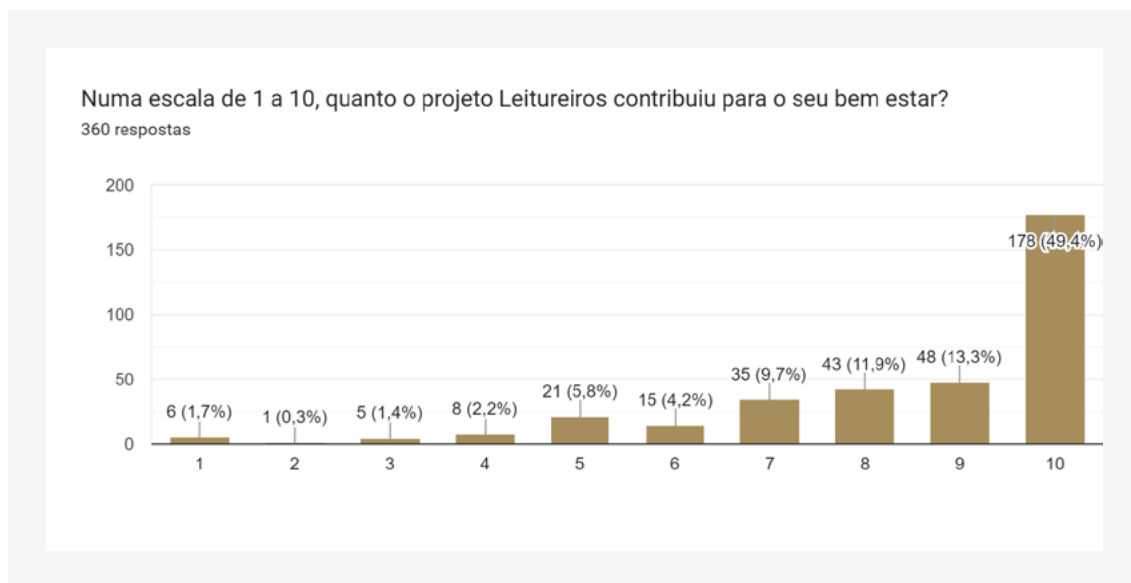
Impacto do projeto no hábito de Leitura.



Sabe-se da importância da leitura em todas as áreas do conhecimento e enquanto atividade de inclusão social. Assim, o projeto visa, principalmente, incentivar o hábito de leitura nos participantes. Conforme se atesta no Gráfico 11, numa escala de um a dez, 84,76% dos questionados disseram que foram incentivados a ler ao menos na grandeza de 7. Com isso, pode-se afirmar que o Leitores promoveu vivências que estimularam intensamente a leitura dos intervenientes.

Gráfico-12

Auxílio dos eventos no bem-estar.



Percebe-se que a ampla maioria dos alcançados indicaram que as ações do projeto propiciaram bem-estar. Isso pode ser comprovado por meio do Gráfico 12 em que, numa escala de um a dez, quase a metade (49,4%) atribuíram magnitude máxima (dez) com respeito a satisfação que sentiram após os encontros. Essa avaliação esperançosa é muito importante, pois para além de prover atividades conteudistas, almeja-se propiciar felicidade aos envolvidos nas atividades. Destaca-se que o Paranoá e Itapoã são Regiões Administrativas do Distrito Federal que apresentam altos índices de vulnerabilidades social e econômica. Na escola, são constantes os relatos de vivências de violência física e psicológica dos educandos. Nesse cenário, a percepção apontada traz uma sensação de acalento e encorajamento para a equipe, mesmo sabendo que várias medidas devem ser tomadas para mudar esse quadro que se apresenta.

Ressalta-se que a equipe do projeto sempre buscou acolher as sugestões recebidas, buscando fazer de cada encontro uma construção coletiva, plural e inclusiva, desde a escolha da obra, passando pela estrutura de roteiro até os momentos de socialização e debate dos textos trabalhados.

CONCLUSÃO

A prática da leitura permite que os sujeitos se tornem mais autônomos, críticos e capazes de se tornarem agentes transformadores nas sociedades que estão inseridos. Conscientes da importância da leitura, o projeto Leitores que teve como foco o incentivo e a promoção desta prática por meio das suas atividades descritas, possibilitou a comunidade escolar que atende, atividades significativas na formação dos estudantes através da promoção da leitura e se consolidou como um espaço referência de troca de vivências dos envolvidos no projeto.

Além disso, as escolhas das obras tratadas nos encontros proporcionaram importantes momentos de reflexão e debate, pois trouxeram temáticas extremamente relevantes como: Direitos à educação e humanos; Segunda Guerra Mundial; Nazismo; Intolerância; Comunismo; Limites da liberdade; Falta de acesso e criminalização dos livros; Democracia e as suas fragilidades; Bullying e suas lamentáveis consequências; Etnia; Religiosidade; Costumes e valores culturais; Consciência Negra e social; Papel da mulher na sociedade; Condições dos moradores de periferias/favelas; Discriminação, dentre outros. Colaborando para a construção dos saberes políticos e sociais norteadores dos envolvidos.

Portanto, ao possibilitar aos estudantes a apropriação das habilidades de leitura e escrita podemos configurar em consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer de forma individual ou na sua comunidade social. Sendo assim, o exercício da leitura possibilita reflexões e ações transformadoras no indivíduo e este é capaz de transformar os espaços que o cercam com desdobramentos sociais significativos.

No contexto de educação inclusiva, salienta-se que o CEF 2 do Paranoá é um polo de Educação Especial no DF, desde o ano de 2019 e o projeto também atende a estes estudantes que tem participações constantes, significativas e ativas, trazendo para o projeto a força que a inclusão carrega consigo e a riqueza da diversidade e pluralidade dos debates.

Ressaltamos, ainda, que o desenvolvimento de um projeto desta natureza é de suma importância, haja vista que se alinha à proposta da BNCC que apresenta a leitura como um fator determinante e norteador na construção do conhecimento.

Por meio da coleta e análise dos dados e relatos constantes dos participantes do projeto, consideramos que as atividades executadas foram consideradas bastante interessantes, significativas e recomendáveis a outras pessoas. Haja vista que, majoritariamente, os envolvidos consideraram que a participação nas atividades no projeto promoveu um bem-estar socioemocional e trouxe uma experiência formativa positiva dos envolvidos. Consolidando a leitura coletiva como um campo reflexivo, formativo, afetivo e inclusivo nesta comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M (Volochinov). **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, A. Direitos Humanos e literatura. Ed. Brasiliense, 1989.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

DEX, Decanato de Extensão, **PIBEX 2021**, Universidade de Brasília, 2021. Disponível em <http://dex.unb.br/edital/pibex/category/250-edital-pibex-2021>.

ESPING-ANDERSEN, G.; PALIER, B. **Los tres grandes retos del Estado del bienestar**. Barcelona: Grupo Planeta, 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 41ª ed, São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

INEP. **Brasil no Pisa 2018** – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

MOREIRA, L.; VIANA GUEDES MOREIRA, L.; DANASCENO PERPETUO, L. A implementação de um clube de leitura numa escola pública da educação básica do Distrito Federal. **Participação**, Brasília, Nº 38, P. 32-55, dezembro/2022.

YOUTUBE, **Canal Oficial do Projeto Leitores**, 2021. Disponível em https://www.youtube.com/channel/UCEuOVCJW9v74_zEeR3YjCHA.

ARTIGO

Estímulo às Funções Executivas: Um relato de experiência na Educação Infantil

Stimulating Executive Functions: an experience report on Early Childhood education

Claricy Araújo Rodrigues^[1]

Bianca de Melo Ferreira^[2]

Alena Nobre^[3]

Jacqueline Travassos de Queiroz^[4]

[1] Universidade de Pernambuco (UPE)

[2] Universidade de Pernambuco (UPE)

[3] Universidade de Pernambuco (UPE)

[4] Universidade de Pernambuco (UPE)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar e discutir a importância da realização de brincadeiras para o desenvolvimento de crianças e também a sua relação com as funções executivas. O relato de experiência a seguir é resultado de uma intervenção que foi realizada no ano de 2022 em uma escola infantil localizada na cidade de Garanhuns, em Pernambuco, com crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. A iniciativa advém de um projeto realizado pela extensão universitária da Universidade de Pernambuco do Campus de Garanhuns, o NUEEC (Núcleo de Estudos em Educação Cognitiva), que buscou realizar processos de estimulação às Funções Executivas com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, com o intuito de apoiá-las cognitivamente, seja individualmente ou em grupo. As brincadeiras foram retiradas do PIAFEX (Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas) – dispõe de inúmeras atividades desenvolvidas com o propósito de auxiliar o desenvolvimento das funções executivas em crianças. Dentre os objetivos nas atividades escolhidas, optou-se por atividades que tem por função estimular o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva, aprimorar a memória e a atenção, adquirir a habilidade de pensar antes de agir, solucionar desafios inesperados e também orientar o comportamento de acordo com algumas regras para que o indivíduo consiga obter um bom desempenho em habilidades que serão bastante utilizadas em etapas futuras da vida. Com os resultados da prática, foi possível analisar que as crianças apresentavam uma energia comum para a idade e muita euforia em realizar o que era proposto quando estimuladas. No entanto, as atividades que precisavam categorizar e agrupar figuras foram as que mais demonstraram problemas de compreensão. Para concluir, demonstra-se que a nossa visita na escola promoveu, ainda que em pequena escala, uma melhora no desempenho escolar e comportamental das crianças que foram alvo de nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Cognitiva, Extensão, Educação Infantil e Desenvolvimento da Criança

ABSTRACT

The present article aims to analyze and discuss the importance of playing games for the children's development and also their relationship with the executive functions. The following experience report is the result of an intervention that was performed in 2022 in a children's school located in the city of Garanhuns, in Pernambuco, with children aged between 4 and 6 years. The initiative stems from a project carried out by the university extension of the University of Pernambuco at the Garanhuns Campus, the NUEEC (Nucleus of Studies in Cognitive Education), which sought to stimulate Executive Functions in children experiencing learning difficulties. The goal is to provide cognitive support to these children, either individually or in groups. The games were taken from PIAFEX (Intervention Program for Self-Regulation and Executive Functions) – it has numerous activities developed with the purpose of helping children's executive function development. Among the objectives in the sorted out activities, we have chosen activities which has by function stimulate the inhibitory control and also the cognitive flexibility, improve the memory and attention, acquire the ability to think before acting, solve unexpected challenges and also guide the behavior according to some rules in order that the kid can get a good performance in skills that will be widely used in future stages of life. With the results, it was possible to analyze that the children had a common energy for their age and a lot of euphoria in accomplishing what was proposed when they were stimulated. However, the activities that needed to categorize and classify figures were the ones that most of them demonstrated comprehension problems. To conclude, it is demonstrated that our visit at school promoted, even if on a small scale, an improvement in the children's performance and behavior.

KEYWORDS: Cognitive Psychology, Extension, Early Childhood Education and Child Development.

INTRODUÇÃO

A primeira infância é o momento crucial para o desenvolvimento cerebral (SANTOS; PORTO e LERNER, 2014). As habilidades adquiridas, com a experiência, durante esse momento serão de fundamental importância para que haja um bom desempenho em fases mais complexas do futuro. As crianças têm uma elevada plasticidade cerebral, o que significa uma maior capacidade de transformação do cérebro devido aos estímulos e experiências vivenciados. Este é um momento oportuno para estimular o desenvolvimento das habilidades cognitivas e Funções Executivas.

As Funções Executivas (FE) – como memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva – são constituídas de um conjunto de habilidades que permitem uma reflexão objetiva e intencional em diversos aspectos da vida. A execução positiva dessas funções permite que o indivíduo possa “[...] refletir antes de agir, trabalhar diferentes ideias mentalmente, solucionar desafios inesperados, pensar sob diferentes ângulos, reconsiderar opiniões e evitar distrações (COSTA et al, 2016, p.5)”.

É durante a fase da infância supracitada que ocorre o principal desenvolvimento das FE, sempre moldadas pelos modos de vida e experiências que as crianças possam ter, tanto nos aspectos físicos quanto psíquicos. Estudos mostram que o estímulo dessas funções provoca nas crianças uma gama de desenvolvimentos que fortalecerão as outras fases da vida até o período de consolidação evolucionar do córtex pré-frontal. É válido ressaltar que o ato de brincar é essencial no processo de aprendizagem infantil e influencia diretamente no melhor desempenho das FE tendo em vista muitas experiências que irão contribuir para o seu desenvolvimento futuro (ROLIM; GUERRA e TASSIGNY, 2018, p. 176).

Acredita-se que este é um conceito que merece a devida atenção, devendo haver ampliação dos estudos acadêmicos sobre o assunto, bem como a divulgação de tal conhecimento para a sociedade a partir de vivências práticas. A Extensão Universitária, portanto, cumpre este objetivo ao expandir este diálogo, saindo do campus e estabelecendo uma relação mútua entre a população e a Universidade. A extensão promove, como apontado por Toaldo (1977) “subsídios, informações, dados novos e novas motivações ou projetos que irão alimentar, (...) renovar, dinamizar, revitalizar e enriquecer o conteúdo dos projetos” acadêmicos. (p.74)

Posto isso, o Núcleo de Estudos em Educação Cognitiva da Universidade de Pernambuco (NUEEC/ UPE) corrobora com o propósito dado às extensões universitárias, possibilitando aos discentes a oportunidade de levar a campo as teorias estudadas previamente. Além disso, tem como objetivo geral propor atividades que possam ampliar as habilidades cognitivas e sociais nos sujeitos envolvidos a partir de uma experiência de aprendizagem mediada por jogos, brincadeiras, atividades grupais e psicomotoras, através de atividades extensionistas. Para a prática executada, as acadê-

micas passaram por um intenso processo de estudos e planejamento com o auxílio do PIAFEX (Programa de Intervenção e Autorregulação de Funções Executivas).

Nesse contexto, o NUEEC/UPE propôs ações extensionistas em uma escola de educação infantil no município de Garanhuns-PE. A participação em atividades extensionistas promove proveitos não somente para a comunidade, que se beneficia com o conhecimento produzido pela academia científica, mas também para os discentes que trocam saberes e experiências com a população construindo novas percepções e gerando impacto social.

O objetivo dessas atividades foi observar e estimular as Funções Executivas e promover também um exercício contínuo de atenção aos processos cognitivos dentro do ambiente escolar. As tarefas realizadas com as crianças buscavam avaliar também a criatividade estimulada por meio dos jogos e brincadeiras dispostas no Programa de Intervenção em Autorregulação e Funções Executivas (PIAFEX). A seguir, descreve-se mais detalhadamente as ações propostas.

METODOLOGIA

Com o intuito de cumprir os objetivos citados anteriormente, o instrumento escolhido adequadamente para promover esse estímulo foi o Programa de autorregulação e funções executivas - Piafex. Esse material consiste em um manual que contém um compilado de atividades elaboradas com o intuito de estimular tanto o engajamento infantil quanto o desenvolvimento das funções executivas em crianças que estejam em idade pré-escolar ou iniciando o ensino fundamental (DIAS; GOTUZO, 2013).

As intervenções foram feitas com 5 encontros, e cada um deles foi realizado com sendo realizado em cada um foi realizado com uma divisão interna entre os extensionistas do NUEEC e com duração de no máximo 1h por dia. O intuito era promover, por meio de brincadeiras, um estímulo às funções executivas das crianças e observar, de antemão, como as funções executivas destas estavam sendo construídas durante o processo do crescimento infantil.

Todas as atividades foram realizadas com a mesma turma de estudantes de uma escola pública, localizada no município de Garanhuns, no Agreste Meridional Pernambucano, com crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. Tendo em vista que a sala tinha uma média de 25 alunos, torna-se válido ressaltar que os extensionistas buscaram aplicar cada uma das tarefas escolhidas, seguindo o método de aplicação descrito no PIAFEX. Em algumas das tarefas as crianças foram divididas em grupos menores de 6 pessoas; enquanto em outras, foi solicitado a execução com o grupo todo.

Foram selecionadas e realizadas apenas 12 das atividades descritas no Piafex. Tais tarefas foram selecionadas tendo como foco a estimulação da autorregulação emocional; estimulação da atenção, do controle inibitório e da atenção auditiva; flexibilidade cognitiva; entendimento dos comportamentos e a estimulação na organização de ideias; memória de trabalho quanto o pensamento flexivo e a capacidade de orientar o comportamento de acordo com determinadas regras. Durante a aplicação, observou-se o engajamento e controle do comportamento dos colegas que eventualmente quebrem a regra (DIAS; GOTUZO, 2013).

Inicialmente foram realizadas atividades, como: Mudando a Perspectiva (6.2) – responsável por estimular a autorregulação emocional e a flexibilidade na busca de soluções; Sinal Movimento 1 (4.6) – estimular o controle inibitório e a atenção auditiva e Contando uma História (5.2) – envolve o entendimento de que os comportamentos causam consequências no outro, além de exercitar o controle inibitório e estimular a flexibilidade cognitiva na busca de comportamentos alternativos mais apropriados e adaptativos (PIAFEX, 2013).

No segundo momento, foram escolhidas: Sinal Movimento 2 (4.7) – busca analisar o controle inibitório, a atenção visual; Categorização de Ideias (3.1) – estimula a organização de ideias e a flexibilidade cognitiva e Descobrimo as Sequências (3.2) – estimula a organização de ideias e a memória de trabalho (pois, para compreender o que é causa e o que é efeito, a criança precisa organizar mentalmente a informação) (PIAFEX, 2013).

No terceiro dia, a mesma turma foi desafiada novamente com tarefas que buscaram estimular a atenção seletiva auditiva e o controle inibitório; e também estimular o pensamento flexível. Sendo, respectivamente, utilizado as atividades referentes à Atenção à Música (4.10) e Ligando as Figuras 1 e 2 (3.4 e 3.5) (PIAFEX, 2013).

Na semana seguinte, todas as tarefas foram realizadas com a sala toda (sem subdivisões), sendo elas: Siga o Mestre (4.1) – com a finalidade de estimular habilidades como atenção, controle inibitório e capacidade de orientar o comportamento de acordo com determinadas regras e a Brincadeira Morto e Vivo 1 e 2 (4.5) – buscando aprimorar habilidades como a memória e a atenção visual, mas também analisar a capacidade que a criança tem em obedecer determinada regra.

Por fim, assim como no quarto dia, para concluir a intervenção que já estava sendo elaborada com essa classe, foi atribuída a atividade do Pega-pega em circuito (4.8) – o objetivo dessa brincadeira é estimular o seguimento de regras e a habilidade de controle inibitório. Além de controlar o próprio comportamento, as crianças se engajam no controle do comportamento dos colegas que eventualmente quebrem a regra; portanto, envolve hétero e autorregulação (PIAFEX, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista que todas as intervenções feitas com as crianças foram realizadas por meio de atividades divertidas, é válido ressaltar a eficácia do recurso lúdico no desenvolvimento das Funções Executivas, sendo a brincadeira útil para impulsionar a criança a agir em situações da vida real que a mesma ainda não está preparada para fazer, e também é um artifício que tem por finalidade auxiliar no seu envolvimento em graus maiores das regras de conduta (ARAÚJO; ARAÚJO e SCHEFFER, 2018)

Pode-se observar, no decorrer das atividades, que as crianças apresentavam uma energia comum para a idade e muita euforia em realizar o que era proposto quando estimuladas. Isso promoveu uma grande dificuldade de escuta das orientações iniciais por parte delas, pois a empolgação de lidar com o novo tornou difícil o seguimento de algumas instruções e do manejo destas. Analisando esse fato, atrelado a realização de algumas atividades, observamos que o controle inibitório delas era bastante afetado, e alguns comportamentos menos auto ou hetero regulados as impediam de realizar pequenas atividades grupais, interferindo na oportunidade de valorizar o espaço para se ouvir e comunicar.

Quando mediadas, as crianças seguiam as instruções, mas em pouco tempo voltavam para o estado de euforia. Isso foi observado, por exemplo, na atividade Sinal e Movimento do Piafex (2013), que consistia em indicar um sinal para as crianças e, após esse sinal, elas precisavam repetir um movimento.

Alguns autores trazem o processo inibitório como a supressão de ações, emoções e outros comportamentos que envolvem o sistema de controle de ação (LOGAN, 1994; VERBRUGGEN & LOGAN, 2008). Observando esses estudos, sabe-se que as crianças apresentam uma maior dificuldade em manter esse controle, a dificuldade maior está em distinguir as informações do ambiente em que estão e ignorar outros estímulos (BARTGIS ET AL., 2003; RIDDERINKHOF & VAN DER MOLEN, 1995).

Coloca-se em análise agora a flexibilidade cognitiva – uma das Funções Executivas – que consiste resumidamente na capacidade de adaptação a mudanças e a regras. Rabelo (2022) define a flexibilidade cognitiva como uma habilidade que o indivíduo tem em pensar fora da caixa. Ademais, a autora também escreve algumas estratégias que podem ser adotadas em sala de aula para que essa competência seja desenvolvida, por exemplo: atividades para que a criança monte uma sequência lógica; perguntas relacionadas a opinião de criança e pedindo uma justificativa do “porquê”; além de problemas envolvendo o raciocínio lógico e entre outros.

As atividades que consistiam em categorização, agrupamento de figuras e outras ações relacionadas com esse processo de separação, foram as que mais demonstraram problemas de compreen-

são. Já as que consistiam em classificar, apresentaram um maior desempenho, registramos isso em nosso diário de bordo:

“Todos executaram as classificações de cores, objetos e frutas muito bem, apenas demonstrando dificuldades em intercalar categorias, nessa última apenas uma criança entendeu e a executou corretamente [...]”

(Diário de bordo, 2022)

De acordo com Dias e Seabra (2015), essa dificuldade de categorizar pode indicar um déficit na flexibilidade cognitiva das crianças, tendo em vista que a flexibilidade cognitiva envolve também a habilidade de mudar o foco e a perspectiva dentro dos contextos e pode ser relacionada à criatividade. Um fator que pode explicar essa dificuldade é de que a flexibilidade se desenvolve melhor a partir dos 5 e 7 anos (BEST & MILLER, 2010), idade superior um pouco superior a das crianças que observamos.

Ademais, ainda se tratando de flexibilidade cognitiva, um fator positivo observado foi o de resolução de problemas. Em muitas situações, as crianças discutiam ou interrompiam a fala e a ação uma das outras, mas ao serem mediadas pelos extensionistas e serem apresentados a uma possível resolução, o conflito era cessado e a resolução acatada. Saber solucionar conflitos diz muito sobre a capacidade de flexibilidade cognitiva das crianças pois é a partir dela que é possível enxergar os problemas de uma perspectiva diferente e gerar novas soluções.

Na atividade escolar, a interação entre os alunos provoca intervenções no desenvolvimento das crianças. Quando o professor dá uma tarefa individual para os alunos e eles acabam trocando informações, estratégias o professor não pode considerar errado, pois a tarefa pode se tornar um projeto coletivo e pode ser produtivo para cada criança, isso vale quando o aluno pode ajudar ao professor, ele está utilizando de recursos legítimos para promover seu desenvolvimento. (SCHUSTER, 2016, p. 10)

A junção dessas observações paralelas à percepção das educadoras do colégio em questão nos proporcionou um olhar mais aguçado em relação ao desenvolvimento contínuo das Funções Executivas e como a estimulação delas é sempre necessária nesse período e contexto escolar-infantil. As educadoras comentaram conosco sobre a melhora percebida na turma em relação a alguns comportamentos e como nossa presença e a utilização de alguns dos instrumentos que apresentamos modelou levemente a melhora dos comportamentos das crianças.

CONCLUSÃO

O estímulo às Funções Executivas como uma ação extensionista levada para dentro do contexto escolar infantil promoveu, ainda que em pequena escala, e baseada apenas em medidas observacionais, uma melhora no desempenho escolar e comportamental das crianças que foram alvo de nossa pesquisa. Visto que os docentes da instituição perceberam uma melhora nos alunos tanto em seu desenvolvimento quanto na convivência das crianças como um grupo.

Sabe-se que durante as idades anteriormente mencionadas, as funções executivas ainda estão em processo de concretização e construção. Por isso as DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) incluem, em seu manual, eixos norteadores que envolvem interações e brincadeiras a fim de garantir que na Educação infantil as crianças consigam ampliar suas experiências sensoriais e corporais; apreciação com a linguagem oral; ampliação na confiança com a participação em atividades individuais e coletivas; além de incentivar “a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” (p. 26).

Notoriamente, é necessário que o estímulo contínuo dessas funções esteja presente não somente como uma ação passageira, mas como algo incluído dentro do processo educacional com maior amplitude. Para que isso seja possível é necessário um aprofundamento específico sobre o tema, possibilitando uma gama de informações que porventura possam ser utilizadas em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V.; ARAÚJO, R.; SCHEFFER, A. Discutindo aprendizagem e desenvolvimento da criança à luz do referencial histórico-cultural. **Portal Repositório**, 2018. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/vertentes/viviam_e_outras.pdf>.

BARTGIS, J.; LILLY, A.; THOMAS, D. Event-related potential and behavioral measures of attention of 5, 7, and 9 years-old. **Journal of General Psychology**, 130(3), p. 311-335, 2003.

BEST, J.; MILLER, P. A Developmental perspective on Executive Function. **Child Dev** 2010; 81:1641-60.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf

COSTA, J.; LOUZADA, F.; MACEDO, L.; SANTOS, D. Funções Executivas e Desenvolvimento na primeira infância: Habilidades Necessárias para a Autonomia. Estudo nº 3. **Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância**. 2016. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>

DIAS, N.; SEABRA, A. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 19, n. 107, p. 206-212, 2013.

DIAS, N.; SEABRA, A. **Programa de intervenção sobre a autorregulação e funções executivas - PIAFEX**. v. 1 2013.

LOGAN, G. D. **On the ability to inhibit thought and action – A user’s guide to the stop signal paradigm**. In D. Dagenbach, & T. H. Carr (Eds.), *Inhibitory processes in attention, memory, and language*. p. 189-239, 1994.

RABELO, L. **Como estimular funções executivas nas crianças?** Brain Support, 2022. Disponível em: <https://www.brainlatam.com/blog/como-estimular-funcoes-executivas-das-criancas-1887>.

RIDDERINKHOF, K.; VAN DER MOLEN, M. (1995). A psychophysiological analysis of developmental differences in the ability to resist interference. **Child Development**, p. 1040-1056, 1995.

ROLIM, A; GUERRA, S; TASSIGNY, M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul/dez. 2018.

SANTOS, D.; PORTO, J.; LERNER, R. O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem. Estudo nº 1. **Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância**. 2014. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>

SCHUSTER, S. **Desenvolvimento infantil em Vygotsky: Contribuições para a mediação pedagógica na educação infantil**. 17 f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1297/1/SCHUSTER.pdf>

TOALDO, O. **Extensão universitária: a dimensão humana da universidade**. Santa Maria: UFSM, 1977.

UPE. **Projeto de Extensão “Educação Cognitiva e Desenvolvimento Humano: da Infância ao Envelhecimento”**. UPE Campus Garanhuns. Disponível em: <http://www.upe.br/garanhuns/nueec/>

VERBRUGGEN, F.; LOGAN, G. Automatic and controlled response inhibition: Associative learning in the Go/No-Go and Stop-Signal Paradigms. **Journal of Experimental Psychology: General**, p. 649–672, 2008.

ARTIGO

Análise sobre a Extensão Universitária “Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas”

Analysis on the University Extension “Dromology and its effects
on modern social structures”

Diego de Medeiros Santos^[1]

Ubirathan Rogerio Soares^[2]

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte

[2] Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: A dromologia está presente no espaço, tempo, velocidade, política, na sociedade. Nesse sentido, os encontros para discussões acerca dessa ciência tiveram como público-alvo discentes recém-ingressados na universidade, fator de grande relevância, posto que assim como a dromologia está presente na velocidade das modificações sociais, os participantes sofreram este impacto ao vivenciarem novas perceptivas de vida em âmbito acadêmico e afetados pela pandemia da Covid-19. A investigação, de caráter qualitativo, se utilizou da análise descritiva sobre pontos que permeiam a dromologia, aspectos metodológicos e de experiência com a ação de extensão, esta vinculada ao componente curricular Antropologia Jurídica. Quanto aos resultados, pode-se elencar fatores como elevado engajamento dos discentes no projeto onde estavam motivados a entender os impactos da dromologia e extraírem uma nova percepção do mundo e sua constante transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Virilio, Transformações, Sociedade, Tempo, Antropologia Jurídica.

ABSTRACT: Dromology is present in space, time, speed, politics, in society. In this sense, the meetings of discussions about this science reached as a target audience students entering the university, a factor of great relevance, since just as dromology is present in the speed of social changes, the participants suffered this impact when experiencing new perceptions of life in academic environment and affected by the Covid-19 pandemic. The investigation, of qualitative character, used the descriptive analysis on points that permeate dromology, methodological aspects and experience with the extension action, this linked to the curricular component Legal Anthropology. As for the results, factors such as the high engagement of students in the project can be listed, where they were motivated to understand the impacts of dromology and extract a new perception of the world and its constant transformation.

KEYWORDS: Paul Virilio; Transformations; Society; Time; Legal Anthropology.

INTRODUÇÃO

A ação de extensão “A Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas: No trabalho, nas estruturas punitivas na política e nas relações sociais” foi executada no ano de 2020, já em contexto pandêmico. Este fato também foi pauta da discussão, já que a dromologia é a ciência da velocidade e das modificações. As alterações nas estruturas sociais em razão dos impactos gerados pela pandemia da Covid-19 também foram pautadas nos dois encontros realizados para discussão e descrição científica dos aspectos essenciais da dromologia.

O projeto teve como base teórica Paul Virilio, filósofo de grande importância para a arquitetura da dromologia, ao apontar bases que integram esta ciência, como a velocidade, tempo, sociedade e política – em síntese, a instantaneidade das ações em toda a estrutura social, como se não houvesse matéria para a consumação dos atos por meio de processos constantes de começo, meio e fim, que os reduz ao fim (Rocha, 2001). Destaca-se ainda que, apesar do filósofo Paul Virilio ser o grande disseminador do estudo da dromologia, o termo tem origem grega: Dromo significa corrida e surge, portanto, o estudo da corrida (Amancio, 2006). Além disso, faz-se pertinente esclarecer que, apesar de seu reconhecimento em face filosófica, o autor se declara como urbanista, pois, em sua visão, a cidade é a maior forma política da história, um lugar de viagens e trajetória (Virilio, 1997).

Assim, a ação direcionada ao estudo da dromologia visou a oferta de informações aos discentes integrantes ou não da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A facilidade ao ingresso no projeto foi nítida, em razão das possibilidades existentes no meio tecnológico, o que possibilitou a efetivação dos encontros por meio da conexão virtual na modalidade síncrona.

O filósofo Paul Virilio foi o responsável por abordar o estudo da velocidade, ou melhor, apresentar o mundo e suas modificações contínuas. Em sua obra *Velocidade e Política* (1996), o autor dispõe sobre as mudanças sociais em seus aspectos econômicos e tecnológicos, assim, dada essa globalização das estruturas o processo conduziu o indivíduo a um “estado de emergência”.

Prontamente, é possível constatar um novo país, território, continente, o que melhor se enquadre para o ciberespaço. Com a globalização, estruturou-se a cibernética, onde não há presença de liderança, de chefe, sequer um rei, problemática que agrava ainda mais o estado de emergência dos indivíduos. Este território abstrato não tem ordem e quando há posicionamentos para a aplicação deste ordenamento são extremamente negligenciados por ser um (ciber)espaço de instantaneidade, não são cabíveis regras (Amancio, 2006).

Desse modo, a velocidade implica diretamente nas mudanças sociais, o que torna relevante o seu estudo por meio da dromologia em busca não da descoberta do funcionamento deste fenômeno – ora, este trabalha na velocidade da luz, não somos capazes de acompanhá-lo – na verdade, o

intuito principal é a ciência da existência da constante que vem impactando o mundo, o espaço, a luz, a síntese o espaço-tempo (Leon, 2017).

Nesse sentido, Virilio ainda aborda sua concepção sobre o Estado-máquina, um sistema que nunca para e que se limita ao funcionamento constante, imparável, uma cidade que tem trânsito, energia, prédios e mais construções. Logo, parar não é uma escolha, mas sim a morte do Estado-máquina, logo, para o autor todos os fenômenos apresentam ligação direta com a velocidade visto que para ele “[...] a verdade dos fenômenos é sempre limitada por sua velocidade de aparecimento” (Virilio, 1997 B: 39).

Dessa maneira, a política passa a ser refletida como a energia fornecida para o funcionamento da máquina, as eleições não passam de uma escolha para determinar quem vai conectar ou não a máquina na energia, seu funcionamento é valioso. Com isso, se anula o Estado-cultura, educação, saúde, segurança, a economia e a velocidade é constante, todos trabalham no automático, precisam de resultados instantâneos ou serão reduzidos ao fracasso.

Nesse sentido, o tempo não é determinado pelo relógio, pelo sol ou lua ou até mesmo as atividades, ele passa a ser indicado por meio da tecnologia, ela domina o tempo, o ciberespaço sem controle, conecta-se aos corpos individuais e coletivos e passam a exteriorizar a cibernética no mundo físico.

Pontuados os aspectos relevantes responsáveis pela introdução acerca da dromologia, faz pertinente declarar que o presente trabalho tem como base não apenas a descrição de aspectos que permeiam esta ciência, mas também a relevância do conhecimento e reflexões sobre ela por meio da Ação de Extensão “A Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas”.

Para tanto, primeiramente, serão elencados os objetivos do projeto de extensão; os aspectos descritivos das experiências vivenciadas no minicurso; posteriormente, destaca-se a metodologia utilizada desde a base teórica até os meios de disseminação das informações propostas nos dois dias de eventos; ademais, serão abordados os resultados da aplicação da ação de extensão, assim como foi dada a discussão sobre o tema; por fim, se estabelecem as considerações finais acerca das reflexões sobre a importância da extensão universitária aqui tratada.

OBJETIVOS

O objetivo central do minicurso acerca da dromologia foi mostrar para os discentes a grande importância da observação do mundo e como este se modifica de forma contínua e cada vez mais rápida. Assim, a percepção da transformação de forma veloz tem como intuito apresentar uma nova visão para os estudantes ingressantes à universidade, universo este de grande relevância social desde a aplicação e análise científica aos estudos dos fatos empíricos.

Nesse sentido, o público central foi a turma de direito nº 23 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), curso este localizado no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), o minicurso apresentou três objetivos centrais:

(i) Informacional: para compreensão da origem do conceito, contexto histórico que foi criado e o conhecimento da vida e obra do responsável pela criação, Paul Virilio;

(ii) Debates: a promoção de discussão sobre o tema durante o minicurso, com o intuito de efetivar as reflexões dos estudantes acerca da dromologia;

(iii) Percepção de mundo: tornar os discentes cientes da velocidade que o mundo sofre transformações e como tais fatores impactam em toda a arquitetura social, econômica, financeira e individual, tópicos essenciais a constituição de uma concepção de mundo mais científica, que não coloca de lado por inteiro a atuação do senso comum e pontos empíricos.

Gráfico-01

A trílice harmônica dos objetivos



Nessa perspectiva, o terceiro objetivo está vinculado também às projeções de resultados previstos no projeto de extensão, tendo em vista a necessidade de apresentação do mundo científico e as transformações para os ingressantes na Universidade que, como o próprio nome já sugere, é o universo de conhecimentos que vão impactar as vidas dos discentes.

Em suma, os dois primeiros objetivos apresentam suporte para a concretização do terceiro. Logo, estes objetivos foram observados na tramitação do minicurso, desde a preparação de materiais para divulgação até o momento dos encontros síncronos pra o curso informacional e de debate.

Nesse sentido, os três passos para o desenvolvimento do projeto no que tange aos seus objetivos foram baseados na relação existente entre a ciência e as vivências práticas dos discentes, sendo estas vinculações necessárias para a efetivação de um concreto resultado na aprendizagem dos discentes. Sendo assim, incorpora-se ainda as conclusões de Reginato *et al* (2016, n.p.), que trata sobre os aspectos positivos da relação entre a literatura para a formação de futuros cientistas ao dispor que “As humanidades aplicadas sob a forma de literatura ofereceram uma oportunidade de ensino da filosofia como base de educação, não só teórica, mas também de aplicação na prática profissional futura”.

Desse modo, a tríplice que constitui o desenvolvimento do projeto de extensão “A Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas” é justamente a interação harmônica entre o cunho informacional da ação, a indução aos debates acerca das transformações rápidas e evidentes das estruturas sociais, políticas, econômicas, espaciais e, por fim, a arquitetura de uma nova visão de mundo dos discentes participantes da ação de extensão, ou melhor, tornar aparente as transformações que estes não notaram ou se negam a vislumbrar em suas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas.

EXPERIÊNCIA

O projeto de extensão foi efetivado em dois dias – 09/07/2020 e 16/07/2020 – em que foram desenvolvidas atividades para a efetivação dos objetivos propostos inicialmente na ação. No primeiro dia de minicurso, o coordenador ministrou aula, mediante encontro síncrono, sobre a dromologia em seu caráter conceitual, histórico e sobre a vida e obra do autor responsável pelo termo, Paul Virilio.

O termo inicial do projeto de extensão foi marcado pelo objetivo informacional, onde os discentes passaram a ter conhecimento acerca da dromologia e toda sua constituição de forma sumária, à vista da limitação temporal do encontro.

Quanto ao segundo dia de minicurso, este foi direcionado à concretização dos outros dois objetivos: a promoção de debates e a direcionar os discentes à observação do mundo de forma distinta. Sendo assim, o coordenador liberou o espaço para debate, com participações dos discentes ao falarem acerca da temática.

Após a efetivação da discussão, constatou-se nas falas dos discentes a efetivação do terceiro objetivo, que foi a nova percepção de mundo, no que diz respeito às transformações que sofreram no curso dos anos e ainda sofrerão. Por fim, ainda sobre as contribuições dos discentes, notória se fez a concepção da relação da dromologia e os impactos da pandemia da Covid-19 sobre as transformações sociais, econômicas, políticas e toda a arquitetura que constituem as relações humanas e institucionais.

Para o ingresso no minicurso, além da inscrição via Sigaa, foi criado um e-mail para controle de inscrições, bem como encaminhamento do link de acesso à sala do Google Meet minutos antes do início dos encontros. A vinculação Sigaa e e-mail do evento foi de extrema importância à vista da necessidade dos discentes em manter comunicação com os envolvidos com o projeto de extensão para a retirada de dúvidas, logo, o Sigaa atendeu à demanda formal – efetivação de inscrições e emissão de certificado de participação – e o e-mail atuou de forma comunicativa – retirada de dúvidas e análise de inscrições.

Vale ressaltar que, em ambos os encontros, a frequência dos participantes foi controlada por meio do Google Formulários onde era disponibilizado o link para efetivação da presença no encontro síncrono, por intermédio do bate-papo no Google Meet, plataforma responsável pela conexão dos participantes para os encontros síncronos.

Diante do exposto, verifica-se o cumprimento dos objetivos propostos ao projeto de extensão, assim como o forte engajamento dos discentes sobre a temática da dromologia e a forma de aplicação do minicurso, que foi efetivado de forma virtual por meio de encontros síncronos.

METODOLOGIA

A abordagem trata-se de estudo qualitativo, descritivo, de caráter voltado ao relato de experiência estruturado com base nas vivências adquiridas por meio da participação discente das oficinas efetivadas nos dias 09/07/2020 e 16/07/2020 que trataram sobre a discussão inicial sobre o conceito de dromologia através da história e aceleração do tempo na modernidade e debate sobre a dromologia aplicada ao mundo do trabalho, as estruturas punitivas e as relações sociais nas sociedades modernas, respectivamente.

As oficinas alcançaram o público de 45 (quarenta e cinco) pessoas, majoritariamente discentes do primeiro período do curso de direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte do Centro de Ensino Superior do Seridó (UFRN/CERES).

O projeto foi desenvolvido pelo meio virtual através de encontros síncronos no ano de 2020, para tanto, foram utilizadas algumas plataformas e ferramentas digitais, que contribuiu com a tendência nacional de ensino de realização de ação de extensão na modalidade virtual (Melo, C. B. et al, 2021), como o Google Meet para os encontros síncronos, Google Formulários para os controles de frequências, WhatsApp para a comunicação dos participantes e o Canva para elaboração de material visual de divulgação das oficinas.

Como já disposto anteriormente, o público-alvo foi de ingressantes na universidade, com o intuito de apresentar a eles uma nova visão de mundo, ou melhor, perceberem a visão de mundo que integra a realidade de cada um deles, para que tais aspectos viessem a contribuir em suas vidas acadêmicas, profissionais e pessoais.

Por fim, faz-se pertinente ressaltar que o minicurso assumiu uma posição de modificação veloz acerca de sua metodologia remota, ou melhor, todos os projetos de extensões no âmbito das universidades brasileiras, tendência que pode ser notada a partir da análise da pesquisa desenvolvida por Melo, et al no ano de 2021. Ocorre que no ano de 2020, diante da pandemia da Covid-19, o que era realizado de forma presencial passou a ser por meio das plataformas digitais, fator este

que simboliza evidentemente a atuação da dromologia ainda mais incidente mediante motivações superiores, que no caso se tratou da efetivação do direito à saúde, ponto este previsto constitucionalmente. Logo, ao ponto que o minicurso tratava acerca da velocidade das modificações do mundo moderno, toda a população mundial enfrentava os impactos negativos da pandemia quanto à saúde e os positivos no que tange ao avanço tecnológico na modalidade de ensino, trabalho e outros meios de relevância social.

Diante do exposto, ressalta ainda que a metodologia utilizada para o desenvolvimento do minicurso também é alvo de estudos de Paul Virilio, ao enquadrar a metodologia exposta como resultado da velocidade que passou a modificar o espaço-tempo. Para o autor, a comunicação em tempo real, alheia aos aspectos geográficos, gera uma perda de noção do espaço-tempo (Virilio, 1998). Para Leon (2017, n.p.), “[...] as tecnologias de informação atuais estabelecem a instantaneidade temporal e a superposição espacial como sua própria esfera de um espaço-tempo impossível de medir”. Tal conclusão advém dos estudos de Paul Virilio em sua obra *A Bomba Informática* (1998), onde delimita algumas questões da relação do desenvolvimento tecnológico da sociedade moderna e os aspectos dromológicos incidentes.

RESULTADOS

Com o intuito de disseminar informações acerca da extensão universitária relacionada à dromologia, foram elaborados materiais gráficos para promover a transferência dos elementos que constituíram a extensão como o modo de inscrição, datas e horários dos encontros e o conteúdo a ser estudado e debatido no decorrer dos eventos. Para tanto, em busca de não apenas fazer uso da linguagem verbal, foram utilizados materiais visuais que, de forma (in)direta, geram uma perspectiva do que se trata a dromologia.

A Figura 01 se trata do logotipo do evento de extensão sobre a dromologia, este serviu de base para a divulgação e anexo também ao e-mail gerado exclusivamente para controle de dúvidas e frequências nos dois dias de evento, sendo assim, um material

Figura—01

Logotipo referente ao evento de extensão



Fonte: Arquivo do Projeto (2020).

de grande relevância para a identidade gráfica da ação de extensão.

No que diz respeito à Figura 02, foi apresentada no material visual elaborado com o intuito de disseminar informações concretas acerca do evento que consta, portanto, data e horário a serem realizados os encontros. Junto a isso, foram apresentados elementos óticos para apresentação sumária acerca da dromologia.

Urge, para tanto, uma conjuntura de itens que compõem a ideia de velocidade e modificação do tempo. Nesse sentido, para a ideia de velocidade constata-se a imagem base no cartaz que dispõe de uma luz em movimento que em contato com a ampuheta à degrada lentamente, em síntese a velocidade desregulando o tempo, logo, um aspecto relevante da dromologia, ou melhor, sua essência, a ciência da velocidade das transformações. Nesse sentido, quanto ao conceito de velocidade e seus impactos sobre o espaço-tempo, esta

Figura–02

Material gráfico de divulgação da ação de extensão



Fonte: Arquivo do Projeto (2020).

“[...] supõe a primeira crise profunda do contínuo espaço-tempo, pois com ela a duração começa a se impor seriamente à extensão, e o movimento dos veículos começa a prevalecer sobre o espaço percorrido. [...] A velocidade relativa baseia-se no tempo linear, sequencial e cronológico. Esse tempo linear substitui o tempo cíclico da antiguidade clássica, que entendia o tempo em função do movimento circular dos astros, e representa a primeira liberação importante do tempo em relação ao movimento. O tempo regular, mensurável, controlado pela aceleração, não é mais concebido em função do movimento; ao contrário, torna-se movimento que é concebido em função do tempo: assim, movimento, deslocamento, dependendo diretamente do tempo cronológico, torna-se linear, progressivo, como o de uma ferrovia ou de um carro.” (Oittana, 2015)

Desse modo, é possível identificar a grande influência da velocidade sobre toda a estrutura social, à vista de sua atuação sobre o espaço-tempo e o seu elevado poder que passou a modificar as ordens

naturais clássicas do espaço-tempo em face social, política, econômica e tecnológica. Por fim, foi anexada uma frase de impacto acerca da dromologia: “a desestruturação do mundo moderno”, oração intuitiva no sentido de despertar o interesse dos discentes. Esta conexão entre as artes apresentadas nas figuras e a ciência da dromologia apresentam vinculação de grande relevância, para Rivera Gallardo em sua obra “El Virus de la Destrucción, o la defensa de lo inútil”:

Ciência e arte estão intimamente ligadas; Por um lado, a estética e a imaginação desempenham um papel importante no desenvolvimento da ciência e, por outro, a compreensão dos fenômenos naturais (como aquele que está na base do nosso escopo abstrato), ajuda a melhor fruir as obras de arte. (Rivera Gallardo, 2015).

Vale ressaltar que a tendência à digitalização da ação de extensão foi um procedimento adotado por mais de 70% das instituições de ensino no Brasil (Melo, C. B. *et al*, 2021). Esta conduta foi bem recepcionada pela UFRN e a ação de extensão acerca da dromologia adotou a técnica tendo em vista a facilidade no acesso ao minicurso, onde os estudantes poderiam facilmente acompanhar pelos seus computadores, tablets e celulares. Esta modalidade de aplicação do minicurso de forma virtual, por meio de encontros síncronos, apresentou resultados positivos tendo em vista a maior participação de discentes, que se a ação tivesse sido efetivada pela modalidade presencial apresentariam limitações como o transporte (Silva, 2020).

Desse modo, no que tange ao objetivo informacional que foi ministrado no primeiro dia do minicurso, seu cumprimento foi evidente mediante clara constatação do domínio dos discentes acerca da dromologia em suas falas no debate promovido no segundo encontro.

Ademais, como resultado das discussões se tem o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à integração entre a ciência e fenômeno da dromologia com o direito. Alguns resultados podem ser listados como a criação do termo *Usuariação* que é o processo em que “[...] as estruturas sociais em meio a velocidade convergiram para a despersonalização do sujeito de direito e o processamento conversivo em usuário [...]” (Santos; Soares, 2023a, p. 19). A necessidade de inclusão da sétima geração de direitos humanos, a intitulada Direito à Proteção Virtual (Santos; Soares, 2023b). Por último, o debate acerca da Sociedade em Estol, onde se utiliza do conceito físico de estol para entender e explicar o processo de desconstrução da sociedade, onde o aclave foi superado e a regressão está presente no ato de ceder à tecnologia o espaço destinado aos direitos fundamentais dos indivíduos (Santos; Soares, 2023c).

Ainda no que tange às obras produzidas a partir da análise crítica estruturada com o projeto de extensão, verificou-se a necessidade de dar visibilidade à dromologia enquanto ciência e fenômeno social que atinge as diversas instituições sociais, fatores que motivaram a exposição oral do texto

“A Ciência Desconhecida: Um Estudo Sobre A Dromologia E Seus Impactos Nas Estruturas Do Direito Moderno” (Santos; Soares, 2023d). Sendo assim, evidentes se tornamos impactos acadêmicos gerados a partir do projeto de extensão debatido no presente trabalho. Dessa maneira, se concretizam os ideais pedagógicos na extensão, ao integrar as demais faces presentes no meio acadêmico (Rodrigues; Cruz, 2023), à exemplo da pesquisa, onde se reafirma a experiência de interação entre ciências.

Além disso, cumpre ressaltar que o curso de Direito da UFRN, campus CERES, foi selecionado para a condução da extensão em decorrência da presença da disciplina de Antropologia Jurídica presente em sua grade curricular, aspecto este que contribuiu para a análise integrativa entre ciências e uma análise crítica acerca dos impactos do fenômeno dromológico na ciência do direito.

Por fim, no que diz respeito aos outros dois objetivos, de discussão e percepção de mundo, como já tratado anteriormente, os debates tornaram claro o desenvolvimento temático dos discentes sobre a dromologia, tendo em vista suas colocações relevantes no momento da discussão efetivada no segundo dia do minicurso. Quanto à percepção de mundo, a constatação desta é advinda dos frutos dos debates, espaço que os discentes apresentaram suas considerações acerca do conceito da dromologia, bem como pontuaram aspectos das transformações do mundo e a influência da velocidade sobre o espaço-tempo. Além disso, observou-se uma reincidência nos debates acerca da vinculação da dromologia e os impactos da pandemia sobre o ensino, tecnologia e todos os âmbitos que constituem as relações humanas e institucionais.

CONCLUSÃO

O minicurso desenvolvido pelo projeto de extensão de forma remota possibilitou aos discentes ingressantes na UFRN/CERES, em especial à turma nº 23 do curso de Direito, uma carga informacional acerca da dromologia em face conceitual, histórica e o conhecimento da vida e obra do criador do termo Paul Virilio.

Constatou-se a concretização do aspecto informacional no repertório científico dos participantes do minicurso em razão das colocações desenvolvidas por eles no momento dos debates. Neste segmento, os debates foram bem estruturados tendo em vista a base informacional sumária sobre a dromologia e considerando ainda que os discentes apresentavam contato inicial com a universidade. Por fim, quanto à estruturação de uma nova percepção de mundo, verifica-se sua efetivação também por meio das discussões realizadas no segundo dia do minicurso onde a dromologia foi conceituada e aplicada ao contexto social vivenciado pelos discentes, frisa-se ainda a reincidência nas colocações quanto à relação da dromologia e os impactos que a pandemia da Covid-19 promoveu como o desenvolvimento tecnológico, social, econômico e político.

No que concerne à metodologia, o uso dos encontros remotos favoreceu a abertura informacional para maior número de discentes se comparada à aplicação de minicurso no formato presencial, onde os estudantes enfrentariam problemáticas como o transporte. Ademais, à vista da dromologia como ciência da velocidade a pandemia trouxe de forma mais notória as transformações e uma delas foi o uso da tecnologia para o ensino remoto, fator que promove uma vinculação entre o tema desenvolvido no projeto de extensão e a metodologia de aplicação utilizada.

Diante do exposto, o projeto de extensão “A Dromologia e seus efeitos nas estruturas sociais modernas: No trabalho, nas estruturas punitivas na política e nas relações sociais”, atendeu aos três objetivos centrais da ação que foi o informacional, discursivo e promoção de uma nova percepção de mundo aos discentes, todos estes constados por meio dos debates realizados no segundo dia do minicurso. Além disso, constatam-se frutos de pesquisas relacionadas à temática da dromologia, onde se analisa o despreparo do direito diante das transformações sociais e teses como o termo da *Usuarialização*, Direito à Proteção Virtual e a Sociedade em Estol, todas desenvolvidas por Santos e Soares (2023). Tudo isso torna evidente a relevância do minicurso vinculado ao projeto de extensão aqui debatido, que possibilitou aos discentes uma visão mais crítica e ciente das transformações que vêm ocorrendo no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

AMANCIO, V. Velocidade e política de Paul Virilio. **Em debate**, Florianópolis, ed. 2, p. 71-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/download/21718/19712/69663>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BEUKES, J. Sensus communis: The relevance of medieval philosophy in the 21st century. **Herv. teol. stud.**, Pretoria, v. 76, n. 4, p. 1-13, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0259-94222020000400011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2022.

LEON, J. El agrimensor desmedido: las implicaciones estético-políticas de la técnica moderna en la obra de Paul Virilio. **Aisthesis**, Santiago, n. 61, p. 25- 42, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812017000100002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2022.

MELO, C. B. et al. A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12991/11669>. Acesso em: 08 mar. 2022.

OITTANA, L. M. Velocidad y comunicación: La revolución de las transmisiones según Paul Virilio. **Trama comun.**, Rosario, v. 19, n. 1, p. 177-194, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org>.

ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-56282015000100010&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2022.

REGINATO, V.; GALLIAN, D. M. C.; MARRA, S. A literatura na formação de futuros cientistas: lição de frankenstein. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 44, 3 nov. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201610157176>. Acesso em: 18 mar. 2022.

RIVERA GALLARDO, E. El Virus de la Destrucción, o la defensa de lo inútil. **Cuad. Cent. Estud. Diseñ. Comun., Ensayos**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 51, p. 95-107, março 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-35232015000100010&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2022.

ROCHA, M. C. S. **Da dromologia: Paul Virilio e a poética do movimento**. Orientador: Balthazar Barbosa Filho. 2001. 329 p. Tese (Doutorado em filosofia) - Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165945/000316858.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 mar. 2022.

RODRIGUES, R. P. de P.; CRUZ, G. B. da. (Dis)posições para a formação docente em um curso de pedagogia: contribuições da extensão universitária. **Educação e Pesquisa**, 2023, v. 49. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349251676por>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SANTOS, Diego de Medeiros; SOARES, Ubirathan Rogerio. Do físico ao virtual, uma terra sem lei: algumas considerações sobre o fenômeno da dromologia e a morosidade de algumas das estruturas do direito moderno. **Boletim do Tempo Presente**, Rio de Janeiro, v.11, n.12, p.15-27, jan.2023. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente/article/view/18581>. Acesso em: 21 set. 2023.

SANTOS, Diego de Medeiros; SOARES, Ubirathan Rogerio. Dromologia e a Usuarialização do Ser: a velocidade e a efetivação dos Direitos Humanos no plano virtual. **IV Congresso Internacional de Derechos Humanos y Derecho Electoral**, Natal/RN, jun.2023.

SANTOS, Diego de Medeiros; SOARES, Ubirathan Rogerio. Sociedade em Estol: impactos dromológicos, surgimento do direito digital e a vulnerabilidade dos direitos humanos. **XI Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão** - SEPE. Campus Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Caicó/RN, out. 2023.

SANTOS, Diego de Medeiros; SOARES, Ubirathan Rogerio. **A Ciência Desconhecida: Um Estudo Sobre A Dromologia E Seus Impactos Nas Estruturas Do Direito Moderno**. Evento em comemoração aos 25 Anos do Curso de Direito. Campus Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Caicó/RN, nov. 2023.

SILVA, W. P. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Rev. Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491/14110>. Acesso em: 08 mar. 2022.

VIRILIO, Paul. **A Bomba Informática**. São Paulo, Estação da Liberdade (1998/1999).

VIRILIO, Paul. **A Guerra Pura**. A militarização do cotidiano. São Paulo, Brasiliense (1983/1984).

VIRILIO, Paul. **Estratégia da Decepção**. São Paulo, Estação da Liberdade (1999/2000).

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro, Ed. 34 (1978/1993).

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. São Paulo, Estação da Liberdade (1977/1996).

ARTIGO

A Liga Acadêmica como Instrumento para Consolidação do Ensino no Processo do Desenvolvimento Multiprofissional na Área da Saúde: Relato de Experiência

The Academic League as an Instrument for Consolidating Teaching in the Process of Multiprofessional Development in the Health Area: Experience Report

Mateus Gomes de Barros ^[1]

Thiago Glória de Almeida ^[2]

Ana Clara de Sousa Timote ^[3]

Tatiana Ramos Lavich ^[4]

[1] Universidade de Brasília

[2] Universidade de Brasília

[3] Universidade de Brasília

[4] Universidade de Brasília

RESUMO As doenças cardiovasculares vêm, ao longo dos anos, sendo a principal causa de mortalidade no mundo, portanto se faz necessário um aperfeiçoamento dos estudos e consecução de conhecimentos em cardiologia dentro das universidades. Neste sentido, as ligas acadêmicas multiprofissionais voltadas para a área da cardiologia funcionam como uma ferramenta que auxilia na aquisição do conhecimento. Além de possibilitar a divulgação de informações referentes a diversos aspectos da saúde cardiovascular aos membros participantes para uma assistência integral aos pacientes e à família. O objetivo do estudo foi relatar as experiências da Liga Acadêmica Multiprofissional de Cardiologia da Universidade de Brasília (LACARDIO UnB) através das atividades desenvolvidas pela liga durante seu primeiro ano de atuação. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência sobre as ações da liga. O presente artigo demonstra que a LACARDIO UnB contribui com a ampliação do conhecimento dos discentes, especialmente dos cursos de saúde, sobre temas relacionados ao sistema cardiovascular. Além disso, possibilita a expansão da extensão universitária que vai além das barreiras da universidade através da formação de recursos humanos qualificados para o enfrentamento de doenças cardiovasculares dentro dos sistemas de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: extensão universitária, cardiologia, saúde, liga acadêmica.

ABSTRACT Cardiovascular diseases have, over the years, been the main cause of mortality in the world, therefore it is necessary to improve studies and achieve knowledge in cardiology within universities. In this sense, multidisciplinary academic leagues focused on the area of cardiology function as a tool that assists in the acquisition of knowledge. In addition to enabling the dissemination of information regarding various aspects of cardiovascular health to participating members for comprehensive assistance to patients and families. The objective of the study was to report the experiences of the Multiprofessional Cardiology Academic League of the University of Brasília (LACARDIO UnB) through the activities developed by the league during its first year of operation. This is a qualitative, descriptive study, an experience report on the league's actions. This article demonstrates that LACARDIO UnB contributes to expanding the knowledge of students, especially health courses, on topics related to the cardiovascular system. Furthermore, it enables the expansion of university extension that goes beyond university barriers through the training of qualified human resources to combat cardiovascular diseases within health systems.

KEYWORDS: university extension, cardiology, health, academic league.

INTRODUÇÃO

Conforme pactuado na Política Nacional de Extensão Universitária, elaborada no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, a extensão universitária, sob princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012). Ademais, a extensão universitária é uma metodologia aplicada à educação que confere ao graduando a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em sua área de atuação ou em um contexto multidisciplinar. Assim sendo, cumpre com o objetivo cardinal das atividades de extensão que, segundo Santana et al. (2021), é fundamental para a área da saúde, especialmente para divulgar temáticas relacionadas à promoção da saúde.

Em vista disso, a criação da Liga Acadêmica Multiprofissional de Cardiologia (LACARDIO) surge da necessidade de um aperfeiçoamento dos estudos e aquisição de conhecimentos em cardiologia. Visto que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as doenças cardiovasculares (DCV) representam a principal causa de morte no mundo. Além desse aspecto, as DCVs produzem impactos sociais e econômicos significativos que oneram os serviços públicos e privados de saúde. A aquisição dos conhecimentos acerca da saúde cardiovascular ocorre através de maneira fragmentada em diversos componentes curriculares dos cursos de graduação. Este formato dificulta a compreensão da importância e do impacto dos problemas de saúde que acometem este sistema vital. Todos os aspectos citados motivaram e justificaram a criação da LACARDIO. Neste sentido, a aplicação de métodos de ensino e aprendizagem baseados na integração entre os eixos ensino, pesquisa e extensão, preconizando a educação crítica reflexiva, contribuem para o alcance dos objetivos delineados pela Liga. Visto que é elementar o preparo e qualificação dos futuros profissionais da saúde no atendimento das altas demandas dos serviços de saúde na área da cardiologia. Com este propósito a LACARDIO busca sedimentar o conhecimento acadêmico, através do contato entre discentes e comunidade, qualificando e incentivando a abordagem multidisciplinar e assim, representando mais uma ferramenta na propagação de informações acerca do tema (FREIRE, 2004; SILVA et al., 2015; PANOBIANCO, et al., 2013).

O projeto surge do ensejo de que a Liga, enquanto integrante da tripartição da formação acadêmica, demonstra ser uma ferramenta valiosa para complementar a formação do estudante, em consonância com as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). E assim, formar profissionais conscientes e pautados no cuidado holístico e técnico científico, contribuindo para a incorporação de saberes e boas práticas. A educação em saúde contribui de maneira expressiva na promoção da saúde e bem-estar. Produzindo políticas de prevenção, sendo alicerce efetivo para a assistência humanizada e especializada (BRASIL, 2014).

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo produzir um relato de experiência através da apresentação das atividades desenvolvidas pela LACARDIO e seu alcance na comunidade em geral. Além disso, esse relato busca trazer uma reflexão quanto a contribuição da Liga na comunidade acadêmica durante seu primeiro ano institucional de atividades.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência acerca das atividades desenvolvidas pela LACARDIO durante o seu primeiro ano após a fundação em 05 de novembro de 2021. A Liga é um projeto de extensão vinculado ao Colegiado de Bases Biológicas e da Saúde da Faculdade de Ceilândia (CBBS-FCE), coordenado pela Prof^a. Dr^a. Tatiana Ramos Lavich. A constituição da equipe, entre diretores e membros efetivos, se dá por acadêmicos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Terapia Ocupacional, além da coordenadora do projeto, sendo seus processos seletivos abertos a todos os cursos de graduação da área da saúde da UnB.

Considerando os impactos das doenças cardiovasculares, bem como a formação generalista dos alunos dos cursos de saúde, as atividades da LACARDIO visam atender estas demandas. Ou seja, as atividades da Liga são elaboradas e desenvolvidas com o intuito de contribuir na formação dos discentes da UnB, através da ampliação dos conhecimentos acerca de diversos aspectos relacionados ao sistema cardiovascular, além da produção de conteúdo sobre saúde cardiovascular em um formato acessível e de fácil compreensão para o público em geral.

Os membros da Liga foram organizados em diferentes equipes com finalidade de produzirem materiais informativos, educativos e conteudísticos. Estas produções envolvem diferentes ferramentas de comunicação, tais como: seminários, publicações escritas e ilustrativas. A principal plataforma de publicação utilizada é o Instagram (disponível em: <https://www.instagram.com/lacardio.unb>). O material escrito e ilustrado foi organizado em capítulos para compor um ebook e assim produzir uma ferramenta conteudista.

A Liga conecta-se à atividade de ensino da universidade através da produção de materiais complementares para a disciplina Sistema de Manutenção da Vida (SMV), obrigatória para 5 dos 6 cursos de graduação da Faculdade de Ceilândia (FCE), sendo ministrada pela orientadora do projeto. A disciplina tem oferta semestral com cerca de 200 alunos matriculados. A contribuição da Liga com SMV se dá principalmente através da elaboração de estudos de casos clínicos, o que possibilita o desenvolvimento do raciocínio clínico dos estudantes matriculados na disciplina, bem como dos ligantes. Nesse sentido, os ligantes são protagonistas no planejamento, submissão e execução de atividades sob supervisão e apoio dos diretores. Seja na criação de podcasts, vídeos, documen-

tários, curtas, dinâmicas, jogos ou cartilhas. A Liga também desenvolve atividades em parceria com outras ligas acadêmicas e projetos de extensão da FCE e assim amplia a sua atuação extensionista e multidisciplinar. Também são oferecidas para a comunidade interna e externa, oficinas de capacitação, webinários, aulões, palestras, dentre outras. Em todas as edições da Semana Universitária da Universidade de Brasília a Liga promove um evento com temas diferentes (LACARDIO na SemUni), pautados principalmente em questões atuais da saúde cardiovascular. Constitui-se como principal local de atividade do projeto o campus da FCE, além das redes sociais do projeto, bem como lugares abertos de livre e grande circulação de público.

A sistematização das atividades da Liga se dá a partir da demanda espontânea da comunidade acadêmica e dos objetivos a serem atingidos em cada semestre letivo. Anualmente são realizadas reuniões para delineamento dos objetivos, com sugestões de temas, dinâmicas e atividades a serem desenvolvidas. Semestralmente são realizados *brainstorm* com os membros da Liga para sistematização das abordagens educativas de ensino, pesquisa e extensão. Estas atividades abrangem desde conhecimentos básicos do sistema cardiovascular, como anatomia, fisiologia, farmacologia e patologia até a efetiva aplicação clínica, como profilaxia, diagnóstico e tratamento. Todas estas atividades são baseadas nas diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os encontros da Liga ao longo do semestre são quinzenais, alternados entre presencial e remoto, com propósito de uma melhor experiência de abordagem teórico-prática, com professores e profissionais atuantes na área. Estes envolvem discussões sobre os diversos aspectos em relação à pluralidade de temáticas inerentes à área. Essas atividades ocorreram remotamente através do Microsoft Teams ou presencialmente na sala de aula na Unidade Acadêmica (UAC) e no Laboratório de Habilidades e Simulação do Cuidar da FCE. Além disso, a equipe realiza reuniões em grupos menores de trabalho (GT's), de forma virtual ou presencial, com o intuito de planejar melhor o andamento das atividades.

Para a consecução da produção de elementos virtuais, didáticos e/ou instrucionais, além dos demais materiais citados acima, são utilizados: o pacote Office 365, um produto Microsoft de software de produtividade baseado em nuvem, em versões online para Microsoft Word, PowerPoint, Excel e OneNote em uma experiência integrada e produtiva (WILSON, 2014). Como suporte aos recursos gráficos, também utilizamos a plataforma Canva, que permite o desenvolvimento de projetos gráficos de forma simples e intuitiva, utilizando a ferramenta própria da plataforma, além de possibilitar a elaboração compartilhada do conteúdo entre os membros do projeto, facilitando o desenvolvimento das atividades (GEHRED, 2020). Ambos estão disponíveis gratuitamente por meio de uma conexão institucional com a universidade.

A mensuração da abrangência extensionista da LACARDIO para a produção dos resultados que compõem este relato de experiência se deu através da contabilização e da caracterização do público atingido, tanto no âmbito virtual quanto nas atividades presenciais.

RESULTADOS

As ações de extensão vinculadas à LACARDIO se desdramatizam desde as redes sociais, até o ambiente interno e extramuros da universidade, sobretudo, considerando a dedicação e empenho de cada diretor e membro efetivo. Através das estratégias adotadas ao longo das reuniões e encontros de discussão científica, eles se dedicam para que as ações aconteçam. Atualmente, o perfil oficial no Instagram da Liga conta com mais de 994 seguidores, sendo 77,3% do gênero feminino, residentes no Distrito Federal e entorno, e faixa etária de 18 a 24 anos (63,3%), acompanhados por 25 a 34 anos (26,1%). Considerando a ferramenta *reels*, disponibilizada pela rede social com vista ao compartilhamento de vídeos curtos, o perfil oficial possui mais de 20.000 visualizações somadas. Evidenciando um grande interesse da comunidade pelas informações divulgadas, o que contribui com a promoção da saúde cardiovascular e democratização do acesso à informação de qualidade. Quanto ao alcance do

perfil, nos últimos 90 dias (20/08 a 18/11 de 2022), cerca de 3.934 contas obtiveram acesso aos conteúdos publicados, sendo que a maioria (3.050) não eram seguidores do projeto. Ainda em relação a esse aspecto, cerca de 1.458 contas tiveram acesso aos conteúdos publicados pela Liga em agosto, seguido de setembro com 1.619, outubro com 2.240 e novembro com 569, sendo que no mês de novembro só foram considerados os dados do período de 01 de novembro a 18 de novembro de 2022, consoante exposto na

Figura-01

Figura 1: Número de contas alcançadas pelo perfil da Liga Acadêmica Multiprofissional da Universidade de Brasília (LACARDIO UnB) nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro. * No mês de novembro foi considerado o período de 01/11 a 18/11.

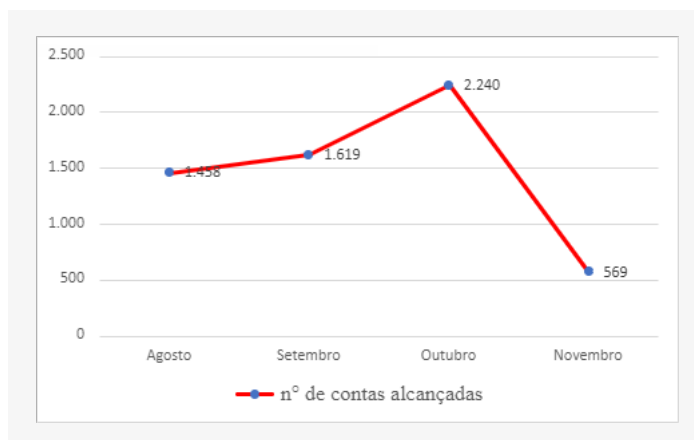
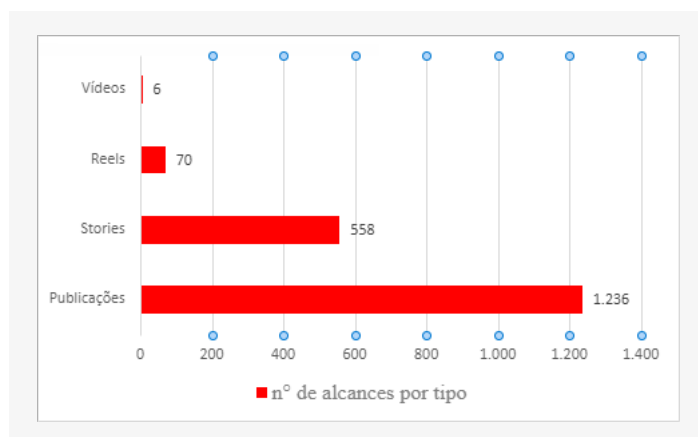


figura 1. Ademais, as visitas ao perfil aumentaram 23,4%, durante este período, o que corresponde a 2.259, e o total de impressões chegando a 46.438 (aumento de 93,3% nos últimos 90 dias), demonstrando grande retorno do compartilhamento de conteúdo. Além disso, em relação ao número de alcances por tipo, no mesmo período, as publicações no feed do Instagram da Liga alcançaram 1.236 contas, os stories, 558, seguido do reels com 70 visualizações e vídeos com 6 contas alcançadas, conforme a figura 2.

Em março de 2022, realizou-se o primeiro webinar, com o tema “Atuação da Equipe Multiprofissional no Tratamento e Cuidado de Pacientes Cardiopatas”, ministrado por profissionais renomados da área, um fisioterapeuta e um enfermeiro. A atividade contou com uma audiência de 319

Figura-02

Número de contas alcançadas por tipo no Instagram da Liga Acadêmica Multiprofissional da Universidade de Brasília (LACARDIO UnB) nos últimos 90 dias.



sábado, e através de uma perspectiva pedagógica teórico-prática, objetivou ampliar a capacidade de resposta a uma parada cardiorrespiratória a partir da demonstração e treinamento de habilidades no atendimento em situações de emergências cardiovasculares em adultos, crianças e bebês. O público estimado, ao longo de toda a manhã, foi de 50 pessoas.

Em setembro de 2022, durante a Semana Universitária comemorativa aos 100 anos de Darcy Ribeiro, foi realizada a atividade “LACARDIO na SemUni: Promoção da Saúde, Manejo de Riscos e Prevenção de Doenças Cardiovasculares”. O objetivo foi contribuir para o posicionamento crítico diante das informações acerca da manutenção da saúde cardiovascular, considerando as práticas de saúde empírica, científica, cultural, social da Promoção da Saúde, Manejo de Riscos e Prevenção de Doenças Cardiovasculares. Portanto, corroborando para a diminuição de riscos e doenças, bem como promoção da qualidade de vida, por meio do desenvolvimento nas pessoas do senso de responsabilidade pela sua própria saúde, e o aumento da capacidade de trabalho em equipe, consciência social, pessoal, e de valorização da promoção da saúde. A partir da abordagem de questões como: atividade física, alimentação saudável, dislipidemias, obesidade e sobrepeso, hipertensão arterial, diabetes mellitus, dentre outros, dá importância no incentivo à adoção de hábitos saudáveis para a prevenção e controle de doenças cardiovasculares. A atividade contou com 175 inscritos, representando 87,5% da capacidade máxima do auditório Prof^a. Clélia Parreira do *campus* Ceilândia.

Não obstante, consoante às demandas, foram discutidos nas reuniões científicas até o momento temas como: introdução ao sistema cardiovascular (anatomia e fisiologia), hipertensão arterial sistêmica, infarto agudo do miocárdio, tipos de choque, insuficiência cardíaca, arritmias, aterosclerose e arteriosclerose, eletrocardiograma e suas derivações, farmacoterapia e fisiopatologia do

espectadores sendo, 297 inscritos e 22 não inscritos, reforçando-se o objetivo do projeto de divulgação do conhecimento.

Em julho de 2022, realizou-se em parceria com a Liga Acadêmica de Enfermagem em Trauma e Emergência (LAETE), o workshop intitulado “Ressuscitação Cardiopulmonar de Alta Qualidade”, para o público interno da liga e externo. A atividade foi realizada no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek, no Distrito Federal, em uma manhã de

sistema cardiovascular, prescrição do exercício para o paciente cardiopata, saúde de populações vulneráveis e negligenciadas (olhar social), eletrocardiograma na prática clínica, fisioterapia na reabilitação de pacientes com cardiopatia, uso de drogas recreativas e o sistema cardiovascular e, por fim, a relação entre distúrbios fonoaudiológicos e doenças cardiovasculares.

Também foram realizadas visitas técnicas à Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Universitário de Brasília - HUB, com vistas a favorecer um crescimento do conhecimento e a quebra do estigma do primeiro contato com o campo de estágio, relevante no desenvolvimento teórico/prático dos alunos.

Na área da pesquisa, os estudantes prestaram apoio em projetos de iniciação científica, sobretudo na coleta de dados, e trabalhos de conclusão de curso, sob orientação da Dra. Tatiana Lavich, coordenadora do projeto. Estas pesquisas estão sendo desenvolvidas acerca das temáticas: parâmetros cardiovasculares como marcadores de estresse e sua associação no rendimento acadêmico, cardiopatias congênitas, e aspectos referentes à farmacologia e sua associação com o sistema cardiovascular.

DISCUSSÃO

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), é parte do ofício das instituições de educação superior impelir ações com caráter formativo, para aqueles que compõem a comunidade acadêmica, bem como sobrepujar as fronteiras do campus e estabelecer contato com a população que o cerca, coadjuvando acuidade na resolução de problemas sociais. E assim, formar profissionais atilados da sua atribuição na sociedade, pautados no cuidado holístico e técnico científico.

Nesse sentido, a LACARDIO UnB, enquanto projeto de extensão universitária, visa fomentar a abordagem da cardiologia de maneira teórico-prática com os acadêmicos e com a comunidade, de modo aprofundado e dinâmico, contribuindo para o ensino, pesquisa e extensão dos discentes. E assim, robustecer o conhecimento dos membros e atender às demandas clínicas da comunidade científica. À vista disso, reforça-se o papel social do projeto, considerando seu caráter integrador, bem como adaptativo às demandas do hodierno cenário, partindo para aspectos relevantes da educação em saúde, a partir do respeito e o reconhecimento de saberes populares, bem como o fomento ao diálogo, a ciência, a transformação do conhecimento. Elementos primordiais para o estabelecimento da integração universidade-sociedade, a partir da ciência.

No que tange ao papel multi e interprofissional do projeto, Peduzzi et al. (2013) traz a segregação das profissões em silos e tribos profissionais, pautando a formação na uniprofissionalidade limitada pela formação e conhecimento específico. Esse aspecto impossibilita uma maior transversalidade do conhecimento, bem como a impossibilidade de uma interprofissionalidade em prol da

integração. Ou seja, a atuação profissional individualista prejudica a colaboração e, portanto, uma articulação entre os diversos profissionais com formações distintas que cuidam de um mesmo paciente. Essa individualização compromete a promoção de uma assistência mais humanizada e holística, o que reduz a eficácia do tratamento. A educação em saúde deve ser vista com um viés interprofissional e as práticas colaborativas como um marco teórico-conceitual e metodológico, como as apostas dos ideais da reforma sanitária, reforma psiquiátrica, bem como aspectos inerentes à evolução histórica da cardiologia no Brasil possibilitando novos debates, novas discussões, novos conhecimentos e trocas de informações.

Posto isso, a LACARDIO UnB firma sua criação baseada na discussão interprofissional, alinhando seus encontros mediante temáticas que não se restringem a elementos etiológicos endógenos, biológicos e genéticos, na abordagem do processo saúde-doença. A liga entende que a promoção e a prevenção às DCVs perpassam por um debate multifatorial, dentre eles: fatores sociais, emocionais, ambientais, educacionais, culturais, econômicos, políticos, dentre outros.

Além dos aspectos supracitados, quanto a importância da integração dos futuros profissionais de saúde no ambiente acadêmico. Devemos destacar que o perfil do egresso de Enfermagem, bem como de outros cursos da saúde deve ser generalista, crítico e reflexivo, segundo 3º artigo das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (BRASIL, 2001). A formação deste perfil envolve componentes curriculares com uma abordagem mais superficial e geral dos temas. Neste sentido, a LACARDIO possibilita o aprofundamento de uma especificidade da saúde de interesse e importância na formação de todos os profissionais, que são os temas relacionados ao sistema cardiovascular.

Assim sendo, para se tornar um membro efetivo da LACARDIO UnB, atualmente basta que o aluno esteja regularmente matriculado em qualquer curso de graduação da área da saúde da Universidade de Brasília, e tenha cursado, ou esteja matriculado, em disciplinas que abordem anatomia e fisiologia cardiovascular em seu histórico, ademais, o acadêmico deve comparecer à primeira reunião do ciclo semestral da Liga e alcançar mais de 75% de presença nas reuniões e atividades que ocorrerem. Uma vez integrados aos encontros, os alunos de graduação têm acesso a todas as atividades da Liga.

Além disso, nos encontros científicos os estudantes, através de mestrandos, doutores, residentes e demais profissionais convidados, discutem a correlação entre a fisiopatologia da doença, o quadro clínico, meios diagnósticos, tratamento, prognóstico e prevenção dos diversos transtornos e afeições cardiovasculares.

É sabido que, no Brasil, as DCVs ocupam a primeira posição dentre as causas de mortalidade do país, liderando, ainda, o ranking de mortes em todo o mundo, culminando em impactos substanciais no que tange a economia e demais aspectos sociais. Além disso, as Doenças Crônicas Não

Transmissíveis (DCNT) constituem as principais responsáveis por mortes prematuras, além de impactarem negativamente na qualidade de vida. Segundo a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), estima-se que até o final do ano em torno de quatrocentos mil cidadãos brasileiros percam a vida por conta de complicações que acometem o coração e o sistema vascular. As DCVs constituem o quantitativo alarmante de até duas vezes o número de mortes em um panorama considerando todas as categorias de cânceres, três vezes no que concerne aos acidentes de trânsito e violência, e até seis vezes mais prevalente que mortes causadas por Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) ou qualquer outro quadro infeccioso (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA, 2022).

Além desse aspecto, o envelhecimento populacional advindo da maior expectativa de vida, denota aumento de ocorrência das DCNTs, bem como seus custos para a sociedade (SIQUEIRA, et al., 2017; MALTA, et al., 2011). Segundo Oliveira et al. (2021), as DCVs representam uma expressiva parcela das internações, além de serem as causas de maior necessidade de intervenções específicas dentro do âmbito hospitalar. Conseqüentemente, essas doenças impõem limitações à qualidade de vida relacionadas a aspectos físicos, sociais, financeiros e emocionais dos indivíduos (STEVENS, 2018).

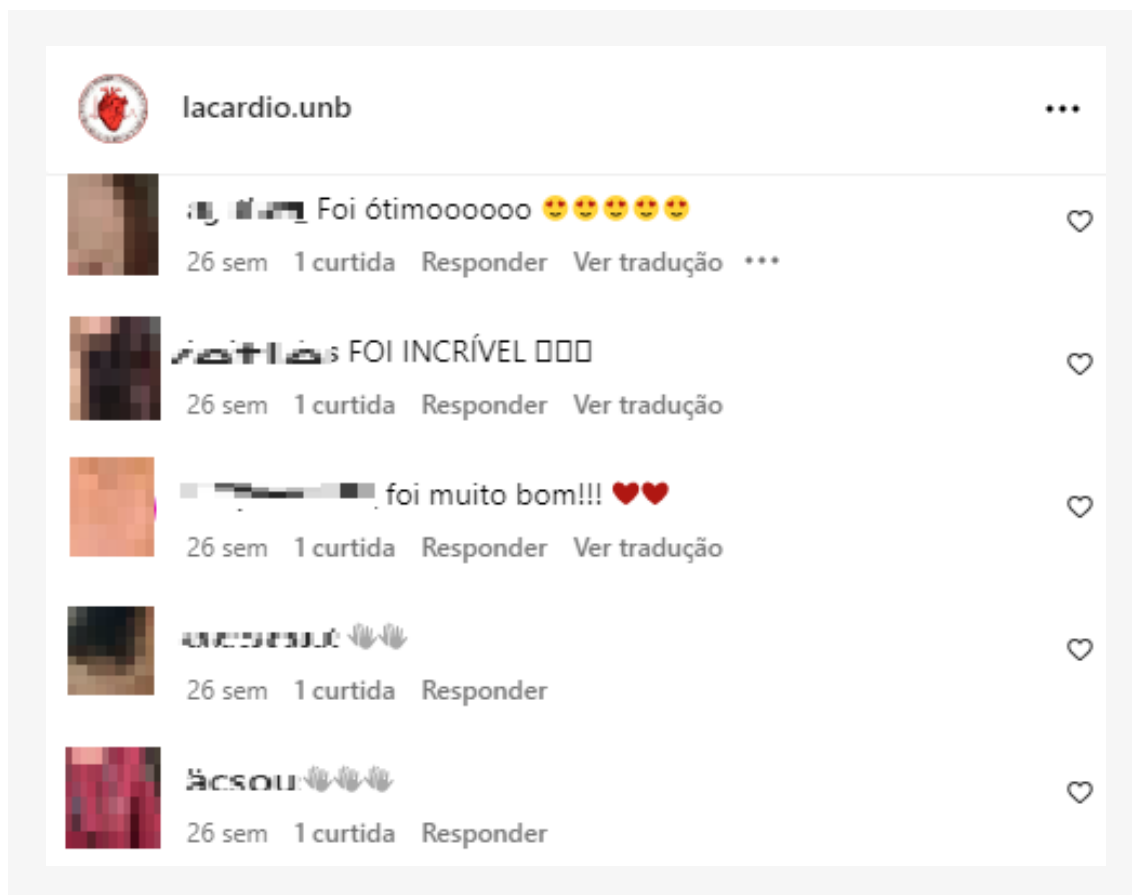
Ademais, a estruturação de programas em promoção e prevenção da saúde em cardiologia, apresenta-se como mecanismo indispensável na redução dos gastos em saúde, principalmente quando se evidencia a saúde pública. Stevens et al. (2018) avaliou o custo de quatro doenças cardíacas no Brasil (hipertensão, insuficiência cardíaca, infarto do miocárdio e fibrilação atrial), verificando que as doenças cardíacas representam substanciais custos financeiros e perda de bem-estar no Brasil.

O infarto do miocárdio acarretou o maior custo financeiro (R\$ 22,4 bilhões/6,9 bilhões de dólares), seguido de insuficiência cardíaca (R\$ 22,1 bilhões/ 6,8 bilhões de dólares), hipertensão (R\$ 8 bilhões/2,5 bilhões de dólares) e, finalmente, fibrilação atrial (R\$ 3,9 bilhões/1,2 bilhões de dólares) (STEVENS et al., 2018).

Em função disso, a LACARDIO UnB assume sua responsabilidade como extensão universitária de difundir o conhecimento científico a outros setores da sociedade. No âmbito da extensão universitária e sua amplitude extramuros, o projeto desempenha o papel de agente catalisador de experiências e aprendizado, envolvendo acadêmicos de distintas áreas da saúde e a comunidade externa. Esta atuação está alinhada aos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, delineando um cenário em que a interação entre academia e sociedade se configura como ferramenta educativa, cultural e científica. Ademais, através de plataformas como *Instagram* e *YouTube*, a liga busca não apenas transmitir conhecimento, mas também estabelecer conexões com o público

Figura-03

Comentários no Instagram da Liga Acadêmica Multiprofissional da Universidade de Brasília (LACARDIO UnB) acerca da atividade realizada no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek.



externo. O feedback obtido nessas plataformas, expresso através de comentários, interações e visualizações conforme exposto nas figuras 1, 2 e 3 (a respeito da atividade realizada no Parque da Cidade Dona Sarah Kubitschek), proporciona insights valiosos sobre como as atividades são recebidas pela comunidade em geral. Impressões essas que oferecem uma perspectiva holística sobre a eficácia das abordagens educativas da liga e sua capacidade de engajar e beneficiar a população em termos de conscientização e promoção da saúde cardiovascular.

Em outras palavras, a atuação junto à população é um suporte à saúde pública no que diz respeito à promoção e prevenção a doenças cardíacas, principalmente, no controle dos fatores de risco modificáveis. Dessa forma, os ligantes têm por finalidade elaborar ações presenciais e virtuais que conscientizem a comunidade interna e externa à universidade acerca de fatores de risco como: consumo de álcool, tabagismo, dieta inadequada, sedentarismo, dentre outros aspectos da vida diária que podem ser adotadas no combate às doenças cardíacas.

CONCLUSÃO

Visto que as DCNTs continuam sendo as principais responsáveis por óbitos no mundo, sendo as DCVs as principais causas desse grupo, se faz necessário a criação de uma liga acadêmica multi-profissional voltada para a área da cardiologia como fim de auxiliar na prevenção e promoção dessas doenças na população (DA SILVA PELLEENSE, 2021). Portanto, é fundamental que todos os profissionais de saúde tenham conhecimento suficiente para desenvolverem habilidades práticas e teóricas de auxílio aos seus pacientes, visto que devido à nova realidade epidemiológica, na qual o Brasil está inserido, o quantitativo com pacientes com alguma cardiopatia ou complicações associadas tenderá a ser maior e precisarão de conhecimento para proporcionar uma assistência adequada.

Pensando nisso, a LACARDIO UnB, pautada no tripé pesquisa, ensino e extensão, atua de modo que os seus membros efetivos possam aprofundar seus conhecimentos em uma área pouco explorada no que tange à grade curricular de seus respectivos cursos. E assim desenvolver competências substanciais, como: dinâmica de processos, tomada de decisão, comunicação e relacionamento interpessoal. Essas habilidades promovidas pela liga contribuem no aprofundamento dos conhecimentos teóricos que refletem em uma maior segurança na aplicação prática.

Nesse sentido, a LACARDIO UnB possibilita a expansão da extensão universitária, considerando um novo escopo de práticas e atividades, bem como aplicações, objetivando particularizar-se enquanto projeto. Essa atuação desvincula do espécime consuetudinário, transcendendo para além dos muros da universidade. A democratização da informação, bem como o fornecimento de subsídio para novos estudos e medidas de prevenção às DCNTs são estratégias fundamentais para a saúde pública. É pressuroso e indispensável ainda, constante aprimoramento de habilidades e estudos sobre metodologias para uma melhor inserção da extensão universitária, inserindo-a cada vez mais nos meios digitais. Além disso, é fundamental aprimorar as atividades realizadas fora do campus, buscando maior excelência na prestação de serviços para a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB. 9394/1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p.37. Brasília, 2001.

DA SILVA PELLESENSE, Márcia Cunha et al. Avaliação da mortalidade por Doenças Cardiovasculares no Brasil: Uma série temporal de 2015 a 2019. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 3, p. 202-219, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/25186/14650>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FORPROEX, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, 2012, Amazonas. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. 40 p. Disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. Disponível em: <http://www.apoeosp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

GEHRED, Alison Paige. Canva. **Journal of the Medical Library Association: JMLA**, v. 108, n. 2, p. 338, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7069818/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MALTA, Deborah Carvalho; MORAIS NETO, Otaliba Libânio de; SILVA JUNIOR, Jarbas Barbosa da. **Apresentação do plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil, 2011 a 2022**. 2011. Disponível: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742011000400002>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BR), **Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014**. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina [Internet].

Brasília: Ministério da Educação; 2014. Disponível em: **Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014**. Acesso em: 17 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Secretaria de Vigilância à Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil, 2011-2022. Brasília; 2012. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/October/01/Plano-DANT-vers--o-Consulta-p--blica.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

PANOBIANCO MS, et al. **A contribuição de uma Liga Acadêmica no ensino de graduação de Enfermagem**. Ver Rene, 2013; 14(1): 169-178. Disponível: <<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3351>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

PEDUZZI, Marina et al. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 47, p. 977-983, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/JwHsjBzBgrs9BCLXr856tzD/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, J. H. S. et al. Implementation of an Academic League of Anatomy: Challenges and Achievements. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.29, n.2, pp.310-315, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbem/a/yMsqq39mVFTWy8Y7yGRM6bv/abstract/?lang=en>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SIQUEIRA, Alessandra de Sá Earp; SIQUEIRA-FILHO, Aristarco Gonçalves de; LAND, Marcelo Gerardin Poirot. Análise do impacto econômico das doenças cardiovasculares nos últimos cinco anos no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 109, p. 39-46, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/abc/a/TjBMVD83F7NMGNCJsP9kXKD/?lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. CARDIÔMETRO. **Sociedade Brasileira de Cardiologia**. Disponível em: <<http://www.cardiometro.com.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

STEVENS, Bryce et al. The Economic Burden of Heart Conditions in Brazil. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, [S.L.], p. 29-36, 2018. Sociedade Brasileira de Cardiologia. <http://dx.doi.org/10.5935/abc.20180104>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/D5dnnrCsQ9mND6v-ZkmQZYww/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WILSON, Kevin. Microsoft office 365. In: **Using office 365**. Apress, Berkeley, CA, 2014. p. 1-14. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4302-6686-0_1. Acesso em: 15 nov. 2022.

OLIVEIRA, Thatiane Lopes et al. Fatores associados ao custo das internações hospitalares por doenças sensíveis à Atenção Primária no Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 10, p. 4541-4552, out. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/MbBB-GKLCwhQJ3xx5qpqsJQK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/doencas-cardiovasculares>. Acesso em: 23 nov de 2022.

Questões adicionais podem ser enviadas à Redação: revistaparticipação@gmail.com

Arquivo atualizado em Outubro/2023.

ARTIGO

Eletrificação rural e desenvolvimento local: implantação de sistema híbrido solar hidrocínético numa comunidade na Resex Tapajós-Arapiuns

Rural electrification and local development: Implementing a hydrokinetic solar hybrid system in a community in Resex Tapajós-Arapiuns

Rudi Henri van Els^[1]

Lazaro João Santana da Silva^[2]

Rafael Castilho Faria Mendes^[3]

Manoel Roberval Pimentel Santos^[4]

Karina Ninni Ramos^[5]

[1] (Engenharia de Energia, Laboratório de Energia e Ambiente, Universidade de Brasília)

[2] Laboratório de Energias Renováveis, Universidade Federal do Oeste do Pará)

[3] Laboratório de Energia e Ambiente Universidade de Brasília

[4] Laboratório de Energias Renováveis, Universidade Federal do Oeste do Pará

[5] Center for Global Change and Earth Observations, Michigan State University

RESUMO: O projeto de extensão “Eletrificação rural e desenvolvimento local” da Universidade de Brasília tem entre os seus objetivos a divulgação e disponibilização de tecnologias de geração descentralizada de energia a partir de fontes renováveis para comunidades rurais e este artigo apresenta os resultados da instalação de um sistema híbrido solar hidrocínético numa comunidade da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. A metodologia de implantação do sistema envolve o levantamento das demandas energéticas na comunidade, o levantamento do potencial de energia renovável e as ações já empreendidas pela comunidade para aproveitar essa energia, além do processo da escolha da tecnologia e o uso prioritário da eletricidade na comunidade. Como resultado foi instalado na comunidade de Cachoeirinha do Mentai um sistema solar fotovoltaico de 2000W e uma turbina hidrocínética flutuante de 300W, garantindo assim eletricidade para acesso à internet, iluminação e atendimento das cargas comunitárias na escola, e beneficiando toda a comunidade. O desafio agora é empoderar a comunidade para que eles consigam gerenciar e manter o sistema híbrido e usar a energia como vetor para o seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: energia renovável, Amazônia, turbina hidrocínética

ABSTRACT: The outreach project “Rural electrification and local development” of University of Brasilia has among its objectives the dissemination and promotion of technologies for decentralized energy generation from renewable sources for rural communities and this article presents the results of the installation of a hydrokinetic solar hybrid system in a community of the Tapajós-Arapiuns Extractive Reserve. The methodology to implementing the system involves the survey of the energy demands in the community, the estimation of the renewable energy potential and the actions already undertaken by the community to take advantage of this energy, as well as the selection process of the technology and the definition of the priority use of the electricity in the community. As a result, a 2000W photovoltaic solar system and a 300W floating hydrokinetic turbine were installed in the community of Cachoeirinha do Mentai, ensuring electricity for internet access, lighting and community loads in the school, and thus benefiting the entire community. The challenge now is to empower the community so that they can operate and maintain the hybrid energy system and use energy as a vector for their development.

KEYWORDS: renewable energy, Amazon, hydrokinetic turbine

INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília (UnB) tem uma longa experiência no desenvolvimento e na popularização de tecnologias apropriadas para geração alternativa de energia elétrica para comunidades rurais isoladas. As primeiras experiências começaram ainda na década de 1990 com o desenvolvimento e implantação de uma turbina hidrocínética por pesquisadores do departamento de Engenharia Mecânica, que foi instalada com sucesso para atender uma comunidade isolada no Oeste da Bahia, no município de Correntina (Els et al. 2003). A Figura 1 mostra essa primeira instalação que funcionou de 1996 a 2004 atendendo, na comunidade de Veredão, uma escola e um posto de saúde. Depois da desativação da escola e do posto de saúde, o sítio Veredão ainda foi utilizado como campo experimental de turbinas hidrocínéticas e de outras tecnologias alternativas de geração de energia elétrica com fontes renováveis (Rodrigues et al. 2009)

A tecnologia desenvolvida foi implementada em diversas comunidades principalmente na região do Oeste da Bahia e consolidou uma linha de pesquisa e desenvolvimento nessa área focada no melhoramento e “upscaling” da tecnologia (Els and Brasil Junior 2015) (Els et al. 2018).

Em 2006 a primeira instalação de uma turbina hidrocínética numa comunidade na Amazônia foi realizada no Estado do Amapá, no Assentamento Agroextrativista do Maracá - município de Mazagão. Esse projeto foi executado no contexto do Programa Luz para Todos por meio de um edital MME/CTenerg/CNPq para implementar sistemas demonstrativos de geração descentralizada de energia na Amazônia. A foto na Figura 2 mostra a turbina instalada.

A instalação dessa tecnologia na comunidade do Maracá, no Estado do Amapá, foi associada a um conjunto de ações de pesquisa e extensão para dar apoio ao desenvolvimento local da comunidade.

Figura–01

Primeira turbina hidrocínética em 1966 (autores)



Figura–02

Turbina instalada no Amapá em 2006 (autores)



A comunidade tem na exploração da Castanha-da-Amazônia (ou castanha-do-pará) sua principal atividade econômica e, por isso, fez-se o mapeamento dos principais atores e gargalos na cadeia produtiva da castanha. Além disso, foram implementadas ações e introdução de tecnologias para agregar valor à produção local da Castanha-da-Amazônia (Silva et al. 2010).

A turbina hidrocínética do Maracá funcionou até 2008, quando uma enchente de grandes proporções danificou a sua estrutura. A experiência com essas instalações em comunidades rurais mostrou que a falta de acesso à energia elétrica nas comunidades remotas e ribeirinhas na Amazônia é uma questão estrutural. A instalação de sistemas descentralizados de geração de energia elétrica nas comunidades só se sustenta se for inserida num contexto de ações para promover o desenvolvimento local (Els 2008). Ou seja, é necessária uma mudança de paradigma no tratamento dessas iniciativas. Elas devem ser implementadas como projetos de desenvolvimento local promovidos por meio de parcerias com novos atores no setor elétrico e no governo, incluindo a implementação de políticas no nível municipal (Els, Vianna, and Brasil Junior 2012).

Estima-se que existam quase 1 milhão de domicílios na Amazônia sem acesso a serviços de fornecimento de energia elétrica das empresas concessionárias de distribuição de eletricidade (Iema, 2021), e que boa parte desses domicílios vai precisar de soluções tecnológicas com geração de energia elétrica na própria comunidade para atender as suas demandas.

Entre as tecnologias disponíveis, a solução com sistemas fotovoltaicos off-grid como alternativa aos sistemas de geradores diesel/gasolina é a mais difundida e comercializada. Porém, grande parte desses sistemas é mal dimensionada e em pouco tempo eles deixam de funcionar, ou passam a funcionar de forma ineficiente, gerando nos usuários a sensação de que a tecnologia não é boa ou a relação custo-benefício não compensa. Infere-se que isso acontece em parte devido à falta de qualificação do pessoal que comercializa ou instala tais produtos.

Percebe-se que há uma enorme carência de soluções tecnológicas apropriadas para atender às demandas energéticas dessas comunidades, que na sua grande maioria está associada à falta de conhecimentos técnicos mais aprofundados sobre o processo de geração e distribuição de energia elétrica e o aproveitamento das fontes de energia disponíveis na zona rural.

Neste contexto, surge em 2020 na Universidade de Brasília a proposta do projeto de extensão “Eletrificação rural e desenvolvimento local”, com o objetivo divulgar e disponibilizar tecnologias de geração descentralizada de energia a partir de fontes renováveis para comunidades rurais, além de desenvolver soluções tecnológicas apropriadas para uso da energia em apoio ao desenvolvimento local dessas comunidades.

Para atingir os objetivos a metodologia seria trabalhar com estudantes extensionistas o acompanhamento de diversas instalações de geração alternativa de energia, por meio de estudos dirigidos,

capacitação dos estudantes e das comunidades envolvidas, além de prestação de serviços tecnológicas às comunidades.

Em 2022 o projeto é formalizado pela Faculdade de Engenharia da UnB campus Gama e o Laboratório de Energia e Ambiente da Faculdade de Tecnologia da UnB. O projeto também inclui uma parceria com o laboratório de Energias Renováveis da Universidade Federal do Oeste do Pará na cidade do Santarém-PA. A parceria da UnB com a UFOPA nessa área surgiu há tempos devido a uma pesquisa envolvendo a tecnologia de uma turbina hidráulica desenvolvida na cidade de Santarém (Sloot et al. 2015) (do Nascimento et al. 2020). Essa tecnologia foi utilizada em diversos projetos de eletrificação rural na região (Els et al. 2010).

O projeto de extensão iniciou ainda em 2021 uma parceria com a Michigan State University para implementar o projeto GCR: Convergence for Innovative Energy Solutions: Empowering Off-Grid Communities with Sustainable Energy Technologies. Este projeto tem como proposta instalar sistemas fotovoltaicos e sistemas hidrocínética em comunidades remotas da Amazônia. O projeto Convergence conta com uma equipe de pesquisadores das áreas de engenharia, energia renovável e sustentabilidade, ciências sociais, sociologia, geografia, comunicação e antropologia. A partir da parceria, escolheu-se instalar os sistemas fotovoltaicos e hidrocínicos em comunidades na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no município de Santarém, estado do Pará. O presente artigo apresentará os primeiros resultados do projeto de extensão.

METODOLOGIA DE IMPLEMENTAÇÃO

A energia elétrica é atualmente o vetor de energia mais utilizado no dia a dia das pessoas, sendo responsável pela iluminação, acionamento de motores para uma infinidade de usos e para garantir o funcionamento dos diversos sistemas de comunicação. Não se pode imaginar a vida na zona urbana e na zona rural sem o acesso aos serviços de energia elétrica.

Quando a comunidade rural não é atendida pelo serviço de fornecimento de energia elétrica das empresas concessionárias de distribuição de eletricidade, é necessário o uso de equipamentos próprios para gerar a eletricidade para serviços simples como iluminação, acionamento de máquinas e motores, bombeamento de água e comunicação.

Mesmo quando a eletricidade é gerada localmente na comunidade, a sua inserção nas comunidades tradicionais rurais ocorre como nas cidades. A lógica é de implementação de um sistema de geração centralizada que fornece um serviço de eletricidade que, de certa forma, esconde como a energia é gerada e as suas limitações. O usuário (cliente) recebe a energia numa tomada onde ele insere os seus eletrodomésticos. Isso, por si só, já define como a energia elétrica será usada na comunidade, pois depende do tipo de eletrodomésticos que conseguem adquirir. Ou seja, quem

define o uso é o tipo de eletrodoméstico ou equipamento ao qual os usuários da energia têm acesso, e não a real necessidade de executar uma ação ou atividade. Por exemplo, uma das grandes demandas nas comunidades ribeirinhas é uma força propulsora para ajudar na locomoção nas suas embarcações (canoas e bajaranas). Entretanto, não há ainda um equipamento eletrodoméstico no mercado capaz de fornecer este tipo de ação por meio da eletricidade.

O quadro a seguir mostra as necessidades típicas numa comunidade rural amazônica e qual a solução normalmente usada.

Quadro – 01: Necessidades e soluções

Necessidades	Solução atual
Cocção de alimentos	1. Lenha 2. GLP
Locomoção (na canoa)	Motor rabeta com gasolina
Iluminação nas casas	1. Rede de distribuição em corrente alternada (CA) com motogerador diesel 2. Lanterna com pilha ou bateria (recarregável por meio de carregador em CA) 3. Lamparina com querosene ou óleo diesel
Iluminação pública	Rede de distribuição em CA com motogerador diesel
Carregar celular	1. Sistema fotovoltaico convencional em CA com carregador de celular CA 2. Rede distribuição em CA com motogerador diesel
Comunicação internet	Sistema fotovoltaico convencional em CA
Distribuição de água	1. Sistema de bombeamento fotovoltaico com painel solar e inversor dedicados 2. Motobomba elétrica alimentada pela rede em CA 3. Bomba mecânica alimentada por motor de combustão interna dedicado (diesel ou gasolina)
Conservação de alimentos pelo frio	1. Geladeira por ciclo de absorção alimentada com GLP 2. Geladeira convencional alimentada pela rede de distribuição em CA
Triturar ou moer (bater) alimentos	1. Batedeira (Moedor) acionada por motor elétrico alimentado pela rede de distribuição em CA 2. Batedeira (Moedor) acionada por motor combustão interna dedicado (diesel ou gasolina)

Analisando as soluções disponíveis no mercado (eletrodomésticos), observa-se que a grande maioria trabalha com a rede elétrica em corrente alternada.

Os kits de fornecimento de energia por meio de painéis fotovoltaicos são vendidos no mercado repetindo essa lógica. O painel coletor de energia solar fotovoltaico ou *photovoltaic* (PV) recebe a energia solar e a transforma em energia elétrica cuja corrente de condução está na forma contínua (CC).

Essa energia, em geral, não pode ser utilizada no momento de sua conversão, então é necessário armazená-la em outra forma que pode ser na forma química, potencial ou térmica, ou seja, em baterias ou reservatórios elevados de água ou recipientes de armazenamento térmico. Assim, nos casos em que a necessidade do uso da energia é na forma elétrica para pôr em funcionamento os eletrodomésticos que são disponibilizados pelo mercado, é necessário introduzir equipamentos que transformam a energia elétrica em corrente contínua (CC), advinda das baterias ou diretamente dos painéis fotovoltaicos, para energia elétrica de corrente alternada (CA). Os drives para acionamento de motores elétricos e os inversores são os equipamentos que executam essa tarefa.

Entretanto, há diversos conversores (eletrodomésticos) que precisam de uma alimentação em corrente contínua (CC) para seu funcionamento. Na verdade, quase todos os equipamentos eletrônicos de iluminação, comunicação e entretenimento (rádio, televisão, computador) trabalham internamente com corrente contínua (CC) e precisam de um conversor CA/CC para sua ligação à rede de distribuição em CA. O público, em geral, não tem acesso a essa informação e nem sempre consegue fazer a escolha mais adequada do equipamento a ser adquirido.

Outra característica determinante que é escondida, quando se segue a lógica de implementação de um sistema de geração centralizada de energia, é o fato de o sistema ter capacidade finita de fornecimento de energia. As pessoas veem a tomada como uma saída infinita de energia e vão colocando novos equipamentos sem se dar conta de que a sobrecarga do sistema compromete o seu funcionamento e vida útil.

Neste sentido, é importante começar qualquer projeto de eletrificação rural com uma negociação com comunidade e todos os atores para definir, em primeiro lugar, os usos da energia (tabela de necessidade) e, dentre esses, as prioridades para o atendimento, escolhendo a solução tecnológica mais adequada.

Por exemplo, se a prioridade numa comunidade é ter iluminação na escola para possibilitar aulas noturnas, conservação da merenda escolar e uso do computador e da internet para preparar as aulas, então, pode-se dimensionar um sistema isolado somente para garantir isso. Por outro lado, se a necessidade é bombeamento de água para as casas da comunidade, então a solução apropriada é um sistema de bombeamento movido, por exemplo, a energia solar fotovoltaica, mas sem a necessidade de baterias, pois pode-se estocar a energia para a distribuição na forma de energia potencial numa caixa de água elevada.

Esse processo de negociação e priorização deve ser realizado com todos os principais atores na comunidade para garantir a participação e comprometimento de todos. Paralelamente, é fundamental envolver a comunidade na prospecção e avaliação das fontes de energia renováveis disponíveis na área que possam suprir a demanda. Normalmente, eles já têm uma noção do potencial de energia solar, hidroelétrica ou eólica presentes e a localização dessas fontes. Entretanto, falta-

-lhes a capacidade técnica para fazer a sua medição e avaliação do potencial. Outro fator que não pode ser subestimado é que as fontes renováveis (sol, água e vento) têm um comportamento sazonal e ninguém melhor que os moradores do local para indicar isso. Eles têm o histórico da enchente mais alta, ou a ventania mais forte ou o ano mais seco. Isso é fundamental para fazer o dimensionamento do potencial a ser instalado e suas limitações.

Por fim, há a escolha da tecnologia de geração para cada demanda levantada e que deve ter relação com a definição do eletrodoméstico ou do equipamento apropriado e, em função disso, a especificação da rede de distribuição CC ou AC. Mesmo quando há diversos subsistemas individuais para realizar cada tarefa, pode-se também estudar a possibilidade de interligar esses subsistemas para otimizar o seu uso. Isso pode dar origem a sistemas híbridos nos quais se pode, por exemplo, aproveitar a sazonalidade ou intermitência de cada fonte de energia.

A proposta dessa metodologia é de também empoderar a comunidade na manutenção e gestão do sistema. Afinal, a proposta é que eles se apropriem da tecnologia e façam a sua gestão comunitária. Isso não quer dizer que, uma vez instalado o sistema, toda a responsabilidade do seu funcionamento e manutenção ficará somente a cargo deles.

Há a necessidade de um quadro técnico qualificado para fazer diversas tarefas de manutenção e a comunidade por si só não tem acesso a esse quadro. Isso mostra a necessidade de criar com outras instituições públicas ou privadas um arranjo de instituições de apoio para que o sistema se sustente para além do período de instalação e, que haja acompanhamento técnico do projeto nos seus primeiros anos. A seção a seguir mostra a aplicação dessa metodologia numa comunidade ribeirinha na Amazônia.

RESULTADOS

A Reserva Extrativista (Resex) de Tapajós-Arapiuns é uma unidade de conservação de uso sustentável criada em 1998 para formalizar o uso da área por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.

A área da Resex é de 647.611 hectares. Também é a mais populosa do país, com cerca de 4.853 famílias e 23 mil habitantes distribuídos em 72 comunidades (Saúde e Alegria, 2015). O acesso às comunidades da Resex dá-se pelos rios Tapajós e Arapiuns por meio de embarcações e não há acessos por rodovias.

VIAGEM EXPLORATÓRIA

Em março de 2022, as equipes do MSU e da UFOPA fizeram uma viagem exploratória de quatro dias pelos rios Arapiuns e Mentai visitando as comunidades mostradas no mapa na Figura 3. Essa viagem tinha por objetivo fazer contatos com as lideranças locais e levantar a situação das comunidades, especialmente no tocante ao acesso à energia. A viagem de Santarém até à vila de Mentai num barco regional dura em média 9 a 10 horas. O trajeto no Rio Mentai e o trecho entre Prainha do Maró e Porto Rico foram feitos com voadeiras, pois o nível da água não permitia a navegação com barco regional.

LEVANTAMENTO DE CAMPO

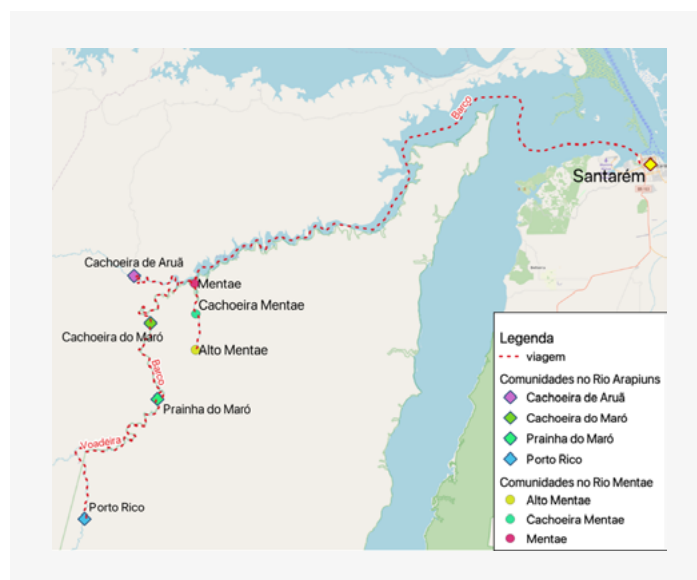
A partir dessa experiência foi planejada uma viagem de levantamento de campo com a equipe de pesquisadores da MSU, da UFOPA e da UnB para fazer medições de potencial hidroenergético em alguns sítios potenciais e apresentar o projeto a algumas comunidades. A viagem de levantamento de campo foi realizada entre os dias 25 e 29 de abril de 2022 com a participação de 5 pesquisadores e 4 estudantes do curso de engenharia da UFOPA, além de equipe de apoio e membros do ICMBio. A viagem também serviu para capacitar a equipe de pesquisadores e estudantes em técnicas de levantamento de velocidade e vazão da água dos rios e avaliação de sítios potenciais para energia solar e hidroenergética.

Nessa viagem foi feita a avaliação de vários locais onde a comunidade tinha indicado a possibilidade de instalação de micro usinas para aproveitar o potencial hidroenergético. O melhor sítio para a instalação de uma turbina hidrocinética foi na comunidade de Cachoeirinha do Mentai.

Entretanto, chamou a atenção a quantidade de sítios onde algumas comunidades já tinham experimentado a instalação de rodas de água e turbinas hidráulicas Indalma por conta própria

Figura-03

Mapa da viagem exploratória no Resex



ou com apoio de ONGs. A tabela a seguir mostra os sítios levantados e os estados dos equipamentos encontrados.

Quadro - 02. Sítios levantados

Sítio	Tecnologia	Potencial	Situação
Alto Mentai	Micro Usina Hidrelétrica com turbina Indalma (Figura 4, Figura 5).	10.000W	Instalada em 2010, funcionou por 10 anos até que deu problemas na barragem de terra construída pela comunidade.
Alto Mentai	Roda de água no curso do rio sem construção de barragem (Figura 6)	100W (estimada)	Não funcionou, pois não tem velocidade da água no lugar onde foi colocada a roda.
Cachoeira de Aruã	Micro Usina Hidrelétrica com turbina Indalma – sem barragem	80.000W	Instalada em 2006 e funcionando até agora, gerenciada pela comunidade
Cachoeira do Maró	Construção de uma barragem de 2 m de altura num igarapé para colocar uma roda d'água ou turbina (Figura 7).	500W (estimada)	A barragem não foi concluída. Falta um projeto técnico da barragem e da casa de máquina, além de escolha do equipamento conversor.
Prainha do Maró	Construção de uma barragem de 5 m de altura para colocação de uma roda d'água (Figura 8)		Barragem de madeira e terra incompleta dimensionada de forma inadequada
Prainha do Maró	Construção de uma barragem de 3 m (Figura 9).		Estrutura não concluída para apoiar roda d'água, em concreto e ponte de madeira sobre o rio

Das 6 iniciativas levantadas, uma está funcionando há mais de 17 anos, gerenciada pela própria comunidade. Essa instalação foi implementada por uma equipe de engenheiros/pesquisadores da Universidade Federal do Itajubá com financiamento do governo federal por meio do edital de pesquisa CTenerg/MME/CNPq 2003, e contou com todo um arranjo de atores locais para garantir a mobilização e o empoderamento da comunidade, uma empresa local para fabricar os componentes da micro usina hidrelétrica e a interface com o setor elétrico, por meio de Ministério de Minas e Energia (MME).

A segunda iniciativa de sucesso foi a instalação de uma microcentral no Alto Mentai, pela própria comunidade, com apoio de um ONG local (Projeto Iara) financiada pelo governo alemão. A central funcionou durante 10 anos, mas foi desligada devido a problemas com a barragem. Infere-se que não houve um projeto adequado para a construção da barragem, tampouco o seu acompanhamento foi realizado por profissional qualificado. O sistema de captação de água, a casa de máquina e a rede de transmissão ainda se encontram em bom estado de preservação e foram construídos de forma apropriada.

Figura-04

Casa de máquina MCH Alto Mentai (autores)



Figura-05

Barragem de madeira e terra Alto Mentai (autores)



De alguma forma as comunidades não ficam sem energia elétrica e procuraram alternativas para garantir esse serviço tão necessário. As experiências com rodas de água nas comunidades do Alto Mentai, Cachoeira do Maró e Prainha do Maró mostram bem essas tentativas que podem ser denominadas de “desesperadas”. Sem um acompanhamento técnico adequado ou projetos técnicos apropriados, as comunidades fizeram um esforço empreendendo recursos financeiros, material e mão de obra para montar as estruturas sem as devidas garantias do seu funcionamento. As figuras 6 a 9 dão uma ideia do trabalho empreendido.

O levantamento de campo teve como resultado secundário o mapeamento das iniciativas malsucedidas, e isso pode ser usado como um ponto de partida para uma ação de capacitação para o redimensionamento dessas propostas de geração de energia.

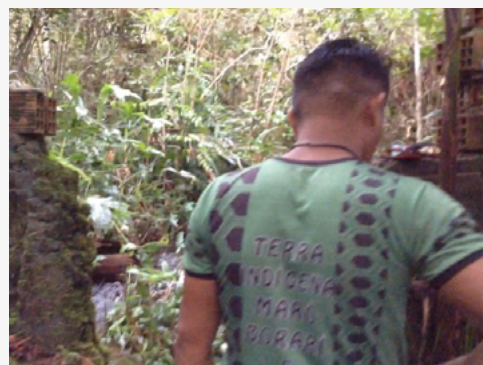
Figura-06

Figura 6: Roda d’água - Alto Mentai (acervo Convergence Igor Johansen)



Figura-07

Figura 7: Barragem não concluída - Cachoeira Maró (autores)



Figura–08

Figura 8: Barragem não concluída - Prainha do Maró (autores)



Figura–09

Figura 9: Sítio para instalar roda d'água -Prainha do Maro (autores)



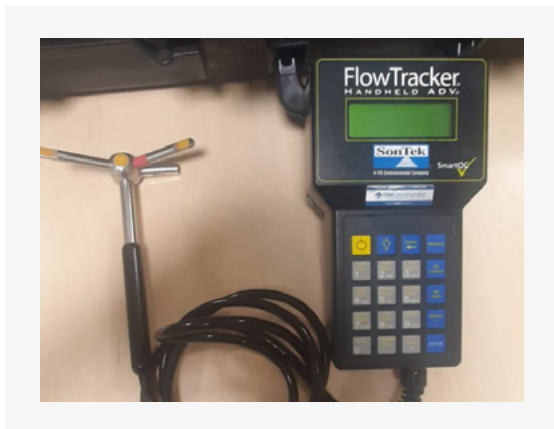
Por fim, foi escolhida a comunidade de Cachoeirinha do Mentai para sediar a instalação da turbina hidrocínética. O processo se iniciou com uma negociação com a comunidade para hospedar o projeto. Nessa negociação, a equipe deixou claro, para a comunidade, que se trata de um projeto demonstrativo, cuja principal meta é mostrar que a tecnologia hidrocínética pode ser uma opção para gerar energia elétrica. Também foi dito que a capacidade de geração de energia dessa proposta seria limitada e, portanto, suficiente para alimentar somente algumas cargas comunitárias como, por exemplo, o sistema de comunicação via internet ou alguns pontos de iluminação em poucos espaços comunitários. Também foi negociado que a comunidade receberia um sistema de geração de energia solar convencional por meio de painéis fotovoltaicos (PV) para o atendimento da escola e do espaço comunitário, incluindo o acesso à internet, visto que a comunidade já tinha um plano de conexão pago colaborativamente. O sistema da turbina hidrocínética seria interligado ao sistema PV.

Campanha de medição e ações de capacitação da comunidade

Com o objetivo de preparar a instalação da turbina hidrocínética no Rio Mentai foram realizadas algumas campanhas de medição da velocidade do rio em diversos pontos pela equipe da UFOPA. Nessas campanhas, os pesquisadores estiveram sempre acompanhados de membros da comunidade, pois também fazia parte da estratégia do grupo o envolvimento da comunidade em todas as etapas do projeto de instalação. As medições de velocidade do rio foram coletadas ao longo de um período de 01 ano, em 03 pontos indicados pelos comunitários como sendo os pontos mais adequados para a instalação da turbina. Esses levantamentos foram realizados pela equipe da UFOPA utilizando um equipamento de medição de vazão mostrado na foto da Figura 10. A participação

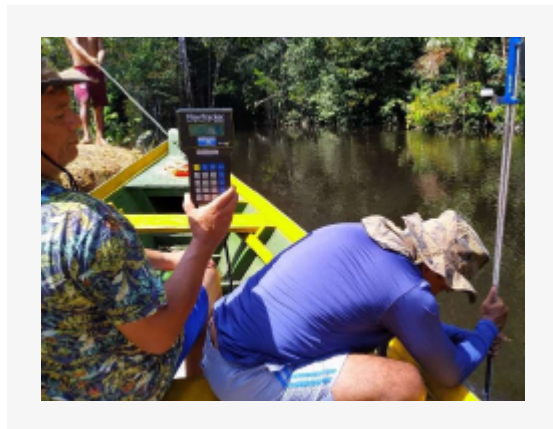
Figura–10

Instrumento utilizado para a medida de velocidade no Rio Mentai - Cachoeira Mentai. (LABER 2022).



Figura–11

Realização de medida de velocidade no rio Mentai – (LABER 2022).



da comunidade foi fundamental pois eles conhecem o comportamento do rio ao longo dos tempos. Um desses momentos é mostrado na Figura 11.

A equipe do Laboratório de Energias Renováveis (LABER) da UFOPA montou um curso de extensão para capacitar os membros da comunidade de Cachoeirinha do Mentai em noções básicas de eletricidade, energia solar fotovoltaica, energia hidrocínética e instalações elétricas. Essas capacitações foram realizadas no laboratório da UFOPA com aulas teóricas e práticas. A primeira capacitação foi no segundo semestre 2022, com ênfase em energia solar fotovoltaica. A segunda capacitação aconteceu em abril 2023 para treinar os membros da comunidade para o uso da tecnologia hidrocínética.

Figura–12

Curso de capacitação de membros das comunidades atendidas pelo projeto realizado no LABER (acervo *Convergence*).



Instalação sistema solar

O levantamento de campo na comunidade de Cachoeirinha do Mentai, fez um diagnóstico da demanda elétrica na escola e nas 10 casas da comunidade. O mapa na Figura 13 mostra a disposição das casas, a escola e a rede de distribuição elétrica alimentada por um grupo gerador à

Figura-13

Figura 13: Mapa comunidade Cachoeira Mentai

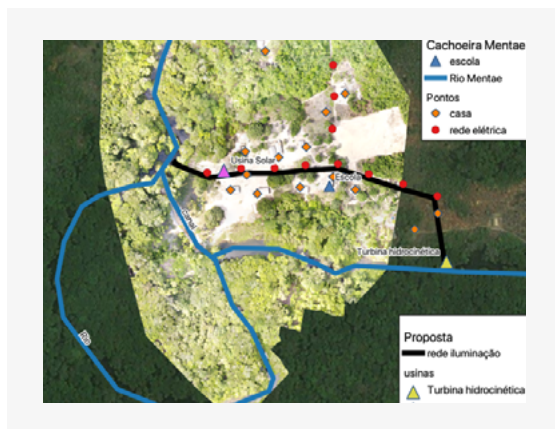


Figura-14

Figura 14: Sistema solar no Cachoeira Mentai (acervo Convergence Renato Chalu)



diesel que funciona durante algumas horas durante à noite. Vale ressaltar que o preço do litro do diesel comercializado a época, nessa região, chegou à casa dos R\$ 12,00, mais que o dobro do valor na cidade.

Há ainda na comunidade uma antena parabólica com modem para internet que foi contratada de forma coletiva. O sinal de internet é disponibilizado por meio de um roteador WiFi para todos na comunidade e seu alcance é de alguns metros do local (escola) onde o modem fica instalado. Aqui é importante comentar que a comunidade não tinha iluminação e a exposição de adultos e crianças a animais peçonhentos era real. Este sistema de comunicação era alimentado por uma placa solar PV de 100 W, contendo ainda um controlador de carga para baterias e um inversor, apoiados por duas baterias estacionárias. As baterias já não estavam mais funcionando de forma adequada e a instalação elétrica dos equipamentos eletrônicos (modem, roteador, carregador e inversor) era muito precária.

A comunidade paga um preço muito alto pelo serviço de internet (R\$ 650) que funcionava somente algumas horas à noite por causa da infraestrutura de energia precária. A equipe do projeto fez um novo projeto de um sistema PV de 1360 W para alimentar o sistema de comunicação da comunidade, iluminação de alguns pontos de concentração dos comunitários (barrações, dormitório e escola) à noite com LED de 30 W, mais um freezer na escola e a possibilidade de carga de telefones celulares. O sistema PV foi implantado em novembro 2022 por meio de mutirão na comunidade, com a colaboração dos estudantes do projeto sob a orientação dos professores da UFOPA. A Figura 14 mostra a usina PV instalada, a equipe do projeto e os membros da comunidade.

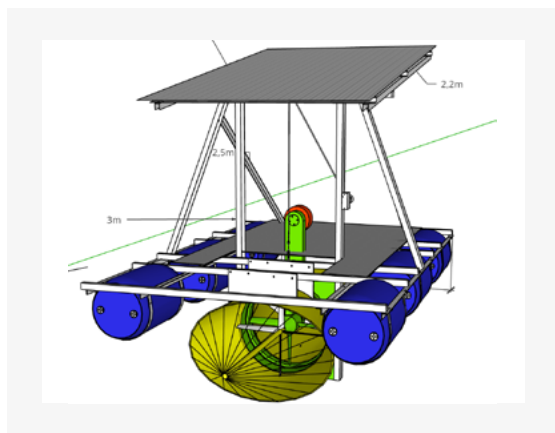
Instalação turbina hidrocínética

A partir dos dados de levantamento de campo e das campanhas de medição de velocidade foi dimensionada uma turbina hidrocínética para as características do rio Mentai. Diferente das instalações anteriores instaladas pela equipe da UnB, essa instalação tinha que levar em consideração a opção de deslocar a turbina para um lugar diferente conforme a estação do ano. No período da chuva a velocidade do rio muda de forma expressiva em comparação com o período da seca e, por isso, optou-se por desenvolver um modelo de turbina em cima de um flutuante. O desenho na Figura 15 mostra o projeto da turbina. A construção da turbina foi encomendada com uma empresa localizada na cidade de Santarém, fabricante de máquinas industriais com larga experiência com instalação de turbinas hidráulicas na Amazônia. E essa empresa também incorporou algumas inovações para facilitar o manuseio e a operação do equipamento. Em maio de 2023 a turbina foi instalada num mutirão com os moradores do Mentai, com a participação dos estudantes e dos pesquisadores da UnB, da UFOPA e da MSU num canal em frente à comunidade para os primeiros testes de campo, conforme mostrado na Figura 16. Nesse sítio a velocidade média do rio era de 0.9 m/s e a turbina conseguiu gerar uma potência de 300 Watts.

A instalação da turbina no canal não se mostrou factível por dois motivos: o canal é usado para navegação e, durante o período da seca do rio, o canal também seca. Como a estrutura que suporta a turbina é flutuante, foi proposto aos próprios moradores da comunidade que escolhessem o local nos arredores que fosse o mais apropriado para a instalação da turbina, observando os seguintes fatores: o local deve apresentar uma velocidade média do rio que se mantenha aproximadamente constante durante o ano inteiro; a colocação da turbina não deve atrapalhar a navegação no rio e

Figura–15

Figura 15: Projeto turbina hidrocínética (Inalma)



Figura–16

Figura 16: Turbina instalada no canal do Mentai (autores)



a profundidade deve ser suficiente para manter a instalação flutuando. Como a turbina está montada num flutuante, a mudança de lugar é bastante simples.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão Eletrificação rural e desenvolvimento local, junto com o projeto Convergence da MSU instalou com sucesso uma proposta inovadora de geração de energia elétrica na comunidade de Cachoeirinha de Mentai na Reserva Extrativista do Tapajós-Arapiuns, no Estado do Pará. A proposta se baseou na expertise da UnB em tecnologia de geração de energia elétrica por meio de turbinas hidrocínéticas, no conhecimento dos pesquisadores do LABER – IEG - UFOPA em instalações de Sistemas Fotovoltaicos em comunidades isoladas, na proposta metodológica de implantação do projeto *GCR: Convergence for Innovative Energy Solutions: Empowering Off-Grid Communities with Sustainable Energy Technologies*, da MSU, e bem como na disponibilidade, conhecimento local e parceria o das comunidades rurais da região.

Quase um ano e meio depois do início das atividades, e após 6 missões de campo envolvendo ações de viagem exploratória, levantamento de campo, campanhas de medição e capacitação conseguiu-se, finalmente, instalar os equipamentos na comunidade.

A partir das demandas levantadas com os moradores locais foi instalado, inicialmente, um sistema PV off-grid de 1360 W para garantir o funcionamento da rede de internet comunitária, além de energia elétrica em CA na escola para iluminação de áreas comuns e alimentação de um freezer. A partir das características e condições do rio Mentai, na proximidade com a comunidade, foi dimensionada uma turbina hidrocínética e projetado um modelo de turbina sob uma plataforma flutuante. A construção da turbina por um fabricante local foi determinante para a produção de uma máquina robusta, adaptada às condições da Amazônia, além da garantia de assistência especializada local quando necessária.

Com a instalação da turbina e do Sistema PV se inicia agora um período de acompanhamento da operação dos equipamentos pela comunidade e pelos pesquisadores da UFOPA e UnB, além de prosseguir com as ações de capacitação para os comunitários em eletricidade e em eficiência energética, bem como o incentivo ao gerenciamento do uso da energia, de forma sustentável e responsável, pela comunidade. A proposta é que os dois sistemas (solar e hidrocínético) formem um sistema híbrido de geração de energia com estratégias do uso da energia que possam beneficiar toda a comunidade de forma coletiva. Isso ainda não está em prática, mas faz parte dos próximos passos.

O desafio agora é emponderar a comunidade para construir uma rede de apoio ao empreendimento, envolvendo atores governamentais e não governamentais locais, e usar a energia como vetor para

o seu desenvolvimento local. Da mesma forma que os moradores na zona urbana, que são atendidos por empresas do setor elétrico, por meio de concessões dadas pelo estado, há de se articular alguma política para que esse apoio também seja dado pelo setor elétrico localmente, por meio de alguma forma específica de atendimento.

Em muitas comunidades na Amazônia, a prefeitura local já fornece esse tipo de assistência. É a prefeitura que manda óleo diesel para que as comunidades tenham algumas horas de iluminação à noite. É a prefeitura que ajuda quando um equipamento de bombeamento de água precisa de uma manutenção mais técnica. A prefeitura presta este atendimento sem ter acesso aos recursos do setor elétrico, que também deveriam ser usados para este fim.

Uma possível solução seria criar mecanismos para que as prefeituras municipais tenham acesso aos recursos do setor elétrico para fazer essa assistência, pois a experiência tem mostrado que as empresas de distribuição de energia elétrica estaduais não têm se empenhado para a universalização dos serviços de energia para essas comunidades.

Pode-se criar uma empresa ou agência municipal de energia elétrica, mediante lei municipal, para poder fazer este papel de apoio. Isso não quer dizer que a gestão desses microssistemas, necessariamente, ficará a cargo da empresa municipal, mas que se tenha uma estrutura de governo capaz de acessar os recursos do setor elétrico, para dar assistência técnica especializada às comunidades. A gestão deve permanecer sob a responsabilidade das comunidades. Isso garante alguma forma de institucionalização desses microssistemas e a possibilidade de apoio estrutural.

Espera-se que essa metodologia e experiência possam ser adaptadas para atender às milhares de comunidades ribeirinhas na Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELS, Rudi Henri van. **Sustentabilidade de Projetos de Implementação de Aproveitamentos Hidroenergéticos Em Comunidades Tradicionais Na Amazônia: Casos No Suriname e Amapá**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – CDS, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ELS, Rudi Henri van; BRASIL JUNIOR, Antonio Cesar Pinho. The Brazilian Experience with Hydrokinetic Turbines. **Energy Procedia**, 75:259–64, 2015

ELS, Rudi Henri van. et. al. Hydrokinetic Turbine for Isolated Villages, **PCH Notícias & SHP News** 19:24–25, 2003

ELS, Rudi Henri van. et.al. Eletrificação Rural Em Santarém : Contribuições das Microcentrais Hidrelétricas. **Revista Brasileira de Energia** 16, (No 2, 20 sem):35–46, 2010

ELS, Rudi Henri van. et.al. Hydrokinetic Energy Conversion - State of the Art and Perspectives in Brazil. Pp. 1–14 in **1st Latin American Conference on Sustainable Development of Water Energy and Environmental Systems Latin America SDEWES-LA**. Rio de Janeiro, 2018

ELS, Rudi Henri van; VIANNA, João Nildo de Souza; BRASIL JUNIOR, Antonio Cesar Pinho. 2012. “The Brazilian Experience of Rural Electrification in the Amazon with Decentralized Generation - The Need to Change the Paradigm from Electrification to Development.” **Renewable and Sustainable Energy Reviews** 16(3):1450–61, 2012

IEMA, **exclusão elétrica na amazônia legal: quem ainda está sem acesso à energia elétrica?** 2020. <https://energiaeambiente.org.br/wp-content/uploads/2021/02/relatorio-amazonia-2021-bx.pdf>

LABER, **Relatório de atividade de campo**, Instituto de Engenharia e Geociências, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2022

DO NASCIMENTO, Erick O. et.al. Performance Assessment of an Indalma Hydro-Turbine.” **SN Applied Sciences** 2(12):2156, 2020

SLOOT, Nigel. et.al. “Experimental and Numerical Study of the Performance Characteristics of a Pico Hydro Turbine Manufactured by Indalma Industries Inc.” P. 8 in Anais 23rd **ABCM International Congress of Mechanical Engineering**. Rio de Janeiro, 2015

RODRIGUES, Alexandre Caires. et.al. 2009. “SMALL SCALE ELECTRICITY GENERATION FROM SIMULTANEOUS BURNING OF STRAIGHT VEGETABLE OIL AND SYNGAS IN COMPRESSION IGNITION ENGINE.” in **22nd International Conference on Efficiency, Cost, Optimization Simulation and Environmental Impact of Energy Systems**. Foz do Iguaçu - PR Brazil, 2009

SAÚDE E ALEGRIA. Almanaque Da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, 2015

SILVA, Osias. et.al. Secador Solar Térmico Fotovoltaico de Castanha Da Amazônia Para Uso Em Comunidades Extrativistas. in **Anais do 8o Congresso Internacional sobre Geração Distribuída e Energia no Meio Rural** - Agrener. Campinas, 2010

ARTIGO

A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica através do Projeto EACINE com o documentário: “É Rio Ou Valão”

The contribution of university extension for academic education due EACINE Project with the documentary: “É Rio Ou Valão”

Suzana Bittencourt ^[1]

Márcia Bezerra ^[2]

L. N. Luiza ^[3]

[1] Universidade Federal do Pará (UFPA)

[2] Universidade Federal do Pará (UFPA)

[3] Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O audiovisual é um instrumento de ensino-aprendizagem em Educação Ambiental (EA). Com o objetivo de avaliar a eficácia do documentário “É rio ou valão?” (7ª. Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente do Circuito Tela Verde Especial do Ministério do Meio Ambiente) no ensino-aprendizagem em EA, realizamos as atividades, em escolas da região metropolitana de Belém – PA, totalizando um público-alvo de 178 alunos do ensino fundamental. Dividimos, didaticamente, as atividades em três momentos: 1. Diálogo com os estudantes sobre o Projeto EACINE e distribuição de um questionário semiestruturado; 2. Exibição do documentário; 3. Roda de conversa, com distribuição do mesmo questionário. Ao analisarmos os questionários, podemos afirmar que houve relevante evolução nas reflexões e nos argumentos dos alunos, ao compararmos os momentos 1 e 3. Percebemos que, na roda de conversa, o desempenho dos alunos nas respostas faladas foi melhor do que nas escritas. Nas falas dos alunos, houve contribuições para o embasamento teórico de uma cidadania crítica, com quebras de paradigmas, além do desejo de desenvolver sugestões positivas e de realizar ações responsáveis, a fim de expandir horizontes e de solucionar os problemas da comunidade em que vivem. Portanto, o documentário despertou o interesse dos alunos, tendo em vista que o tema também é um problema presente na realidade belenense contribuindo, também, para construção de conceitos e para expressão de saberes de cidadania. Para os graduandos de Biologia da UFPA, participantes desse projeto, o documentário foi uma forma eficiente de não só aprender a ensinar, mas também de aprender a aprender, com os alunos do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Recurso audiovisual, Documentário, Ensino-aprendizagem, Educação Ambiental, Meio ambiente.

ABSTRACT: Audiovisual is a teaching-learning instrument in Environmental Education (EE). With the aim of evaluating the effectiveness of the documentary “It’s River or Big Ditch?” (7th National Exhibition of Independent Audiovisual Production of Special Green Screen Circuit of the Ministry of the Environment) in teaching-learning in EE, we carried out the activities in schools in the metropolitan region of Belém – PA, totaling a target audience of 178 students from elementary. We didactically divided the activities into three moments: 1. Dialogue with students about the EACINE Project and distribution of a semi-structured questionnaire; 2. Screening of the documentary; 3. Conversation circle, with distribution of the same questionnaire. When analyzing the questionnaires, we can say that there was a relevant evolution in the students’ reflections and arguments, when comparing moments 1 and 3. We noticed that, in the conversation circle, students’ performance in spoken answers was better than in written ones. In the students’ speeches, there were contributions to the theoretical basis of critical citizenship, with paradigm shifts, in addition to the desire to develop positive suggestions and carry out responsible actions, in order to expand horizons and solve the problems of the community in which they live. Therefore, the documentary aroused the interest of students, considering that the topic is also a problem present in the reality of Belém - PA, also contributing to the construction of concepts and the expression of citizen knowledge. For the Biology students at UFPA, participants in this project, the documentary was an efficient way of not only learning how to teach, but also learning how to learn, with elementary school students.

KEYWORDS: Audiovisual resource, Documentary, Teaching-learning, Environmental Education, Environment.

INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (EA), em seu artigo 2º, consideram a EA “uma dimensão da educação e como atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental”. (BRASIL, 2013).

De acordo com a Agência Nacional de Águas (2023), a região Norte brasileira conta com 80% da água disponível e detém aproximadamente 5% da população nacional, situação inversa a das regiões próximas ao Oceano Atlântico, que detém 45% da população e apenas 3% de água. Essa discrepância se dá pelo crescimento da população e ocupação desordenada do solo, o desenvolvimento industrial e tecnológico, que vêm acompanhados da poluição, erosão, desertificação e contaminação do lençol freático.

Silva e Santos (2012) afirmam que a produção do espaço urbano em bacias hidrográficas constitui a problemática ambiental dos rios urbanos, porque suas margens são ocupadas arbitrariamente, ou seja, o processo de urbanização quase sempre é marcado por sérios problemas ambientais: falta de vegetação ciliar, assoreamento e poluição. Já a população residente em suas margens, desenvolve diversas práticas socioambientais que degradam o rio (criação de animais, acúmulo de lixo nas margens e/ou no leito do rio, crianças brincando na área...), podendo comprometer a saúde da população.

O Programa Sala Verde Pororoca: Espaço Socioambiental Paulo Freire, localizado na Universidade Federal do Pará (CEABIO-UFPA), convênio UFPA com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), foi criado em 2006, com o objetivo de integrar ações de ensino, pesquisa e extensão em EA, no âmbito do estado do Pará. Nesse contexto, no intuito de oportunizar uma reflexão sobre temas relacionados à EA para alunos do ensino básico de escolas públicas e privadas paraenses, por meio de exibições de vídeos, provenientes de Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente do MMA, é que criamos, em 2013, o “Projeto de ensino para educação ambiental em escolas paraenses: EACINE”, que, atualmente, está em sua VI versão, dentro do Programa Sala Verde Pororoca (Silva, T.M. *et al.*, 2013, 2014; Lima *et al.*, 2014, 2015, 2016a,b, 2017; Ramos *et al.*, 2015, 2016; Silva, L. F. *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2016, 2017; Brasil *et al.*, 2016/2017, 2017, 2018; 2019a,b; Ataíde *et al.*, 2018; 2019, Belfort *et al.*, 2018; Loureiro; Nakayama, 2019). Cabe destacar que todos os primeiros autores das produções extensionistas citadas foram bolsistas do Edital Navega Saberes/ Infocentro da UFPA.

Realizamos buscas sistemáticas para a revisão da literatura a partir das bases de dados on-line da Revista Educação Ambiental em Ação, desde a primeira edição até a de n.75 e encontramos

durante esse período: 266 produções com a palavra vídeo; 120 com filme; 86 com documentário; 72 com cinema; 49 com audiovisual e 13 com desenho animado. Além disso, constatamos que os audiovisuais tratavam de problemas ambientais, sendo que a maioria abordava: lixo, coleta seletiva e matéria orgânica e inorgânica, compostagem, redução e reciclagem, preservação do meio ambiente, consumismo, poluição, desmatamento, seguido de outros temas: EA e cidadania, políticas públicas em EA, cidadania e sustentabilidade, aquecimento global, *bullying*, uso consciente da água e de energia elétrica, ciclo da água, estações de tratamento de água, interculturalidade e identidade, educação patrimonial, cadeia e teia alimentar, biodiversidade, conservação da fauna silvestre, inclusão digital, questões éticas com seres vivos não humanos, dentre outros temas (Bezerra *et al.*, 2020; Bittencourt *et al.*, 2021, 2023), demonstrando a importância do audiovisual, como instrumento de ensino-aprendizagem em EA.

Assim sendo, o artigo busca demonstra a importância da utilização do audiovisual como ferramenta na transmissão de conteúdos aqui, relacionados com o meio ambiente, por meio da conscientização sobre a importância da preservação da água. O documentário: “É rio ou valão?” adquire relevância pois demonstra a importância do conhecimento científico e tecnológico na compreensão dos efeitos da ação humana sobre a água. Torna-se de extrema importância divulgar junto à comunidade em geral, através das escolas, aspectos cotidianos das atividades que influenciem o ambiente.

METODOLOGIA

Como em todos os projetos do Programa Sala Verde Pororoca, procuramos a direção das instituições, e, com o aval dos responsáveis, apresentamos nossa proposta de ação à coordenadora pedagógica e às professoras da disciplina Biologia das escolas, solicitando apoio para a realização das atividades.

As atividades teórico-práticas foram realizadas no período letivo de 2018 a 2019, em escolas da região metropolitana de Belém – PA, totalizando um público-alvo de 178 alunos, com idades entre 14 e 19 anos. Para alunos do ensino fundamental, as atividades foram desenvolvidas nas: E.E.F.M. Lauro Sodré e E.E.F.M. Antônio Gomes Moreira Júnior.

A pesquisa teve cunho quanti-qualitativo, do tipo pesquisa ação participativa, a qual é vista como estratégia de intervenção social (Loureiro, 2007), sendo uma metodologia adequada à consecução dos objetivos científicos e sociais da pesquisa em EA.

Ao planejarmos a realização das atividades, assistimos todos os audiovisuais disponibilizados pelo MMA, no Circuito Tela Verde Especial, da 7^a. Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente (<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/educucomunicacao/circuito-tela-verde>).

Elegemos o documentário “É rio ou valão” porque narra como alunos, a partir das dúvidas levantadas e com o apoio do professor, entrevistaram moradores antigos da região, técnicos da companhia de água e esgoto e agentes comunitários, os quais contaram como um rio chegou ao atual Canal do Cunha, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. As atividades desenvolvidas nos pareceram muito didáticas e que poderiam ser replicadas na nossa realidade paraense, como canta Fafá de Belém: “Esse rio é minha rua; Minha e tua, mururé; Piso no peito da lua; Deito no chão da maré”.

Vale lembrar que na versão V, do Projeto EACINE, já havíamos apresentado o documentário “É rio ou valão” para uma turma de alunos do primeiro ano do ensino médio, da E.E.F.M. Edgar Pinheiro Porto (Ataide *et al.*, 2019).

Este trabalho se configura como pesquisa-ação participante, de acordo com Souza (1997) e dividimos, didaticamente, as atividades em três momentos:

Momento 1. Iniciamos o diálogo com os estudantes, explicando o Projeto EACINE, dentro do Programa de Extensão da UFPA (PROEX-UFPA), nossos objetivos e como se dariam os momentos das atividades que desenvolveríamos naquele dia.

Fizemos uma pequena conversa “quebra-gelo” a respeito do tema do documentário, a fim de que os alunos prestassem atenção em determinados momentos da exibição, possibilitando uma análise crítica do audiovisual. Também pontuamos conceitos como “Meio ambiente” e “Problemas ambientais”. Em seguida, distribuímos um questionário, para os alunos, contendo 7 perguntas referentes ao documentário: 1. Qual a diferença entre um rio e um valão; 2. Qual a importância de um rio, para os seres humanos? 3. Quais os organismos que vivem em um rio? 4. Quais são os impactos causados pelo lixo, nos rios? 5. Como ocorre a degradação de um rio? 6. Em sua opinião, de quem é a responsabilidade pela conservação dos recursos hídricos? e 7. De que forma o poder público, juntamente com a população, poderia ajudar na preservação dos recursos hídricos?

Momento 2. Corresponde à exibição do documentário “É rio ou valão?”, produzido pela FIOCRUZ Vídeo Saúde – Distribuidora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde.

Utilizamos esse documentário como recurso audiovisual, porque nele os alunos da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro questionam se o rio Faria Timbó, nas proximidades de onde vivem e estudam, é o mesmo rio ou já se transformou em um valão. Apesar de retratar um problema em outro estado, consideramos apropriado também à realidade paraense, possibilitando um paralelo entre as condições ambientais dos rios de cidades urbanas no passado e na atualidade.

Momento 3. Roda de conversa, na qual discutimos a questão levantada no documentário, fazendo um comparativo Rio de Janeiro-RJ com o que ocorre em Belém-PA. Por exemplo (Figura 1), à guisa

de ilustração, projetamos a cidade que, em função da ocupação desordenada, boa parte da população belenense ainda vive às margens de canais e córregos, sem saneamento básico, sendo que, muitas vezes, a população não tem preocupação com o destino do seu lixo.

Figura-01

Belém - PA e cursos hídricos (Tela do Power Point).



Após a exibição do documentário e a roda de conversa, repetimos o questionário, com as perguntas semiestruturadas, para avaliarmos se a visão dos alunos havia permanecido a mesma, se houve ampliação ou modificação.

RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Esclarecemos que, basicamente, queríamos avaliar no questionário pré-atividade (Momento 1) os conhecimentos dos alunos a respeito de questões relacionadas à poluição ambiental, à sustentabilidade, à biodiversidade, ao homem e a natureza e no pós-atividade (Momento 3), a ressignificação desses conteúdos por parte do alunado. Eles tiveram aproximadamente 15 minutos para responder ao questionário, em ambos os momentos. Preferimos expor os dados na sequência cronológica em que foram realizados e por escola.

E.E.E.F.M. Professor Antônio Gomes Moreira Júnior

Trabalhamos com quatro turmas do ensino fundamental: sexto ano (24 alunos), sétimo ano (21 alunos), oitavo ano (20 alunos) e nono ano (17 alunos), totalizando 82 alunos. Apresentamos as

atividades, para cada turma, no seu horário de aula, porém, para efeito de análise, unimos todos os alunos, independente da série.

É necessário informar que, após uma rápida olhada nas respostas do questionário, da turma 601, percebemos que alguns alunos só responderam sim ou não às questões. Ao indagarmos o motivo de tal atitude, alguns disseram que estavam com receio de que aquele questionário fosse “tipo avaliação escrita”. Após esclarecermos essa dúvida, os alunos refizeram as respostas. Em vista do exposto, nas outras turmas, já avisamos de antemão que as respostas do questionário eram apenas para nossa avaliação.

Na primeira questão, antes da exibição do documentário, 19,51% dos alunos não sabiam diferenciar um rio de um valão; a maioria (80,49%) respondeu que sabia a diferença, desses, cinquenta e sete alunos responderam que “Um rio tem vida e um valão não tem”; “No rio tem peixe”; “Dá para beber a água do rio”; “Dá para tomar banho”. A resposta: “O valão às vezes fede” foi retificada após a exibição do vídeo (Momento 3) com a frase: “O valão sempre fede”.

Após a exibição do documentário, 95,12% dos alunos responderam que sabiam a diferença e complementaram: “Em um valão existe vida também”; “Em um valão cai esgoto”, explicando que o esgoto é que alimenta com água suja os valões, ao contrário de um rio que tem uma nascente, importante diferença mencionada no vídeo e citada por eles. Apenas 4,88% dos alunos não souberam diferenciar esses ambientes, mesmo após a exibição do documentário.

Na segunda pergunta, antes da exibição, as respostas se repetiram entre todos os alunos, como pequenas variações, responderam: “Um rio nos dá alimentos”; “Podemos beber água de rios”; “Nos dá água para lavar roupas” e “Serve para navegar”. As respostas após a exibição foram: “Um rio nos dá alimentos; “Sem água não vivemos”; “Um rio serve para navegação”. “Um rio pode ajudar a entender como a cidade nasceu”. Cabe destacar os comentários após a exibição: “Alguns rios viraram ruas em Belém” e citaram algumas localidades as quais passaram por essa mudança, durante a roda de conversa, dizendo que seu avô ou seu pai haviam lhes contado.

Na terceira pergunta, inicialmente 97,56% dos alunos responderam que lá vivem “Peixes”; “Plantas”; “Bactérias” e “Algas” e 2,44% dos alunos responderam que baleias viviam em rios, sendo que os próprios colegas da turma, os orientaram sobre ser um organismo de vida marinha.

Na quarta pergunta, 73,17% dos alunos responderam: “Recolhendo o lixo”; “Limpendo os rios”; “Deixando de jogar lixo pois os peixes comem o lixo e morrem”. Um dos alunos deu uma resposta inusitada: “Cimentando o fundo dos canais para facilitar a limpeza”. Após a exibição do vídeo, as respostas não foram alteradas, o aluno que pretendia cimentar os canais ficou pensativo com sua proposta e não soube responder se aquela seria mesmo uma boa ideia.

Na quinta pergunta, 91,46% dos alunos responderam: “Com muita sujeira” e o restante não respondeu. Após a exibição, todos responderam e complementaram suas respostas com: “Quando tem muita sujeira”; “Quando é aterrado”; “Quando não pode mais correr”.

Na sexta pergunta, antes da exibição 2,44% dos alunos responderam que: “A diminuição da oxigenação é um problema”; 87,80% informaram que: “Os animais morrem de sede”; “Fica tudo poluído”; “Os peixes morrem asfixiados” e o restante não respondeu. As respostas se mantiveram após a exibição do vídeo, com o acréscimo de: “Tem também o plástico que fica dentro dos peixes”.

Na sétima pergunta, a resposta mais frequente (95,12% dos alunos) sobre a responsabilidade pela conservação dos recursos hídricos, antes da exibição do vídeo e da roda de conversa foi “Do governo”, e o restante de “Todos nós”. Após a exibição, observamos que 97,56% responderem do governo e de cada um de nós.

E.E.E.F.M. Lauro Sodré

As atividades foram desenvolvidas em quatro turmas, duas de sétimo ano (com 15 alunos cada), uma do oitavo ano (17 alunos) e uma turma do nono ano (19 alunos) do ensino fundamental, totalizando 66 alunos.

Na primeira questão antes da exibição do documentário, 87,88% dos alunos responderam que sabiam a diferença entre rio e valão, desses, 24,13% complementam: “Um rio tem vida e um valão não tem”; “No rio tem peixe”; “Dá para beber a água do rio”; “Dá para tomar banho”; a resposta “O valão às vezes fede” foi retificada após a exibição do vídeo (Momento 3) com a frase: “O valão sempre fede”, e 12,12% não sabiam diferenciar um rio de um valão. No Momento 3, todos os alunos responderam que sabiam a diferença e complementaram: “Em um valão existe vida também”; “Em um valão cai esgoto”; “O que antes era um rio pode ser tornar valão”.

Na segunda pergunta, sobre a importância de um rio para os seres humanos, todos os alunos responderam de maneira bem parecida antes da exibição, como: “Um rio nos dá alimentos”; “Podemos beber água de rios”; “Nos dá água para lavar roupas”; “Serve para navegar”; “O rio é a subsistência de alguns ribeirinhos” e “Rio é vida”. As respostas após a exibição foram: “Um rio nos dá alimentos”; “Sem água, não vivemos”; “Um rio pode ajudar a entender como a cidade nasceu”; “O rio é importante para o futuro de todos” e “Um rio serve para navegação”.

Na terceira pergunta: 87,88% dos alunos (Momento 1) responderam que em um rio vivem “Peixes”; “Plantas”; “Bactérias”, “Algas” e “Boto”. No Momento 3, todos os alunos responderam à pergunta, com as mesmas respostas.

Na quarta pergunta, sobre a preservação dos recursos hídricos, todos os alunos responderam, mostrando bastante interesse sobre essa questão, sugerindo: “Recolhendo o lixo”; “Limpendo os rios”; “Com políticas públicas mais eficazes” e “Com mais conscientização de todos”. No Momento 3 as respostas foram idênticas ao Momento1.

Na quinta pergunta, sobre a ocorrência da degradação de um rio, 93,94% dos alunos responderam: “Com muita sujeira”; “Com lixo” e “Com falta de saneamento básico”. Após a exibição, todos responderam e complementaram suas respostas com: “Quando não preservamos o rio”; “Quando é aterrado” e “Quando ele seca”.

Na sexta pergunta, antes da exibição, 86,36% dos alunos responderam que os impactos do lixo nos rios são: “A diminuição da oxigenação é um problema” e “Os peixes morrem por ingerir plásticos” e o restante não respondeu. No Momento 3, as respostas se mantiveram, alguns com acréscimo: “O rio fica fedendo”; “Os peixes ficam tóxicos para ingestão” e “O rio muda de aparência”.

Na sétima pergunta, sobre a responsabilidade pela conservação dos recursos hídricos, 93,94% dos alunos, antes da exibição, responderam que a responsabilidade era do governo e da população. Após a exibição, todos reafirmaram as respostas com: “A responsabilidade não é apenas do governo” e “Todos são responsáveis”.

Vale ressaltar que os discentes de ambas as escolas que fizeram parte do referido trabalho, se surpreenderam com o fato de o canal da Avenida Docas de Souza Franco já ter sido um ponto de desembarque de embarcações que faziam o transporte de produtos e de pessoas, e hoje está reduzido a um canal estreito (Figura 2) em uma das áreas mais nobres de Belém.

Figura-02

Avenida Doca de Souza Franco. Passado (Igarapé das Almas) e presente (Canal da Visconde de Souza Franco)



DISCUSSÃO

Na pesquisa de Ataíde *et al.* (2019), consideramos que, de forma geral, os alunos do primeiro ano do ensino médio, da E.E.F.M. Pinheiro Porto poderiam ter um melhor desempenho na avaliação, por meio do questionário, levando em conta apenas se os alunos escreveram que não sabiam responder ou se abstiveram de responder, ou seja, não sabemos se os que se abstiveram de responder, nada escreveram por falta de interesse, por dificuldade de se expressar por escrito ou por outros motivos: esperávamos que esses alunos tivessem um desempenho melhor, uma vez que, teoricamente, deveriam ter trazidos conhecimentos básicos adquiridos no ensino fundamental. Já os alunos cursando o ensino fundamental, tiveram um desempenho melhor, no Momento 3 em relação ao Momento 1.

Freitas Filho *et al.* (2008) descrevem uma experiência desenvolvida e vivenciada por professores e alunos do ensino médio, apresentada pelos professores, por meio da problematização: O que acontece quando jogamos lixo e resíduos no rio Carimã?, na qual a temática foi explorada de forma contextualizada e permitindo o desenvolvimento de diversas atividades, favorecendo a integração de conteúdos da biologia, da física e da química. Assim, em vista de considerarmos, pela qualidade das respostas do questionário apresentado, antes e depois da exibição do nosso audiovisual, aquém do esperado, sugerimos que além do documentário, sejam apresentadas outras metodologias de ensino-aprendizagem, para trabalhar de forma interdisciplinar.

Vale também questionar se os professores têm as concepções necessárias para transmitir os conhecimentos ao seu alunado. Nesse contexto, Araújo *et al.* (2012) analisaram questionários aplicados a professores de escolas públicas do RN, dos municípios de Caicó e de Parelhas, sobre os temas: qualidade de água, poluição das águas e esgotos, doenças de veiculação hídrica, importância do ambiente aquático e sensibilização ambiental, verificando que os professores reconhecem a existência de problemas relacionados à qualidade da água dos seus municípios e de que eles também se constituem agentes causadores desses problemas; além disso, que é necessário a implementação de atividades de EA e de educação em saúde, para uma maior sensibilização desses profissionais de ensino e, conseqüentemente, de seus alunos, para as questões que envolvem o tema qualidade da água.

Silveira (2011) apontou algumas dificuldades para a inserção da EA na prática educativa dos professores de Biologia: dificuldades centradas no professor, no aluno e na escola. Entre as dificuldades centradas no professor, está a confusão conceitual entre ecologia e EA, dificuldade em se trabalhar a interdisciplinaridade e medo de mudanças. Já as dificuldades centradas no aluno: a indisciplina e a falta de pré-requisitos conceituais. As dificuldades centradas na escola e educação em geral apontadas foram a falta de material didático, descaso da direção, falta de recursos para viabilizar transporte nas atividades extraclasse, falta de livros didáticos e paradidáticos adequados ao tema, para o ensino fundamental e médio, grade curricular da disciplina extensa e a falta de apoio dos órgãos governamentais.

Bezerra *et al.* (2010, p. 287) também pontuam que: “Por não viverem a escola [...] os alunos e demais elementos da comunidade não conseguem criar um sentimento de valorização, nem assimilam a importância da escola em suas vidas” concluindo (p. 280) “que a comunidade reconhece a importância de se envolver nas ações escolares, cabendo a escola viabilizar esse acesso, estruturando um ensino efetivamente significativo”.

Embasadas nas dificuldades observadas por Silveira (2011), esclarecemos as dúvidas sobre os conceitos de Ecologia e EA, partindo do princípio de que EA não é Ecologia, embora as duas possam ser articuladas, considerando-as como campos atuantes sobre um mesmo objeto de estudo (Pereira, 1993). Assim, não trabalhamos a visão de meio ambiente da Ecologia, na qual homem se torna mais uma espécie presente no meio natural, mas como tratado na EA, com uma percepção holística, na qual além das relações ecológicas de meio ambiente, são consideradas as questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Em relação às dificuldades centradas no alunado, identificamos os conhecimentos equivocados dos alunos, principalmente na roda de conversa. Entendemos que atividades teórico-práticas que ajudem os alunos a terem um novo olhar sobre o lugar em que vivem e, assim, promover mudanças de atitudes diante do próprio lixo, por exemplo, podem contribuir para um maior engajamento com a realidade do alunado, tão almejada na EA.

Nesse contexto, promover diálogos em sala de aula ajudaria a fixar melhor os conceitos, uma vez que consideramos que, de forma geral, as falas tiveram mais conteúdo que as respostas ao questionário proposto, talvez devido à dificuldade que os alunos têm para se expressarem na forma escrita. Essa percepção fica mais contundente nas falas dos alunos, na roda de conversa, pois como expressou um aluno: “Ah, professora, é mais fácil falar do que escrever”. Já Giesta (2005, p. 29) supõe que as instituições de ensino básico brasileiras ainda não estão capacitadas a garantir aos que têm acesso a ela “embasamento que permita participação do indivíduo na dinâmica do seu mundo social e político, tendo melhor compreensão da herança cultural ou possibilidades/melhorias em sua inserção no mercado de trabalho”.

Portanto, esses resultados não são um indicativo que o audiovisual não sensibilizou os alunos paraenses, os quais vivem “rodeados de água por todos os lados”. Em todas as turmas do ensino básico, os alunos possuíam informações e conhecimentos preliminares sobre a temática abordada, uma vez que percebemos pelas suas falas na roda de conversa, que têm consciência de que as comunidades mais pobres são as mais vulneráveis aos riscos ambientais nos cursos hídricos paraenses, em vista da escassez de infraestrutura básica e da probabilidade menor de se proteger contra algum desastre ambiental, como um alagamento ou uma inundação.

Algumas sugestões e críticas nas falas dos alunos: “o governo não está nem aí para o pobre, só aparece político em época de eleição, minha rua fica alagada, tem dia que nem dá para sair de casa”; “As

pessoas deveriam só colocar lixo na calçada, no dia do caminhão de lixo” e o outro complementou: “E só um pouco antes, senão o cachorro da rua rasga os sacos”; “Vamos fazer um jardim com pneus velhos, igual o que vimos em outro canto, perto do canal; aí as pessoas ficam inibidas de jogar lixo”; “Não deviam cobrar de ninguém o descarte de coisas grandes; aí vi dois sujeitos carregando um sofá, para jogar no canal”; “A Prefeitura cobra por muito entulho, aí o cara paga para um carreteiro jogar o lixo perto do canal” e outro aluno complementou: “É, o carregador vem com o carrinho de mão cheio de entulho, ninguém fala nada”; “A gente que devia ficar de olho, para pegar os folgados...”; “Não tenho certeza, mas antes parece que alagava menos. Acho que é porque estão asfaltando tudo e o solo não consegue absorver tanta água de uma vez só: um toró só”, outro aluno opinou: “Acho que o problema é uma tal de macrodrenagem do canal do Una” e outro “São as mudanças climáticas”.

Em se tratando das dificuldades centradas na escola, acreditamos que é perfeitamente possível estabelecer a prática da EA, em parceria, como a que apresentamos neste trabalho. Se essas atividades forem intensificadas, será possível alcançar resultados que poderão ser observados em médio prazo. Para isso, no entanto, antes de alunos engajados e a direção das instituições de ensino básico disposta a cooperar, é necessário que os professores, das disciplinas de Biologia e de Ciências, se empenhem e conciliem em sua disciplina a questão da EA.

CONCLUSÃO

Ao analisar os questionários, no geral, podemos afirmar que houve relevante evolução nas reflexões e nos argumentos dos alunos do ensino básico, ao comparar os momentos 1 e 3. Essa percepção fica mais contundente nas falas dos alunos, na roda de conversa, ou seja, o desempenho foi melhor nas respostas faladas do que nas escritas.

O documentário é pertinente, pois demonstra a esperança de transformação pessoal e coletiva, porque evidencia ao aluno a sua importância no processo de melhoria da qualidade de vida no seu cotidiano. Assim, observamos, nas falas dos alunos durante a roda de conversa, contribuições para o embasamento de uma cidadania crítica com quebras de paradigmas e o desejo de desenvolver sugestões positivas e de realizar ações responsáveis, para expandir horizontes e para solucionar os problemas da comunidade em que vivem.

No entanto, consideramos que ainda é necessário aprofundamento conceitual, para que os alunos possam problematizar as transformações pelas quais os rios belenenses vêm passando ao longo do tempo/espaço, sem deixar de ponderar a necessidade de estabelecer debates que reflitam as condições da prática da EA na sociedade. Assim, sugerimos que além do documentário, sejam apresentadas outras metodologias de ensino e aprendizagem, para trabalhar assuntos complexos de forma interdisciplinar.

Cabe informar que todos os graduandos (voluntários ou bolsistas) do Programa Sala Verde Pororoca são discentes dos cursos de Biologia – Licenciatura e de Oceanografia - Bacharelado, que são cursos de graduação nos quais a coordenadora do Programa Sala Verde Pororoca e do Projeto EACINE atua, como docente. Assim, é nossa preocupação que os graduandos, principalmente de Biologia, tenham uma formação eficiente na qual não só aprendam a ensinar, mas também aprendam a aprender, com seus alunos, participantes do Projeto EACINE. Dessa forma, permitindo aos graduandos uma troca de informações que não deve ser restringida aos muros da UFPA - Campus de Belém, mas amadurecida a fim de potencializar o trabalho de conscientização e de construção participativa que permita a interação e troca de saberes e a inserção nos currículos e nas práticas docentes do ensino básico.

AGRADECIMENTOS

À PROEX-UFPA pela concessão de bolsas Navega Saberes/INFOCENTRO e de bolsas Eixo Transversal, cujos bolsistas sempre desenvolveram os projetos em duplas. Às escolas E.E.F.M. Edgar Pinheiro Porto, E.E.F.M. Lauro Sodré e E.E.F.M. Antônio Gomes Moreira Júnior pelos apoios logísticos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS – ANA. **Quantidade de água**. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/panorama-das-aguas/quantidade-da-agua>. Acesso em: 20/10/2023.

ARAÚJO, M. F. F.; DANTAS, C. M.; AMORIM, A. S.; SILVEIRA, A. S.; MEDEIROS, M. L. Q. Concepções prévias de professores do ensino básico de uma região semiárida sobre qualidade de água. **Educação Ambiental em Ação**, n. 38, v. 10, Dez/2011/Fev2012. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1157>. Acesso em: 20/10/2023.

ATAIDE, B. S.; BITTENCOURT, S. C. S.; NAKAYAMA, L. O documentário “é rio ou valão?”, como instrumento de ensino e aprendizagem em educação ambiental. In: **V ENCONTRO METROPOLITANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE AMAZÔNICA**, p. 06-10, 2019.

ATAIDE, B. S.; BRASIL, J. R.; ALVES, F. L.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Audiovisual: uma alternativa para o ensino de Educação Ambiental. In: **XXX SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA**, 2018, Rio Grande - RS.

BELFORT, F. A. A.; ALVES, F. L.; BRASIL, J. R.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Projeto de ensino para educação ambiental em escolas paraenses: EACINE. In: **XXX SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA**, 2018, Rio Grande - RS.

BEZERRA, M. F. C.; BITTENCOURT, S. C. S.; NAKAYAMA, L. Contribuições da Revista Educação Ambiental em Ação para difusão do audiovisual, como instrumento de ensino e aprendizagem: edições de número 1 a 38. **Educação Ambiental em Ação**, n. 71, ano XIX, p. 1-15, Jun/Ago 2020. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3926>. Acesso em: 20/10/2023.

BEZERRA, Z. F.; SENA, F. A.; DANTAS, O. M. S.; NAKAYAMA, L.; SANTANA, A. R. Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. **Educar em Revista**, n. 37, p. 279-291. 2010. Acesso em: 20/10/2023.

BITTENCOURT, S. C. S.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Avaliação do estado da arte do audiovisual na revista educação ambiental em ação, como instrumento de ensino e aprendizagem, com ênfase nas edições 59 a 75. **Educação Ambiental em Ação**, n. 83, v. 21, p. 1-33, jun/ago 2023. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4551>. Acesso em: 20/10/2023.

BITTENCOURT, S. C. S.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Contribuições da Revista Educação Ambiental em Ação para difusão do audiovisual, como instrumento de ensino e aprendizagem: edições de número 39 a 58. **Educação Ambiental em Ação**, n. 74, v. 19, p. 1-35, Mar/Maio 2021. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4123>. Acesso em: 20/10/2023.

BRASIL, J. R.; ALVES, F. L.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. O uso do recurso audiovisual para o ensino-aprendizagem de educação ambiental em escolas paraenses: PROJETO EACINE. **Educação Ambiental em Ação**, n. 67, ano XVIII, Mar/Maio 2019a. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3591>. Acesso em: 20/10/2023.

BRASIL, J. R.; ALVES, F. L.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Projeto: EACINE como instrumento de aprendizagem em escolas de Belém – PA. VERSÃO IV. **1º. SIEPE e XIX Jornada de Extensão Universitária**, 2018.

BRASIL, J. R.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. O documentário “homem e os recifes” como recurso didático no ensino da Educação Ambiental. **Educação Ambiental em Ação**, n. 68, ano XVIII, Jun/Ago 2019, p. 1-15, 2019b. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3695>. Acesso em: 20/10/2023.

BRASIL, J. R.; SANTOS, A. L. P.; BEZERRA, M. F. C.; NAKAYAMA, L. Documentários do Circuito Tela Verde como instrumento de Educação Ambiental, em instituições de ensino fundamental belenenses – PA. In: **III Encontro Metropolitano de Atividades Programadas em Educação Ambiental: Dialogando com diversidade cultural e os saberes amazônicos**, p. 80-83, 2016/2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. In: **Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Minis-

tério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 534- 562.

FREITAS FILHO, J. R.; SANTOS, E. R.; LIMA SANTANA, G. P.; DIAS, V. D.; FREITAS, J. C. R.; FREITAS, C. R. Situação de estudo: o Rio Carimã da Cidade dos Barreiros no contexto socio-ambiental. **Educação Ambiental em Ação**, n. 23, v. 6. Mar/Maio 2008. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=560>. Acesso em: 20/10/2023.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor**: moda ou valorização do saber docente? 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005.

LIMA, A. P. Y.; RAMOS, A. S.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. EACINE como instrumento de aprendizagem em escolas de Belém – PA, parte II. In: **I CONGRESSO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO E EXTENSÃO – I CIENEX**. 2016a.

LIMA, A. P. Y.; RAMOS, A. S.; SILVA, T. M.; BITTENCOURT, G. C.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. O EACINE vai à E.E.E.F.M. Lauro Sodré - Albatroz: um projeto pela vida. In. **II Pan-amazônico de Educação Ambiental, VIII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental**. 2014.

LIMA, A. P. Y.; RAMOS, A. S.; SILVA, T. M.; NAKAYAMA, L. EACINE: os frutos da Extensão Universitária em Educação Ambiental, no ensino básico de Belém – PA. In: **XVIII Jornada de Extensão Universitária da UFPA - Recursos Naturais: Ciência, Direito e Realidade**, 2015.

LIMA, A. P. Y.; RAMOS, A. S.; SILVA, T. M.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. Educação Ambiental em escolas paraenses: Projeto EACINE. **Educação Ambiental em Ação**, n. 55, Ano XIV, p. 1-10, Mar-Maio/2016b. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2277>. Acesso em: 20/10/2023.

LIMA, A. P. Y.; RAMOS, A. S.; BRASIL, J. R.; MESQUITA, H. R.; NAKAYAMA, L. “Albatroz- um projeto pela vida” como instrumento de Educação Ambiental para graduandos de Oceanografia da UFPA. **17º. Congresso Latino-Americano de Ciências do Mar – COLACMAR**. 13 a 17 de novembro de 2017, Balneário Camboriu - SC.

LOUREIRO, C. F. B. Pesquisa-ação participante e Educação Ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: TOZONI-REIS, M. F. C. (Org.). **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental**: reflexões teóricas. São Paulo: Annablume, p. 13-56, 2007.

LOUREIRO, T. C. P.; NAKAYAMA, L. Projeto: EACINE como instrumento de aprendizagem em escolas de Belém – PA. VERSÃO V. **XX Jornada de Extensão Universitária**, 2019.

PEREIRA, A. B. **Aprendendo ecologia através da educação ambiental**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1993.

RAMOS, A. S.; LIMA, A. P. Y.; NAKAYAMA, L. Projeto EACINE como instrumento de aprendizagem em escolas de Belém – PA. In: **XVIII Jornada de Extensão Universitária da UFPA - Recursos Naturais: Ciência, Direito e Realidade**, 2015.

RAMOS, A. S.; LIMA, A. P. Y.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. O uso do audiovisual como uma ferramenta pedagógica para a Educação ambiental, parte II. In: **I CONGRESSO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO E EXTENSÃO – I CIENEX**. 2016.

SANTOS, A. L. P.; BRASIL, J. R.; BEZERRA, M. F.C.; NAKAYAMA, L. Projeto EACINE como instrumento de ensino-aprendizagem em Educação Ambiental, para escolas paraenses. **Educação Ambiental em Ação**, n. 60, Ano XVI, p. 1-11, Jul-Ago/2017. Disponível em: <http://www.revistaeta.org/artigo.php?idartigo=2717>. Acesso em: 20/10/2023.

SANTOS, A. L. P.; BRASIL, J. R.; SILVA, L. F.; NAKAYAMA, L. Terra do Meio como instrumento para educação ambiental, no Colégio Alfa, Belém – PA. In: **I CONGRESSO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO E EXTENSÃO – I CIENEX**.

SILVA, J. C. F.; SANTOS, C. C. Problemática ambiental dos rios urbanos: vulnerabilidades e riscos nas margens do Riacho da Prata na cidade de Lajedo-PE. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 03, p. 488-508, 2012.

SILVA, L. F.; BITTENCOURT, S. C. S.; NAKAYAMA, L. Documentário “Terra do Meio” como instrumento para educação ambiental: eu sou floresta... Resumo expandido. In: **VIII FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA – VIII FIPEP**. 9 a 11 de novembro de 2016, Imperatriz, Maranhão.

SILVA, T. M.; BITTENCOURT, G. C.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. No caminho do uçá: Tela Verde como instrumento de ensino e aprendizagem. In: **II ENCONTRO METROPOLITANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARTICIPATIVA**, 2013. Belém- PA, Anais... p. 17-19, 2014.

SILVA, T. M.; BITTENCOURT, G. C.; RABELO, F. M.; SIMÕES, C. C.; NAKAYAMA, L.; BITTENCOURT, S. C. S. Nas águas do Piracicaba: Tela Verde como instrumento de ensino e aprendizagem. Resumo expandido. Anais... p. 11-14. In: **I ENCONTRO METROPOLITANO DE PEDAGOGIA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES E I ENCONTRO METROPOLITANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARTICIPATIVA**. Belém- PA, 2013.

SILVEIRA, F. P. R. A. A educação ambiental no ensino de biologia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4142>. Acesso em: 20/10/2023.

SOUZA, J. F. **Pesquisa-ação participante**: realidades e desafios. **Tópicos Educacionais**, v. 15, n. 1/2, p. 65-104, 1997.

ARTIGO

Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão

Popular or Traditional Therapists and care for people and the Cerrado: extension actions

Sílvia Maria Ferreira Guimarães^[1]

Clarice Maués^[2]

Clara Fonseca^[3]

Julia Fonseca^[4]

Welitânia Rocha^[5]

Sirlene Passold^[6]

Rosiene Santos^[7]

[1] Universidade de Brasília/Professora associada

[2] Universidade de Brasília/Graduanda

[3] Universidade de Brasília/Mestranda

[4] Universidade de Brasília/graduanda

[5] Universidade de Brasília/Doutoranda

[6] Universidade de Brasília/Doutoranda

[7] Universidade de Brasília/Doutoranda

RESUMO A partir de uma aproximação com as comunidades da região da Chapada dos Veadeiros, esta ação de extensão pretende mapear e compreender os ofícios desenvolvidos pelos terapeutas populares ou tradicionais, buscando identificar suas práticas de cuidado que relacionam pessoas e o Cerrado; divulgar a importância desses ofícios em garantir uma vida plena nas comunidades; aprofundar o diálogo com a universidade com a possibilidade de fomentar diálogos inter-epistêmicos. Está baseado metodologicamente em rodas de conversas e ações voltadas para o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais nas comunidades, tendo como base a construção conjunta de ações com a comunidade (mapeamento, acervo fotográfico, trocas de sementes e mudas).

PALAVRAS-CHAVE: conhecimentos tradicionais, Chapada dos Veadeiros, Cerrado, cuidado, extensão

ABSTRACT Based on an approach to communities in the Chapada dos Veadeiros region, this extension action aims to map and understand the jobs developed by popular or traditional therapists, seeking to identify their care practices that relate people and the Cerrado; publicize the importance of these jobs in ensuring a full life in communities; deepen dialogue with the university with the possibility of fostering inter-epistemic dialogues. It is methodologically based on conversation circles and actions aimed at strengthening traditional knowledge in communities, based on joint construction with the community (mapping, photographic collection, seed and seedling exchanges)

KEYWORDS: traditional knowledge, Chapada dos Veadeiros, Cerrado, care, extension

INTRODUÇÃO

No bioma Cerrado, encontram-se em plena atividade raizeiras, raizeiros, parteiras, rezadeiras, benzedadeiras, benzedores, entre outros, atuando junto a um universo de pessoas que não se satisfaz com a exclusividade dos modos de operação da biomedicina, isto é, com a medicina científica hegemônica. Este artigo discute ações do projeto de extensão denominado “Terapeutas Populares e o cuidado com as pessoas e o Cerrado” que acontecem com terapeutas populares ou tradicionais e que se estruturam no diálogo com essas especialistas em ofícios das medicinas tradicionais, isto é, as raizeiras, os raizeiros, as benzedadeiras, os benzedores, as parteiras e outras cuidadoras, que atuam nas comunidades que compõem a região da Chapada dos Veadeiros. As terapeutas populares ou tradicionais são figuras centrais no cuidado com a vida plena das pessoas e ao mesmo tempo cuidam do bioma Cerrado, de onde retiram remédios e alimentos para o cuidado com a vida. São herdeiras de conhecimentos ancestrais, nos termos de Hampate Bâ (2010), dinamizando uma “tradição viva”, que se corporifica na terapeuta por onde fluem saberes ancestrais. Fazem parte da classe popular, trabalhadora, de áreas rurais ou peri-urbanas da região da Chapada dos Veadeiros. Enfatizar a centralidade dessas terapeutas no cuidado com a vida que engloba as pessoas e o Cerrado é reconhecer sua presença atuante na conservação do bioma e ao mesmo tempo complementando as ações dos serviços de saúde na região. Também são pensadoras atuantes que dinamizam saberes localizados, epistemes que conectam conhecimento sobre o Cerrado e o cuidado com as pessoas.

Essas pessoas estão especialmente envolvidas com manejo do Cerrado de forma sustentável com técnicas diversas que potencializam as relações com as plantas, águas, minerais e animais. As ações de extensão em tela pretendem enfatizar a importância das práticas e saberes criados por essas terapeutas nos processos de saúde-adoecimento, da produção de remédios e sua eficácia, do manejo das plantas do Cerrado e nos quintais. Também pretende mapear as redes de cuidado criadas por essas terapeutas em contexto popular como estratégias que englobam o cuidado com o Cerrado e as pessoas, e a transmissão desse conhecimento e suas técnicas.

As ações de extensão estão sendo desenvolvidas ao lado das terapeutas tradicionais ou populares do Cerrado, especialmente, mulheres idosas, o que leva este texto a privilegiar o gênero feminino na referência a essas pessoas. Em um primeiro momento, essas mulheres sentiram a atuação da vigilância sanitária e, atualmente, elas sentem pouco envolvimento e interesse de jovens das comunidades com esses saberes e práticas. Nesse sentido, fortalecer e compreender esse conhecimento e expandir sua rede de apoio configuram-se em elementos essenciais de atuação das ações de extensão. Observa-se que em algumas localidades esses saberes/práticas estão silenciados diante da pouca relevância que lhes são dados.

Compreender o ofício dessas terapeutas leva a tematizar e inserir outras formas de conhecer o mundo e fazer ciência dentro da academia, especialmente no diálogo inter-epistêmico tão rele-

vante na formação do corpo discente. Ampliar os horizontes para outras formas de conhecer é um ganho revolucionário para o fazer ciência na Universidade em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

DESENVOLVIMENTO

Em várias pesquisas e ações de extensão que este grupo^[8] tem realizado no DF e a região integrada que envolve o Distrito Federal e municípios dos estados de Goiás e Minas Gerais, desde 2013, surgiram como elementos centrais a importância das terapeutas populares ou tradicionais: como herdeiras de saberes populares ou tradicionais, como produtoras de conhecimento sobre o Cerrado, como lideranças que articulam a rede dos Sistema Únicos de Saúde (SUS) no nível local, como tradutoras das políticas de saúde para as comunidades e como protagonistas no atendimento integral e eficaz, promovendo a saúde da população (FRANÇA, 2013; CAMPOS, 2013; ANJOS, 2013; MILITÃO, 2013; MÁXIMO, 2013; SILVA, 2013; CARDOSO, 2013; SOARES, 2013; MARECO, 2014; BRITO, 2014; FERREIRA, 2015; ALMEIDA, 2016; BARBOSA, 2016; SILVA, 2016; VASCONCELOS, 2016; 2 RIBEIRO, 2015; CARDOSO, 2017; MARECO, 2017; SILVA, 2017).

O “cuidado” é palavra/prática central no universo dessas terapeutas que atuam na construção de relações sustentáveis e prósperas, não apenas de sobrevivência ou instrumentais, tanto com as pessoas quanto com o Cerrado, revelando práticas de conservação do bioma e produção do bem viver. Dominam uma epistemologia sobre as matas, águas, animais e minerais do cerrado. Dinamizam saberes localizados que apresentam uma perspectiva de atuação nas escolas, nos serviços de saúde e ambientais.

As ações de extensão deste projeto estão especialmente centradas em atividades que visam, a partir de uma aproximação com as comunidades da região da Chapada dos Veadeiros, mapear e compreender as terapeutas e suas práticas de cuidado que relacionam pessoas e o Cerrado; divulgar a importância de seus ofícios em garantir uma vida plena para as comunidades e para o Cerrado; aprofundar o diálogo com a Universidade com a possibilidade de fomentar diálogos inter-epistêmicos.

Alguns conceitos e definições formam entendimentos centrais na construção do projeto de extensão. No Cerrado, os terapeutas populares configuram-se em pessoas centrais nas redes de cuidado localizadas, atuam como lideranças e tradutoras de processos de saúde-adoecimento, além de

[8] Este projeto de extensão teve início em 2013, na Faculdade da Ceilândia-UnB, sob a coordenação da professora Sílvia Guimarães e contou com a participação ativa dos estudantes do curso de Saúde Coletiva que construíram o projeto e campo de atuação. Atualmente, está sendo desenvolvido com a coordenação da professora no Departamento de Antropologia da UnB.

fazerem as conexões entre os tratamentos tradicionais e os da medicina hegemônica. Essa inserção dessas terapeutas em redes de cuidado e com especificidades revela dimensões importantes do processo de saúde-adoecimento-cuidado em classes populares. Nas redes que conectam centros urbanos e rurais do Cerrado, há diversos regimes de saberes e modos de viver localizados, constituindo o que Ibañez-Novión (2012) denominou de “sistemas de cuidados de saúde”. Esses são sistemas de significados simbólicos articulados por instituições sociais e modelos de interação pessoal específicos. Pode-se afirmar que esses sistemas se dinamizam por meio de redes sociais acionadas em contextos populares, reunindo familiares, vizinhos, colegas de trabalho, plantas, rios, remédios, alimentos etc. e conformam a base de itinerários terapêuticos. Nessas redes, as terapeutas populares ou tradicionais tecem dinâmicas, fazem e desfazem fios de relações e criam técnicas de cuidado.

Essas terapias populares conformam sistemas médicos no sentido discutido por Langdon (1994), quando afirma que estes são sistemas culturais baseados em redes de significados e práticas construídas por determinado grupo social em determinado tempo-espço. Segundo Langdon e Wiik (2010), “os sistemas médicos de atenção à saúde, assim como as respostas dadas às doenças, são sistemas culturais, consoantes com os grupos e as realidades sociais que os produzem”. Relacionando essa ideia de “sistemas médicos culturais” com o conceito “sistema de cuidados” de Ibañez-Novión citado acima, Silva & Guimarães (2020) define “sistemas médicos populares” – onde estão as terapeutas populares – como aqueles que conformam sistemas que articulam vários elementos, os quais não dizem respeito a um todo autocontido, mas que se expandem e se espraiam concatenando várias relações e conformando uma rede ampla que dinamiza e relaciona, efetivando trocas entre espaços e temporalidades diversas. Adentram outros sistemas médicos (hegemônicos ou não), criam e compartilham técnicas, corporificam palavras da tradição oral, lidam com a agência de plantas e objetos, recriam cantos e rezas, e manejam os biomas, dando configurações aos seus territórios.

Nesse sentido, os sistemas médicos populares ou tradicionais são produzidos localmente, lidam com dimensões subjetivas e dinamizam socialidades que criam pessoas e sentimentos de identidade e pertencimento. Aqui, contextos populares ou tradicionais de cuidado são definidos no plural, os quais são criados a partir de uma intrincada articulação entre subjetividades e socialidades articuladas por grupos sociais.

As terapias populares ou tradicionais são definidas como criadas em contexto popular, onde a classe trabalhadora se faz presentes e dinamiza conhecimentos e práticas que são formulados por coletivos e repassados entre pessoas, vinculando-se ao bioma que habita e a dimensões espirituais (GUIMARÃES, 2017). Nesse sentido, essas pessoas relacionam valores, práticas e agências de sujeitos que compartilham entre si noções sobre técnicas, corpo, adoecimento, saúde, cuidado e cura. Além disso, vinculam-se ao bioma, às matas, rios, minerais e animais onde e com os quais criam relações de cuidado.

Essas terapeutas populares ou tradicionais dominam saberes e fazeres que, de acordo com Loyola (1978), não são reconhecidos muitas vezes pela medicina oficial, ou biomedicina (ciência acadêmica), o que faz suas ações serem mediadas por relações de força. Nesse sentido, esses saberes constroem-se nos centros urbanos e meio rural, em seus territórios, buscando diálogo com várias epistemes, mas muitas vezes são ignorados pelas ciências hegemônicas. No entanto, segundo Carneiro da Cunha (2009), ambos os saberes, os tradicionais e o científico são formas/modos de conhecer, entender e agir sobre o mundo. São obras abertas, inacabadas, se fazendo constantemente e legítimos para seus praticantes e usuários. Contudo, observa-se na atuação da ciência acadêmica, a imposição de um saber/modo de conhecimento hegemônico, o qual se afirma como verdade absoluta, que não aceita outras formas de conhecimento. Apresenta-se como única e se define no singular. Por sua vez, os saberes populares ou tradicionais são modos de conhecimento locais, ou melhor, são criados por diversos coletivos e, portanto, são entendidos no plural. Há tantos regimes de conhecimento popular ou tradicionais quanto existem grupos sociais. É necessário discutir como outros sistemas médicos, mesmo sendo inseridos nessa relação de força com a ciência acadêmica que os coloca numa situação de inferioridade, são utilizados e operam em complementaridade para os sujeitos.

Além das ciências acadêmicas hegemônicas, outras frentes silenciam esses conhecimentos. Este projeto de extensão levantou, por meio dos diálogos estabelecidos com as terapeutas, que ações de igrejas, da vigilância sanitária e de projetos desenvolvimentistas (agroindústrias) ignoram ou buscam silenciar esses saberes tradicionais. Por sua vez, o turismo surge como possibilidade de fomentar e apoiar essas terapeutas tradicionais, quando conta com a agência dessas guardiãs dos conhecimentos tradicionais e seus coletivos na construção de ações de turismo.

Outra perspectiva desse projeto de extensão está em estabelecer este diálogo e apresentar às estudantes da Universidade de Brasília o campo da extensão e temas para as salas de aula. Percebe-se aí uma inovação e potência criativa para se pensar caminhos científicos e extensionistas enraizados no contexto de produção de conhecimento popular e tradicional, marca da diversidade e possibilidades de inovação do pensar e fazer na academia, no Brasil.

O contexto dos ofícios populares ou tradicionais dialoga com diversas ciências acadêmicas, como as Ciências Sociais, Pedagogia, Geografia e Biologia, locais temáticos onde se insere a equipe de extensão - professora e estudantes. E complementa a discussão sobre temas voltados para socio-cosmologia, cultura, epistemologia, biologia, saúde, meio ambiente e direitos humanos. No campo de ensino, as ações se revelam com potencial de criar frutos e raízes com uma perspectiva pedagógica que visa explorar a diversidade de modos de viver, criar, ensinar e fazer ciências (epistemologias não-acadêmicas), que acreditamos que deveriam ser base das ciências acadêmicas por se conectarem com esses saberes tradicionais. No campo da pesquisa, abre possibilidades de questionamentos críticos, criação de hipóteses que se referem a vida dessas terapeutas e de suas

comunidades, sensíveis aos problemas sociais em que estão inseridos. No campo da extensão, atua em novas pedagogias dentro da universidade além de atuar ao lado das comunidades buscando fortalecer conhecimentos tradicionais que fomentam a biodiversidade e ações de cuidado locais.

A temática deste projeto de extensão está estruturalmente inserida na formação do cientista social, biólogo, geógrafo e pedagogo – áreas de formação das estudantes do projeto. E, na construção da extensão nos currículos de graduação, percebe-se a centralidade desta ação nos diálogos de saberes que é central no lócus da inserção curricular da extensão. Também converge com as discussões no curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, onde a docente e algumas estudantes vinculados a este projeto atuam, sabendo que o campo da Antropologia, em linhas gerais, é um campo de investigação que tem por objeto o mundo social, criação humana complexa e marcada pela diversidade social e simbólica e a dinamização de epistemologias diversas, que deve atuar na defesa dos direitos humanos e justiça social.

Este projeto de extensão está inserido com as temáticas do Grupo de Pesquisa do CNPq Sociabilidades, Diferenças e Desigualdade, e com o Laboratório Matula, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB. Também se relaciona com o Projeto de pesquisa intitulado: Práticas e saberes populares na saúde: contextos de criação e produção de conhecimento.

Ao focar nos saberes localizados, nas criações epistemológicas de terapeutas populares ou tradicionais, que se referem ao cuidado com as pessoas e o Cerrado, estamos tensionando uma linha de diálogo e formação, baseada no encontro de saberes. Ao mesmo tempo, ao atuar nas comunidades busca fortalecer essas ciências tradicionais, criando estratégias de fomentar e enfatizar a importância desses saberes na preservação do Cerrado e da vida das pessoas.

CAMINHO METODOLÓGICO DA EXTENSÃO E CRIAÇÃO DE AMBIÊNCIAS DIALÓGICAS

O cenário das ações de extensão em tela é o município de Alto Paraíso de Goiás, local onde este projeto de extensão se insere no Polo de Extensão da Chapada dos Veadeiros, um dos pontos da Rede dos Polos de Extensão da Universidade de Brasília. Também, contamos com ações nas comunidades quilombolas do município de Cavalcante, quilombo Kalunga e São Domingos, vizinho ao município de Alto Paraíso.

Alto Paraíso é atualmente a cidade mais turística da Chapada dos Veadeiros. Desde a década de 1970-80 a dinâmica do local vem mudando devido a chegada de pessoas ligadas ao movimento Rumo ao Sol, inspiradas pela contracultura, pelo movimento hippie e por uma perspectiva esotérica. Os “alternativos”, como são chamados pelos moradores locais, são influenciados por filosofias

ecológicas e são responsáveis por diversas ações junto aos terapeutas populares. A partir dessa chegada, Alto Paraíso se torna um ponto de encontro e de referência para pessoas que buscam experiências espirituais e místicas com base na contracultura.

Essa onda de imigrações, junto à implantação do PNCV, fomentou o turismo ecológico na região, sendo hoje a principal fonte de renda do município. Porém, devido a esse crescimento desordenado da cidade, muitos moradores locais tiveram que se mudar para áreas periféricas ou rurais, mas ainda assim é possível encontrar parteiras, benzedeiros/ores e raizeiros/os próximos ao centro da cidade, evidenciando interações entre as práticas tradicionais e o avanço da modernização. Como afirma Saraiva (2006), a região possui uma dinâmica complexa com diversos atores sociais e coletivos com interesses que vão desde o ativismo ambiental, ações econômicas, passando por comunidades tradicionais e suas necessidades de reconhecimento e garantia de direitos.

A cerca de 12 quilômetros de Alto Paraíso está localizado o Povoado do Moinho, uma comunidade quilombola que Attuch (2006) define como “fruto do encontro histórico de famílias de brancos latifundiários, índios, descendentes de quilombos e famílias sertanejas do Nordeste goiano, bem como de estados vizinhos, como a Bahia.” (ATTUCH, 2006: 49). É onde vivia Dona Flor, uma importante parteira e raizeira, reconhecida como mestra pela comunidade, que possuía uma trajetória de vida significativa junto ao município, principalmente por ter atuado como agente de saúde durante alguns anos e por ter realizado mais de 300 partos na região. Essa região ainda conta com outras raizeiras e raizeiros que são interlocutores dessas ações de extensão.

Por sua vez, a Vila de São Jorge, localizada a 37 quilômetros de Alto Paraíso, é onde fica o único portal de entrada para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e onde são realizados os principais eventos culturais e turísticos da região. A Vila de São Jorge foi fundada a partir de diversas imigrações para o trabalho nos garimpos de cristais dessa grande área que hoje faz parte do Parque. Saraiva (2006) expõe que a ocupação da região data desde o início do século XX, sendo a memória do garimpo ainda muito presente entre os mais velhos.

As metodologias que estão sendo usadas nas ações de extensão estão baseadas em dinâmicas interativas com as terapeutas populares, o que permitirá contar a história do Cerrado e do cuidado com a comunidade assim como a formação dessas grandes cientistas populares na sua interação com o Cerrado e no cuidado com as pessoas.

Em um primeiro momento, foram realizadas reuniões de apresentação do projeto e ocorreram participações das extensionistas nos eventos organizados pela comunidade relativo ao tema dos saberes tradicionais. Com essa inserção inicial, buscou-se atores sociais centrais, parceiras e interlocutoras, com quem se pretende manter o diálogo. Essas interlocutoras são terapeutas e lideranças comunitárias importantes nas comunidades da região da Chapada dos Veadeiros (quilombo do Moinho, Vila de São Jorge e cidade de Alto Paraíso). O encontro com essas lideranças e tera-

peutas, moradores da região que aceitaram contribuir com o trabalho aconteceu principalmente por meio da indicação de outras pessoas, configurando a estratégia de “bola de neve”, que tem nos levado a uma rede ampla de interações. Ao todo são cinco lideranças centrais envolvidas no trabalho, que estão nos abrindo redes de interação mais amplas.

As reuniões iniciais permitiram ouvir as inquietações e formas mais efetivas de se inserir na vida da comunidade. Essas reuniões estão baseadas em “rodas de conversa” que criam, a partir de um desenho metodológico, ambiências singulares. As rodas de conversas constituem-se em uma metodologia utilizada nos processos de ações comunitárias, voltadas para fomentar debates acerca de uma temática, criando espaços de diálogo, nos quais as pessoas possam se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos (NASCIMENTO e SILVA, 2009). Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia das pessoas por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre as envolvidas nesta metodologia (GUIMARÃES ET AL 2015).

Ao longo do ano de 2023, as extensionistas estiveram em três eventos ao lado de raizeiras da região da Chapada dos Veadeiros, onde foram realizadas oficinas e rodas de conversas.

Os encontros que participaram, os quais desencadearam oficinas e rodas de conversa, foram:

- Encontro Raízes – Grande Encontro de Raizeiras, Parteiras, Benzedadeiras e Pajés, realizado em maio de 2023, quando acompanharam três raizeiras - uma quilombola do Cedro, do município de Mineiros/GO, uma raizeira da região metropolitana da BH/MG e uma raizeira da cidade de Goiás - e dois raizeiros da região da Chapada dos Veadeiros;
- Encontro de Culturas Tradicionais, realizado em julho de 2023;
- Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, realizado em setembro de 2023, onde as extensionista organizaram uma roda de conversa com 4 raizeiras. Essa roda de conversa fez emergir possíveis perspectivas de ações voltadas para os conhecimentos tradicionais.

Ao mesmo tempo, estão sendo mantidas reuniões mais próximas com as raizeiras, quando estão sendo tematizadas linhas de ação da extensão, perspectivas de garantir maior reconhecimento desses saberes tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendidos como saberes e fazeres que foram repassados por gerações que incluem novos aprendizados, mas que contam com a marca do saber/fazer em conjunto e fluindo pela oralidade, as rodas de conversa, oficinas e reuniões individualizadas têm se revelado como pontes de diálogo centrais na aproximação com essas mulheres.

As rodas de conversa ainda estão acontecendo, pois as ações de extensão ainda estão em processo de construção. A cada roda de conversa, novas ideias surgem e, para tais conhecimentos tradicionais, não é possível delimitar um fim, mas sim uma dinâmica baseada em um tempo cíclico, que o faz contínuo e a todo momento criando novas linhas de ações.

Dessas rodas de conversas, surgiram algumas ideias para atuação do grupo de extensão. Uma dessas é a iniciativa de mapear “quintais do conhecimento”, entendidos como locais onde se potencializam a tradição viva, por meio de conhecimento sobre plantas que curam e alimentam, promovendo a saúde. O foco central para as ações dos “quintais do conhecimento” será a Vila de São Jorge, onde se irá dialogar com mulheres que mantêm quintas onde plantam, cultivam e dali retiram alimentos e remédios caseiros. Desses quintais emergem histórias de vida e de cuidado.

Também surgiu outra iniciativa que é produzir um mapa identificando os locais onde estão esses quintais e suas cuidadoras, visando potencializar uma rede de turismo que valorize esses saberes. Também planeja-se construir uma horta ou ervanário comunitário. As ideias estão ainda em andamento e discussão nos encontros que está sendo fomentado.

Observou-se nas conversas iniciais mantidas nas comunidades, como Vila de São Jorge, no município de Alto Paraíso (GO), que as interlocutoras se mostram preocupadas por não verem tais práticas de cuidado acontecendo. Por sua vez, nos quilombos Kalunga e São Domingos (GO), as interlocutoras argumentaram que sentem falta de apoio dos governos em apoiá-las. No entanto, quando se problematizou a importância dos quintais na vida das pessoas mais antigas das comunidades, foram levantadas questões que se referem a esses como locais onde estão plantas que se tornam remédios caseiros ou alimentos que curam ou previnem adoecimentos. A comunidade de São Jorge, absorvida pelo turismo e atuando em outras dimensões para com o turismo, deixou de perceber que os quintais das casas estão plenos de conhecimentos e sabedorias da medicina tradicional e que podem estar inseridos no turismo local. Encontrou-se na ideia de “quintais do conhecimento” um campo de atuação e, também, de discussão sobre a importância da medicina tradicional feita nos quintais e no Cerrado para com o cuidado com as pessoas. No caso do turismo, essas mulheres, especialmente as quilombolas, têm enfatizado a importância de serem agentes nas ações de turismo que envolvam os saberes tradicionais, pois há relatos de danos que pessoas que atuam como intermediários causam. Entre esses prejuízos estão: não receber o

devido pelo trabalho realizado; não ter o reconhecimento dos produtos que produzem; uso abusivo e usurpação do conhecimento tradicional; construção de projetos turísticos que não contemplam o coletivo.

Para o contexto do aprendizado inter-espistêmico, relacionando as estudantes com as herdeiras dos saberes tradicionais, está sendo importante dialogar e participar de encontros e eventos coletivos promovidos por essas terapeutas, quando o jogo político local se faz presente e as tensões e potencialidades desses encontros se apresentam. Também, o diálogo com essas pessoas tem permitido se abrir para outras formas de conhecimento, legítimas e implicadas com questões como justiça social e ambiental. Vale enfatizar que essas estudantes estão em interação com pessoas que atuam na preservação do bioma Cerrado que tem sido tão atacado ao longo do tempo, substituído por monoculturas e uso abusivo de agrotóxicos. Ofícios tradicionais como o de raizeiras estão sendo ameaçados com a destruição do bioma, pois esses ofícios se fazem no Cerrado, que é a fonte de conhecimento para este saber/fazer.

CONCLUSÃO

Como foi mencionado as ações do projeto de extensão “Terapeutas Populares e o cuidado com a pessoa e o Cerrado” foi marcado desde o início por uma perspectiva dialógica e construção em conjunto com as terapeutas tradicionais e lideranças comunitárias. As ações encontram-se em fluxo, ainda acontecendo e se abrindo para novas perspectivas, seguindo a fluir das palavras das herdeiras dos saberes tradicionais. Elemento central nessas ações está a valorização dos saberes tradicionais encontrados na região além de trabalhar com propostas que possam se relacionar com o turismo, o que permitirá somar em ações que já desenvolvem. Outro ponto importante do projeto se relaciona com a interação das estudantes da UnB com as mestras de saberes tradicionais, que as envolvem em um espaço de aprendizagem, quando observam questões referentes a justiça ambiental e garantia de direitos, além de reconhecimento pelo fato de serem guardiãs de saberes ancestrais no Brasil. Pretende-se manter as ações de extensão e seguir as trilhas dessas terapeutas tradicionais em suas ações inventivas em busca de justiça e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Thalita Gomes dos. 2013. **A benção terapêutica: vivência de um campo relacional**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

ATTUCH, Iara M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília. 2006.

CAMPOS, Tamara Correira Alves. 2013. **Conhecimento Popular de Dona Flor, raizeira e parteira: efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, Ítala Lopes. 2013. **O Saber-Fazer de parteiras populares no entorno do DF**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, I. 2017. **Entre narrativas biográficas: a vida de diaristas no trabalho doméstico**. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação. em Ciências e Tecnologias em Saúde) - Universidade de Brasília.

CARNEIRO DA CUNHA, M. 2009. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”. In: **Cultura com aspas e outros ensaios**. SP: Cosac & Naify.

GUIMARÃES, S.; ROSA, J. C. S. ; VASCONCELOS, J. P. R. ; ANDRADE, F. R. Por entre sociabilidades diversas: experiências de um projeto de extensão na saúde indígena. **Participação**, v. 27, p. 27-35, 2015.

GUIMARÃES, S. Olhares diversos sobre pessoas e corporalidades: os saberes e as práticas de terapeutas populares na região do DF e do entorno. In: SILVA, C & GUIMARÃES, S. **Antropologia e Saúde: diálogos indisciplinados**. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2017.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. 2010. “A tradição viva”. In KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO. pp. 167-212.

IBÁÑEZ- NOVIÓN, M. Os profissionais de saúde de formação tradicional no norte de Minas Gerais. In: FLEISCHER, S. SAUTCHUK, C. **Anatomias Populares: a antropologia médica de Martín Alberto Ibanéz-Novión**. Brasília, Ed. UnB, 2012.

LANGDON, Jean. 1994. “Representações de Doença e Itinerário Terapêutico dos Siona da Amazônia Colombiana”. In: SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). **Saúde e povos indígenas**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

LANGDON, E. J.; WIIK, F. B.. Anthropology, health and illness: an introduction to the concept of culture applied to the health sciences. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 459–466, maio 2010.

LOYOLA, M. A. 1978. “Medicina Popular”. In GUIMARÃES, R. (Org.). **Saúde e medicina no Brasil**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1978, pp. 225-250.

MARECO, T. 2014. **Acionando a terapia popular no círculo familiar na região de Ceilândia e Taguatinga (DF)**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

MARECO, T. 2017. **Gênero e cuidado no ambiente familiar**. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde) – Universidade de Brasília.

MÁXIMO, M. **Por entre espaços e temporalidades: corpo, memória e história de vida de uma benzedeira**, Monografia de graduação do curso de Saúde Coletiva, UnB, Brasília, 2013.

MILITÃO, Lorena. 2013. **O ato de partear compondo uma história de vida**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, M. A.; SILVA, C. Rodas de conversas e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. In: **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**, Porto Alegre, ago. – set., 2009.

PEREIRA, Luiz Nonato de Santana. **O ofício de raizeira: As construções sociais a partir das práticas tradicionais de saúde**. Monografia de Antropologia – Instituto de Ciências Sociais Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Brasília, São Paulo, p. 55, 2020.

SARAIVA, Regina Coelly F. **Tradição e sustentabilidade: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros**, Vila São Jorge-GO. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS/UnB, Brasília, 2006

VASCONCELOS, J. P. 2016. **A Saúde de Catadores/catadoras de materiais recicláveis**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias de Saúde, FCEUnB.



UnB | DEX